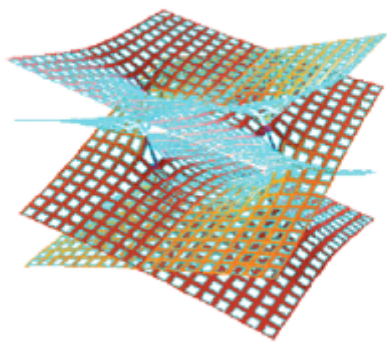


WUNSCH 13

**BOLETIM INTERNACIONAL DA
ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO**

dezembro 2012



WUNSCH

Número 13, dezembro de 2012

III ENCONTRO
INTERNACIONAL DA EPFCL
(Continuações), Paris, 2011.

Boletim internacional da
Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo lacaniano

Editorial

Wunsch 13 é o terceiro Boletim Internacional da Escola publicado pelo CIG 2010-2012: além das reflexões e elaborações dos cartéis do passe sobre suas experiências, vocês também encontrarão aqui as sequências e os ecos do III Encontro da Escola e do VI Encontro Internacional da IF-EPFCL.

A análise: fins e consequências: as Jornadas da EPFCL-França, em dezembro de 2011, também fizeram parte do III Encontro da EPFCL, que reuniu membros da Escola de todas as zonas da IF. Publicamos aqui a sequência das intervenções nas plenárias, assim como o resumo do debate “A aposta do AME”, da primeira jornada “A Escola à prova do passe”.

Resposta de Analista: clínica e ética: nó entre intensão e extensão da psicanálise, os ecos do VII Encontro da IF-EPFCL encontram, portanto, seu lugar neste boletim da Escola. Vocês poderão ler aí em particular as contribuições aos temas dos AE recentemente nomeados.

Trabalhos dos cartéis do passe apresenta um terceiro momento na elaboração desses cartéis, em continuidade às elaborações de Wunsch 11 e 12, com os quais eles constituem uma série.

Vocês leram Wunsch 12? essa rubrica reúne as repercussões do Boletim na comunidade de Escola. Desta vez, convidamos um A.E., um passador e um A.M.E. a se prestarem a esse exercício de interlocução.

Por fim, as datas e títulos dos futuros Encontros da Escola e da IF-EPFCL anunciados aqui prometem debates renovados que o CAOÉ e o CIG que nos sucedem certamente animarão da melhor forma.

Boa leitura e bom trabalho a todos!

*Dominique Fingermann
(pelo CAOÉ 2010-2012)*

Ecos do Terceiro Encontro Internacional II

A Escola à prova do passe

Debata e segunda mesa-redonda de 9 de dezembro de 2011

Transcrição e formatação das questões discutidas durante o debate por Albert Nguyên.

A APOSTA DO AME E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Vocês encontrarão logo abaixo o debate que aconteceu na mesa redonda consagrada à “Aposta do AME e suas consequências”. Durante os trabalhos da mesa expuseram Carmen Gallano (Espanha), David Bernard (França), Maria Teresa Maiocchi (Itália), Patricia Muñoz (Colômbia), Bernard Nominé (França), cujos textos foram publicados na edição 12 de *Wunsch*, à qual é possível que façamos referência.

Durante o debate entrevistaram: Sol Aparicio, David Bernard, Dominique Fingermann, Carmen Gallano, Yehuda Israeli, Luis Izcovich, Claude Lecoq, Maria Teresa Maiocchi, Pep Monseny, Patricia Muñoz, Bernard Nominé, Colette Sepel, Colette Soler e Marc Strauss.

As duas faces do AME:

Partindo da definição clássica de A.M.E. como garantia da Escola para o exterior o debate focou o exame de novas possibilidades na escolha dos A.M.E.

Com relação ao exterior, o A.M.E. é esse analista no qual a Escola confia, por que ela conhece sua prática da qual ela ratifica a seriedade, por que ela confia nela, um certo bom senso é requerido, pois este analista não faz qualquer coisa, em uma palavra, existe uma versão realista do A.M.E. A ênfase foi colocada, nestes tempos difíceis para a psicanálise, nessas qualidades: se o A.M.E. é, para o exterior, um pouco “senador”, não há por que se ofender com isso, haja vista o reconhecimento possível pelas autoridades governamentais dos analistas da E.P.F.C.L.

Por outro lado, o A.M.E. se define por sua relação com o saber e sua relação com a elaboração de saber da Escola, especialmente sobre o tema das condições do ato, principalmente porque na EPFCL os AME estão diretamente implicados no procedimento do passe: de fato eles designam os passadores e participam, se pertencerem ao CIG, dos cartéis internacionais do passe. O AME está no coração da Escola.

Um modo de recrutamento insuficiente:

Discutiu-se também sobre o recrutamento dos AME e as sucessivas filtragens que estão em vigor na Escola (Comissões de Habilitação locais e internacional): muitas vezes propostos pelas Comissões locais que os conhecem, eles não são necessariamente conhecidos pela C.H.I., que conclui a lista. Nesse aspecto, um desenvolvimento das relações entre as comissões locais e a comissão internacional é desejado e esperado.

O problema dos AME “adormecidos” (os A.M.E. especialmente discretos depois de suas designações) também foi evocado. Contudo, alguns são bons analistas, e nem todos desejam se manifestar na Escola. O AME poderia ser acordado?

Tornou-se claro que uma posição pragmática nas designações devia ser mantida, e que de qualquer modo é melhor ter A.M.E. designados que A.M.E. líderes autoinstituídos. Em todo caso, o aumento dos critérios de recrutamento não iria melhorar a situação.

Uma exigência mais forte para com os A.M.E. manifestou-se: o A.M.E. novo.

A experiência clínica do A.M.E se acrescenta a sua relação com a Escola, e foi colocada a questão de saber o que poderia ser alterado ou modificado para alcançar esse objetivo: aumentar os critérios de recrutamento pareceu inadequado.

Ao contrário, um debate interno sobre a questão: “O que é um A.M.E. nesta Escola?” é a melhor resposta possível. Ela permitiria saber o que a Escola espera de um A.M.E., trabalhar as conseqüências, os desdobramentos da designação, articular o *gradus* e a garantia, e trazer um pouco de turbulência interna na permanência do título e ir contra uma tendência à fabricação de uma casta.

O debate de Escola sobre o AME:

O debate oscilou entre um desejo de mudança e um desejo de não perturbar o estabelecido de maneira muito brutal.

O debate de Escola despontou como solução, debate em que poderiam ser examinados a relação para com a elaboração de saber, a implicação dos A.M.E. na experiência do passe, o laço dos A.M.E. com a Escola. Um A.M.E. responsável por seus analisantes, detentor de um certo *savoir-faire* de artesão, mas para além disso, um A.M.E. responsável pelas condições do ato, responsável pela designação de passadores, pela elaboração de saber sobre a experiência, responsável pela produção do psicanalista: isto requer uma instituição e a Escola deve ocupar esse lugar. As Comissões de habilitação têm um papel importante a desempenhar neste sentido.

Adiantou-se que o A.M.E. não é apenas nomeado pela representação, mas que seria desejável que ele mantivesse em alerta sua tarefa, que permaneça em formação: reanimando, dando nova vida, à função do AME.

Implicar o máximo possível os A.M.E. com relação ao passe: somente o debate interno tem chance de consegui-lo.

Por outro lado, poderiam ser debatidas as conseqüências da nomeação de um A.M.E.: a designação de passadores é um ato, que comporta um risco, e é um ponto que seria bom debater.

Questões diversas:

É melhor que o A.M.E. pertença ao fantasma coletivo da Escola do que ao fantasma individual, na medida em que uma instância pode convergir sobre certo número de critérios a partir de dados advindos dos trabalhos e da prática: é uma posição realista.

O A.M.E. sintoma da Escola: poderia nos poupar de uma noção idealista demais do A.M.E. A solução pode vir da mobilização do desejo de Escola. Pode-se esperar da mobilização desta posição sintomática que o que se passa possa ser analisado e que as coisas funcionem um pouco melhor, que a Escola possa inserir no debate suas preocupações sobre a questão do AME.

Conclusão:

A dupla face do A.M.E. (externa e interna) permanece válida. No entanto, é importante que o debate da Escola sobre o A.M.E.: O que a Escola espera dos seus AME? fique aberto e seja permanente.

Tradução de Luciana Guareschi

A análise: fins e consequências

Publicamos aqui os trabalhos apresentados na plenária ocorrida durante o III Encontro da Escola de dezembro de 2011 e que não haviam ainda sido publicados em *Wunsch* 12.

Sol APARICIO (França)

Eu sou, seguindo o rastro do desejo do Outro

(Esse título vale como exergo. É uma paráfrase de Lacan que, falando do Outro, diz: “é do desejo dele (...) que eu sou o vestígio”).^{1(N1)}

A análise, seus fins, suas consequências. Há, então, *consequências* [suítes] ao fim de uma análise. (Vou me limitar a dizer algumas palavras sobre essas consequências.)

Fala-se pouco delas, aparentemente. Esquece-se, talvez, de que o fim de uma análise não é senão um início. Aquele da entrada no discurso analítico, em sua prática. Mas também – é preciso dizer? – o momento em que “começa a verdadeira viagem”.²

Que viagem pode ser essa, se não aquela da própria vida?

Certamente, Lacan, que terminava com essas palavras um escrito de 1949, não deixou de salientar, na sequência de seu ensino,³ o quanto essa imagem da viagem é imprópria em nosso campo, o quanto ela decorre de um discurso outro, chamemo-lo religioso, um discurso que dá à morte um sentido, o de um limite a transpor para uma existência ulterior, alhures.

Ao evocar aqui o momento em que “começa a verdadeira viagem”, não é isso que eu quero sugerir. Não se trata da viagem que seria a vida, mas daquilo que começa com o fim de uma análise, do verdadeiro começo que ela inaugura. Pois esse fim, singular, implica uma virada decisiva – marcada pelo alívio do peso do sintoma, a redução do gozo mortífero, a dissipação do véu fantasmático, ou melhor, o furo feito na tela fantasmática que vela o real... e a abertura que se segue então, que não é somente ruim, mas pode ser boa desde que essa repetição, que Freud chamava demoníaca, tenha encontrado na análise um ponto de parada.

A análise, seus fins, suas consequências. É bem diferente das “continuações e fim” da série de episódios de uma novela. É mesmo o contrário. O fim, sejam quais forem as formas que ele possa tomar, abre para as consequências. E podemos interrogá-las. Quais sequências dará, aquele que pôs fim à sua análise, ao que nela depositou? Se a análise realmente prejudicou “*a coerência do sujeito enquanto eu*”,⁴ que fará ele do saber de sua impotência, da verdade de sua miséria, de sua falta-a-gozar, do reconhecimento dos impossíveis?

Que fará ele disso que se iniciou, desse algo inédito que começou graças à análise e continuará para além de seu término, se é verdade que a análise é “*um processo desencadeado*”, como dizia pertinentemente Jean Oury na ocasião da homenagem a Lacan, que reuniu em Paris um certo número de analistas em 5 de novembro último? Um processo desencadeado que continua e que, parece-me, não termina...

¹ Jacques Lacan (1968-1969). *O Seminário – Livro 16 – De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p.70.

(N1) A frase comporta o equívoco : “je suis la trace...” quer dizer tanto “eu sou...” quanto “eu sigo...”

² Jacques Lacan (1949). “O estádio do espelho” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 103.

³ No seminário “Os não tolos erram” [“*Les non-dupes errent*”], inédito.

⁴ Jacques Lacan (1968-1969). *O Seminário – Livro 16 – De um Outro ao outro*, op. cit., p. 25.

Uma metamorfose do sujeito. A expressão é conhecida entre nós. É assim que Lacan havia qualificado o que o analista pode operar, em sua “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o analista da Escola” (“Um outro enodamento”, dirá ele no Seminário *O Sinthoma*).

Certamente, a dita metamorfose não protege o sujeito de novos encontros, de novas conjecturas significantes com as quais ele pode desestabilizar-se, e perder-se aí. Que fará então? Tendo sido psicanalisante, sem dúvida, ele vai, se reorientar suficientemente, para reconhecer que lhe é preciso, ainda uma vez mais, dizer... A quem, senão a um analista, ele poderia então se endereçar?

Nas sequências [suítes] de uma análise terminada, acontece às vezes que aquele mesmo que se presta a ocupar o lugar de semblante do objeto para um outro possa se encontrar em posição de analisante. Sabemos disso. Isso não implica necessariamente, não em todos os casos, que a análise não tenha atingido um fim verdadeiro. Isso pode simplesmente significar que o psicanalista, essa “figura nascida da obra de Freud”,⁵ é reconhecido como o único suposto saber escutar, o único suposto saber o que a palavra comporta e, por isso, o único “parceiro que tem a chance de responder”.⁶ Só o discurso analítico pode oferecê-lo.

Não é isso, aliás, precisamente, o que se sabe hoje, a despeito do aparente insucesso – *insu que sait!* – da psicanálise? Não temos, sobre isso, o testemunho cotidiano pelo viés dos sujeitos pouco inclinados à transferência, aqueles que, diferentemente da histérica e do obsessivo, não são “naturalmente psicanalisandos”⁷ e que, no entanto, escolhem falar para um analista? Está justamente aí, hoje em dia, uma das consequências da existência do discurso analítico, mesmo que esse discurso reste, ainda, socialmente mal assentado – como Lacan observou nos anos 1970.

A condição da análise, a transferência “freudiana”, é a entrada em função do sujeito suposto saber. Engodo que se dissipa no final da experiência, quando a crença no Outro é abalada. O analisante cessa de investir isso no seu analista e termina por desinvestir o objeto que aquele encarnava, desinvestindo-o libidinalmente também. Ele se desprende disso. Essa dupla operação pode ser de fato renovada quando o fim realmente ocorreu? Em boa lógica, não. Mas temos o direito de esperar as respostas da experiência que constitui o passe.

Isso já foi proposto entre nós, eu retomo: a destituição dessa função que é o sujeito suposto saber se torna possível pela experiência do real. Possível, no caso, quer dizer que isso depende do sujeito, das consequências que ele tira dessa experiência, das consequências que ele lhe dá, portanto. De fato é concebível que outras consequências possam ser tiradas, em oposição mesmo à queda do sujeito suposto saber. Um reforço da crença no Outro, em Deus ou na Mulher. Ou o cinismo.

Tentemos precisar. Qual experiência do real? O que é que, no que experimentamos, vale como encontro com o real? Tomemos o exemplo da infelicidade de uma doença mortal. É, e com que frequência!, a ocasião para o sujeito neurótico procurar dar um sentido a essa má hora, tomando para si a culpa, perguntando-se sobre seu desejo inconsciente, um desejo suposto culpado. Mas acontece também que, a análise ajudando, o sujeito venha então admitir que há “mistérios do corpo que o inconsciente não pode explicar”. O inconsciente se cala então. Se ele é saber, não é mais um saber “falante”, ele permanece opaco. Por esse viés, o significante de uma falta no Outro é enfim percebido, a ideia de uma incompletude do saber é admitida e isso põe fim à questão do sentido, ao impulso à decifração... O real como fora do sentido se impõe então. Outras ocorrências bem diferentes são possíveis. A questão é, a cada vez, aquela de saber como, em que, cada um tocou, topou com o impensável, o inconsciente irreduzível, de qual forma particular ele foi concernido por isso.

Dois pequenas observações para terminar.

⁵ Jacques Lacan (1968). “Alocução sobre as psicoses da criança” In: *Outros escritos*, op. cit., p. 361.

⁶ Jacques Lacan (1973). “Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*” In: *Outros escritos*, op. cit., p.555.

⁷ Como Lacan dizia, ver *Seminário 16, De um Outro ao outro*, cap. XXIV (p. 374), 18 de junho de 1969.

Evocar as consequências da análise não é, na realidade, senão ter em conta a temporalidade que lhe é própria, aquela do *Nachträglich* freudiano, o *a posteriori* [après-coup], que retarda o momento de concluir sobre o que num instante foi percebido, que retarda essa conclusão durante um imprevisível, e frequentemente longo, tempo de compreender. O que se verifica durante e no âmbito da análise, verifica-se também depois e no âmbito da Escola que acolhe e recolhe as consequências [suites] do trabalho dos analisantes e dos analistas...

Não é fácil evitar a doutrina e as repetições que a acompanham. Temos aquela de Freud, que Lacan interrogou sem cessar. Aquela de Lacan, que nos orienta. E, numa certa medida, também aquela da comunidade que constituímos. Podemos, e creio mesmo que devemos, desejar poder “prescindir com a condição de nos servirmos dela”. Pois o risco é, como Lacan apontava no fim de ...*Ou pior*⁸, que “o discurso analítico permaneça, sem mover uma linha, no que foi dito por Freud.” Ele daí apelava “ao analista em sua função” para que ele soubesse “disso recolher o suficiente daquilo que diz” o analisante.

Um apelo ao despertar, em suma.

Tradução de Suzana Ramos e Conrado Ramos

Luis IZCOVICH (França)

A verdadeira viagem

Desde sua tese de Medicina, foram necessários quarenta anos e uma leitura exaustiva da obra de Freud para que Lacan pudesse concluir, com seu texto “L’Étourdit” [O Aturdido], que o conjunto dos ditos freudianos eram ordenados por um indizível, um dizer que, no entanto, os determina. O dizer de Freud, que se tornou célebre desde então, é postulado por Lacan: “Não há relação sexual.”⁹ Lacan infere, então, uma formulação, porém o mais determinante são as consequências, que coloca por sua vez para o analisante, para o analista e mesmo para o futuro da psicanálise.

Houve, é claro, remanejamentos teóricos em Lacan ao longo desses anos, mas uma constante, contudo, emerge no que concerne aos efeitos de uma análise. Ela poderia ser colocada desta maneira: nada é possível em psicanálise sem a posição tomada pelo sujeito.

É isso que, aliás, justifica que se enfatize a dimensão das sequências^(NT) [des suites] da análise, que situa igualmente a orientação de Lacan seguindo os rastros de Freud.

Evocar as sequências [les suites] em termos de posição do sujeito é o que extrai radicalmente a prática analítica de uma técnica cujos efeitos conhecemos de antemão. O termo “posição” implica, então, o inconsciente, exatamente no sentido que Lacan dá ao título de seus *Escritos*, “Posição do Inconsciente”,¹⁰ que deve ser lido como a posição de Lacan com relação ao inconsciente. Trata-se, portanto, na constante evocada, e quaisquer que sejam os remanejamentos teóricos, da posição do sujeito com relação ao inconsciente.

Essa já é a perspectiva de Freud para cingir o que faz o índice da interpretação analítica. A resposta do analisante não se avalia por estar de acordo ou não com a interpretação, mas pela resposta do inconsciente, que se torna, assim, o verdadeiro parceiro do analista. É o que prova simultaneamente que os efeitos da análise não são apreendidos necessariamente de imediato, que eles nem sempre são calculáveis e que eles se revelam para além da resposta de um sujeito particular. Em outras palavras: assim como se postula a hipótese do inconsciente, que deve ser

⁸ Jacques Lacan (1971-1972). Ver Aula de 21 de junho de 1972. *Seminário XIX, ...ou pior*, Jorge Zahar Ed., p.224.

⁹ Jacques Lacan. “O Aturdido”, in: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 454.

^(NT) *Les suites* foi traduzido para o Encontro Internacional como “consequências”. Assim, mantenho a tradução para este texto nas vezes em que aparece a expressão les suites. Porém, como o autor se utiliza também da palavra *conséquence* [consequência], assinalo as vezes em que ocorre *les suites* entre colchetes.

¹⁰ Jacques Lacan (1966). “Posição do inconsciente” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 843.

verificada em cada tratamento, há uma hipótese dos efeitos analíticos que depende, assim como para interpretação, do efeito inconsciente, mas também da posição do sujeito em relação a esse efeito. Os efeitos dependem, portanto, da análise, mas também da afinidade do sujeito com o ato.

Quando digo que a implicação necessária da posição do sujeito nos efeitos analíticos é uma constante em Lacan, isto se verifica de várias maneiras. Em primeiro lugar, na sua concepção sobre a entrada em análise, a saber, que ela exige a insistência da demanda, mas também uma mudança de posição, que é a tradução de uma retificação subjetiva.

A ideia de posição do sujeito se verifica também na concepção, mantida durante bom tempo por Lacan, referindo-se à necessidade, no decorrer de uma análise, de uma assunção por parte do sujeito. Isso é enunciado de muitas maneiras. Bem cedo, por exemplo, com relação à saída dos impasses da histeria, Lacan colocou em foco a “assunção de seu próprio corpo”.¹¹

Mas a assunção é também postulada por Lacan para dar conta de uma necessidade para a psicanálise, aquela em que os progressos da cura dependem do restabelecimento pelo sujeito de uma continuidade, apropriando-se de sua história. Em outras palavras, pela subjetivação de seu passado, que é outra maneira de dizer a assunção de sua história, o sujeito acessa as condições que o aproximam do termo final da experiência. Notem também que Lacan, durante algum tempo, vai utilizar o mesmo termo, assunção, quando define a conclusão da experiência analítica em termos de assunção da castração. Se Lacan deixa de lado, na sequência, o termo assunção é porque ele enfatiza demais uma decisão, de uma vontade, ao passo que se trata de colocar em conexão as sequências [*les suites*] da análise com a posição de sujeito no sentido das consequências de uma análise ligada às escolhas inconscientes.

O que justifica que se evoque o texto “L’Étourdit” [O Aturdido] nesse contexto é o fato de que Lacan utiliza uma concepção que vai no sentido do termo “assunção”, e em seguida da posição do sujeito, mas que ele renova a partir do dizer de Freud. Deduzimos primeiro isto: uma análise não se prova somente pelos efeitos no real, pois o essencial são as consequências extraídas pelo sujeito.

Em outras palavras, a questão essencial passa a ser o uso dos efeitos de uma análise. É, aliás, no nível dessa junção, entre os efeitos no real e aquilo que advém como consequência para um sujeito, que se situa a decisão íntima, insondável, indecidível de antemão, e que vai constituir seu verdadeiro apoio para o pós-análise. A sequência que mostra isso em “L’Étourdit” é bem conhecida. Lacan coloca as condições do fim em termos de ter produzido três impossíveis, no nível da significação, do sentido e no nível do sexo, o que torna caduca a demanda analisante, aquela que ele manteve ao longo do tratamento. Pois ele experiencia que as manifestações do inconsciente, que reorientaram seu desejo, desviaram-no, aliás, da crença em uma saída pelo sentido. Há, então, um fim da demanda, mas não somente pelo esgotamento do sentido. Não basta constatar a inexistência do sentido, pois o que emerge é um sentido novo, ligado aos ditos do analisante, mas indizível. É o sentido de um dizer que, a partir de então, será sua verdadeira orientação na existência.

Notem que Lacan – que tinha postulado que não há formação de analista, mas formação do inconsciente, em “L’Étourdit” – propõe, com relação ao dizer de Freud, “que não há formação analítica concebível fora da manutenção desse dizer”.¹² Mas qual seria essa formação analítica concebível? A condição é explícita: levar em conta o dizer de Freud.

O dizer de Freud – e não somente seus ditos – evidencia o desvio que consistiu em reter apenas os termos de Freud, excluindo o ponto sobre o qual eles se apoiam. Ele não é apenas histórico, mas está sempre à espreita na psicanálise. Voltarei sobre este ponto.

Postular que não há formação analítica sem o dizer de Freud implica também formular que não há formação sem o dizer de uma análise. Novamente, constatamos que a questão crucial é a do uso feito da análise depois da travessia da experiência. Alias poderíamos sustentar que não

¹¹ Jacques Lacan. “Intervenção sobre a transferência”, op. cit., p. 220.

¹² Jacques Lacan. “O Aturdido”, op. cit., p. 453.

há analista lacaniano apenas com os ditos de Lacan; é preciso ainda que ele tenha se aproximado do dizer de sua análise. A questão é crucial no momento em que se interroga sobre a garantia analítica. O dizer da análise torna-se uma marca senão única, ao menos a mais fundamental, da qualificação analítica. É nesta perspectiva que podemos apreender por que Lacan postula para o fim da experiência que o sujeito, depois de ter produzido o impossível do sentido, da significação e do sexo, “saberá se fazer uma conduta para si”.¹³(NT2)

Que haja muitas condutas, como ele diz, isso prova que não há condução-modelo, mas o “saberá se fazer” indica claramente que há um salto entre o que se passou no tratamento e aquela que será a nova posição no mundo. Esse salto necessita do saber, efeito da análise, é a sua dimensão epistêmica, mas indica também o fracasso do saber fazer de antes do fim. A necessidade é, portanto, de um saber fazer novo. Ele formula isso ainda na mesma perspectiva no “Resumo do ato”, no qual afirma que é do ato analítico que toma substância as condutas do sujeito. Além disso, “se fazer uma conduta” não pode ser separável do “se fazer”, formulação de Lacan para designar a montagem da pulsão.

Em outras palavras, “se fazer uma conduta” deve ser considerado como a resposta ao programa traçado desde o fim do seminário *Os quatro conceitos...*: como um sujeito vive a pulsão após o fim de análise?¹⁴ Mas também, “se fazer uma conduta” se situa na perspectiva da leitura que Lacan propôs ao *Wo es was soll ich werden*, em termos de “é meu dever que eu venha a ser”, que indica que não se pode conformar seu ser a duas ações que se orientam em sentidos contrários.

Agora, mesmo se “l'Étourdit” aborda de modo explícito o fim da análise, não encontramos uma só indicação explícita concernente ao desejo do analista, o que exige uma interpretação. Lacan já tinha, porém, fundado sua Escola e introduzido o dispositivo do passe, e exceto a citação que o dizer de Freud faz formação, a questão do desejo do analista está ausente. Ele estaria negligenciando a questão?

Eu sustento o fato que mesmo tendo Lacan inventado o passe, isso não quer dizer que fez dele a finalidade de uma análise, e que, eu creio, seu horizonte seja sempre o de saber como uma análise pode transformar a vida de um sujeito. Que alguns usem o dizer da análise para se tornar analista é seu problema. Claro, trata-se de criar as condições para garantir que os que fizeram disso seu problema sustentem este discurso, mas isso indica que o fim, no sentido da conclusão, mas também da finalidade, não é a produção de um analista, mas essencialmente o que uma análise pode mudar na vida de alguém.

E como estou na questão das constantes, convém que eu justifique meu título, que não é uma fórmula poética, mas parte de uma citação de Lacan sobre o fim de análise do seu texto “O Estádio do Espelho”. Lacan coloca a perspectiva do fim de análise em termos do acompanhamento da parte do analista até o limite extático do “tu és isto”.¹⁵ O “tu és isto” não é o dito do analista, mas o dizer da análise, em que, segundo os termos da época, “a cifra de seu destino mortal”.¹⁶

Ora, o que me parece crucial é que a cifra, que antecipa sobre o indecifrável do sintoma, mas também sobre o ser de gozo, e até mesmo a alíngua, não constitui a palavra do fim. A cifra é certamente colocada como condição do fim. A formulação converge também sobre o que mais tarde será a nomeação do real, verdadeiro nome próprio do falasser. Mas e toda a questão está aí o fim está, antes, marcado pelo que Lacan disse depois. A sequência é, então, aquela dada ao “tu

¹³ *Ibid.* p. 489.

(NT2) Esse trecho em francês é “saura se faire une conduite”. Optamos por manter a tradução do texto do *Outros Escritos* em português. Porém, a tradução “saberá criar conduta para si” perde a expressão “se faire” que o autor utilizará depois, assim como o “conduite”, que tem também o sentido de via, caminho. Assim, para melhor acompanhar esta parte é necessário ter em mente o termo em francês.

¹⁴ Jacques Lacan. *O Seminário – Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1973, p.258.

¹⁵ Jacques Lacan. “O Estádio do espelho como formador da função do eu” In: *Escritos*, op. cit., p.100.

¹⁶ *Ibid.*

és isto”. A questão é, portanto, aquela da sequência à nomeação do real. É o que Lacan indica logo depois em seu texto “O Estádio do Espelho”, em uma continuação que postula qual é a lógica de uma sequência [suite] analítica: “Mas”, cito Lacan, “não é em nosso único poder de praticantes de acompanhar este momento em que começa a verdadeira viagem.”¹⁷

Já há, então, a ideia de um momento de fim que exclui, contudo, toda promessa, pois a verdadeira viagem não é unicamente da competência do analista. O analista acompanha, segundo os termos de Lacan na época, isto é, sustenta o desejo, até a revelação do núcleo que faz a particularidade do sujeito. Mas, uma vez que o sujeito acessa esse momento, ele pode muito bem prosseguir em sua rota ou mesmo começar “a verdadeira viagem”. Uma viagem que não evita a castração, mas antes esta constitui o tíquete de entrada.

Alias bem mais tarde, Lacan articula a experiência da análise em suas relações com a viagem fazendo disso uma questão central no seminário *Non-dupes errent* [Os não tolos erram].¹⁸ O que se depreende aí é a ideia de uma viagem imaginária do sujeito com o outro, aquele ou aquela que é colocado no lugar de parceiro. Lacan usa, de fato expressões que dizem respeito ao parceiro como o outro “companheiro de rota”, ou o outro com quem “fazemos um pouco do do caminho juntos”. Esta viagem, *Viator*, segundo a formulação de Lacan, corresponde a uma viagem marcada pela errância. *Les non-dupes errent* diz respeito, então, aqueles para quem a vida é uma viagem sobre a terra, marcada pelo imaginário, ao qual Lacan opõe a ética da análise como uma ética do tolo [dupé]. É fazendo-se de tolo do inconsciente, ou seja, tolo da estrutura, que o sujeito tem uma chance de entrar em outra perspectiva além daquela da viagem imaginária, *Viator*, que Lacan não hesita em correlacionar à dimensão do amor cristão. Nesse sentido, a verdadeira viagem deve ser considerada seguindo a perspectiva de uma mudança no amor e a passagem a um amor que não é mais centrado na reciprocidade e que encontra seu começo no consentimento do sujeito para a contingência.

Resumindo: as formulações “a verdadeira viagem”, “viver a pulsão” ou “saberá fazer uma conduta para si”, vão na mesma perspectiva, a de um novo uso, por parte do sujeito, dos significantes de sua história. Conviria também notar que saber lidar aí com o sintoma constitui a saída lógica do que Lacan formula como posição subjetiva nas estruturas clínicas. Assim, muito cedo ele evoca o uso do fantasma em cada uma das estruturas clínicas; porém, mais amplamente, ele afirma que dispor de um significante que não garante seu uso.

Assim sendo, podemos dispor do Nome-do-Pai, mas não o mobilizar, tese do seminário *As formações do inconsciente*, e, ao contrário, vinte anos mais tarde, ele irá forjar a ideia de um saber fazer para além do pai com sua formulação: “A psicanálise, por ser bem sucedida, prova que podemos prescindir do Nome-do-Pai. Podemos, sobretudo, prescindir com a condição de nos servirmos dele.”¹⁹ “Prescindir” [s'en passer] também é solidário da necessidade de uma responsabilidade sexual, que Lacan põe do mesmo modo que para a passagem à análise em termos de autorização. Isso indica que o fim da análise, seja pela fórmula do gozo ou pela extração das palavras da alíngua, identidade da letra ou inconsciente real, não é suficiente para mim para designar a identificação ao sintoma.

Pois, se limitamos a identificação ao sintoma ao reconhecimento da letra do sintoma, estaremos sem dúvida alguma, na integração pelo sujeito do que faz gozo opaco de sua vida. Mas, no entanto, estaríamos nós no momento em que começa a verdadeira viagem?

Notem que, da mesma forma que Lacan coloca o “saber fazer uma conduta para si” no momento em que ele propõe “o impossível da relação entre os sexos”, ele postula ainda “o saber se virar aí com o sintoma”. Dito de outro modo, a identificação ao sintoma é a mola propulsora da verdadeira viagem, sob a condição de um saber fazer de outro modo no lugar do outro.

Prescindir do pai com a condição de usá-lo remete estritamente a um saber fazer que, no

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ Aulas de 13 novembro 1973 e de 18 dezembro 1973. Em francês, na edição da A.L.I., são as pp.17-22 e 62-63. São as aulas 1 e 4 das versões em português e espanhol (seminário inédito).

¹⁹ Jacques Lacan. *O Seminário – Livro 23 – O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p.132.

caso da análise, não se pode limitar a continuar a rota que é aquela de nosso destino. No fundo, é um saber fazer com nosso destino e para isso não há privilégio de uma estrutura clínica sobre outra.

É verdade que Joyce é posto por Lacan como modelo, no sentido em que ele foi bem-sucedido ao fazer uso da trama a fim de que ela se tornasse o tramada. A trama é a alíngua, o tramado, o uso que se faz. Levar a alíngua até o inanalizável é o uso, quer dizer, um saber fazer bem particular.

Agora, há uma meta geral para a análise, a de um saber fazer com a trama, até ali Joyce é o modelo, mas é um saber fazer que exige o ato do lado do sujeito, e nesse ponto Joyce não é mais modelo. Pois falta do ato, o sujeito pôde fazer a experiência do inconsciente real, mas não há um novo uso de seu sintoma. Nos damos conta dos riscos. Sobre isso, evoco uma marcação feita por Lacan, a de ser o robô de analista, e que diz respeito àqueles que não acessaram a forma mais elaborada do saber, ou seja, o não saber. E compreendemos por que, sem um uso particular do saber que inclui o não saber, o analista se faz apenas de funcionário de um discurso. Em outras palavras, é pelo dizer de sua análise que o analista se faz objeto para seu analisante sem cair em uma função de robô, e garante que a mensagem de Lacan permaneça uma faísca e não caia em uma conservação formal. Portanto, poderíamos sustentar que, assim como o ato não pode funcionar como predicado e que ele não se saiba mais que por suas sequências [*les suites*], nenhuma manifestação do inconsciente real pode ser considerada como predicado de fim.

Abordo um último ponto de conexão com o precedente: por que, então, Lacan aborda a questão do ato analítico e seus efeitos no texto “Resumo do ato”, mas também em “L’Étourdit”, e faz referência de forma explícita à neurose? No “Resumo”, é para indicar os benefícios para o neurótico de ter “feito da castração sujeito”.²⁰ Em “L’Étourdit”, para indicar o fim da análise e o aplainamento [*mise au plat*] do falo no neurótico. Isso nos indica, ao menos, que a psicose nos instrui sobre muitas coisas e nos leva a apreender as saídas dos impasses dessa estrutura. Isto posto, para mostrar o devir da neurose em análise, o modelo de Lacan é... o da neurose.

É certo que há em Lacan uma perspectiva que enfatiza o fim da análise, segundo o modelo joyciano, quando Lacan evoca que Joyce vai “ao de melhor que se pode esperar de uma análise em seu fim”. No entanto, convém apreender uma distinção essencial. Se Joyce faz a si mesmo ser um livro, a arte de Joyce constitui, contrariamente a um saber novo, um *working progress*, o modelo de um progresso contínuo. É o modelo de um saber fazer sem descontinuidade, no qual a fala se impõe cada vez mais e que faz a coerência, como Lacan o mostra, dos primeiros escritos de Joyce à *Finnegans Wake*, passando pelo *Retrato do artista*. É, aliás, surpreendente que Lacan, então, proponha a continuidade em *Finnegans Wake*, que parece tão ilegível ao lado de seus primeiros trabalhos. A razão disso vem do fato de que o saber fazer já estava lá. Não há para ele, então, um momento a partir do qual começa a verdadeira viagem, mesmo quando ele fixa as coordenadas de sua viagem, em que invoca, pouco antes de sair da Irlanda, o pai como o *artifícer*. Lacan percebe que, na realidade, o *artifícer* é o próprio Joyce, pois ele sabe o que tem a fazer. É nisso que sua viagem no continente não constitui de modo algum um começo.

A verdadeira viagem, implica, ao contrário a descontinuidade. O saber de antes cai em desuso e abre espaço para um novo saber fazer com seu sintoma. É toda a distância entre uma viagem que seria apenas um se habituar ao real e o momento em que o sujeito faz ato de seu saber particular, sem o qual a verdadeira viagem não começa.

Tradução de Glaucia Nagem

²⁰ Jacques Lacan. “O ato psicanalítico – Resumo do seminário de 1967-1968” In: *Outros Escritos*, op. cit., p. 376.

Anita IZCOVICH (França)

Quando o indemonstrável faz prova

O que é próprio à psicanálise é que ela opera com o indemonstrável, pode-se mesmo dizer que ela se demonstra a partir do indemonstrável, seja no início do tratamento, no seu desenvolvimento ou nas suas sequências [*suites*] e fins.

Freud descobriu a psicanálise e procurou demonstrá-la. Então, obviamente, ele colocava do lado da verdade inconsciente à ser encontrada: ao descobri-la, era necessário também que ele a verificasse no enunciado do analisante. O desenrolar do tratamento por Freud foi inscrever os elementos em uma sequência significativa que tinha o valor de uma verdade demonstrável.

Há uma expressão de Lacan no “O Aturdido”, na qual ele diz que Freud faz, ele mesmo, “enxertos de seus ditos”. Percebe-se bem no que se tratava de “enxertos”: são aqueles da relação da verdade ao real nos desfiles em que o amor se alimenta do incesto, a verdade do mito de Édipo, a castração, o pai no lugar da morte e suposto ter sido capaz de sustentar o gozo, ao passo que isso não passa de uma miragem. É isso o enxerto dos ditos, sobre o gozo que está lá originalmente, indemonstrável por trás do mito que é da ordem do demonstrável. Aliás, nós o sentimos na clínica, esse indemonstrável do Nome-do-Pai: pensemos, por exemplo, no herói encarnado por um ancestral, morto na guerra ou na resistência. É um buraco tal, que as vezes é impossível de ser simbolizado por um sujeito. Quer dizer que há uma distância tal entre o herói que ele é e o furo de sua ausência, que o sujeito se fixa no indemonstrável, ele faz “como se”, e isso desmorona em uma descompensação. É o além do mito, o indemonstrável das insígnias na hiância do Outro.

Então, evidentemente, o indemonstrável do mito, Freud o interrogou no seu artigo em 1938 sobre o final da análise. Ele topou com o indemonstrável para além do rochedo da castração, à saber, que o final da análise não pode ser demonstrado pelo complexo de castração.

E há diversos lugares onde Freud toca no indemonstrável da castração. Pensemos no texto sobre “O tema dos três cofrinhos”, um texto de 1913 no qual Freud faz referência precisamente à uma série de mitos, nos quais se trata de se assegurar do indemonstrável de seu fantasma ao fazer existir A mulher e a relação sexual que não existem. Trata-se de fazer a escolha do bom cofrinho que conteria o retrato da mulher, ou seja, os traços que a sustentam e a demonstram. É uma escolha que recai sobre a inclusão, sobre a mulher no cofrinho enquanto que ela aí está excluída, assim como ela está excluída da natureza das coisas. É uma escolha que está conforme o mito do neurótico que procede do “dizer que não” no recalque: rechaça-se um metal por outro, o ouro pelo chumbo ou vice-versa, pode-se até mesmo duvidar, e isso para resguardar o envelope agalmático que protege do furo e da castração. É, mais uma vez, um ponto de parada no indemonstrável da ausência de significante no Outro através da mulher. Pois bem, é este para além do “dizer que não” do inconsciente freudiano de que Lacan trata em um indemonstrável do mito, notadamente na questão do fim da análise: é a sequência que Lacan deu à teoria freudiana.

Se nos reportarmos ao “Tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”, texto de Lacan sobre os três prisioneiros, de 1945, lá também trata-se de uma escolha, não uma escolha de inclusão de uma mulher nos três cofrinhos, mas uma escolha de exclusão em uma saída tomada em três tempos, na lógica do ato e do fim de análise. É uma escolha que exclui a dúvida. É uma estrutura temporal, a da precipitação lógica, que se faz com aquilo que não se vê, com a exclusão visual. O prisioneiro toma sua decisão no corte do tempo da certeza antecipada, nos 3 tempos do instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir. E a prova da escolha de sua saída, é uma prova do indemonstrável.

Bem, é este corte em ato do fim de uma análise que eu aproximarei da análise do quadro das Meninas que Lacan faz em “O objeto da Psicanálise” em 1966.

No centro do quadro das Meninas, temos a representação da Infante, bela e cativante, no logro e no brilho de suas roupas que escondem o irreduzível do objeto olhar escondido. Lacan, portanto, destaca, para além do envelope agalmático das roupas – para além do cofrinho, então – a fenda aberta da *girl phallus* através da Infante, é, finalmente, o furo da falta de significante para além do mito da representação por fim. É lá, então, que Lacan situa o encontro do final de análise: é lá onde o sujeito se reconhece como objeto *a*, e é no lugar da fenda, e podemos dizer assim, no desabitado do habito da Infante, que se situa precisamente na falta de cruzamento das linhas de perspectiva. É isso que ilustra o irreduzível do sujeito representado por um significante para um outro significante, do sujeito dividido que se encontra sob a forma do pintor representado em dois lugares no quadro: de um lado, no primeiro plano quando pinta o quadro virado, e do outro, no fundo do quadro quando está prestes a deixar a cena, que está bom assim, ele viu demais. Quer dizer que à questão “fazer ver” colocada pelo quadro virado no primeiro plano, o pintor responde: “Tu não me vês de onde eu te olho”, e é desse lugar hiante, esse lugar de exclusão feito com isso que não se vê, que se produz a queda do objeto *a*. E é lá que se aloja o indemonstrável, e a prova está no âmbito da queda.

É, finalmente, a esse ponto de encontro que se convoca o final da análise, sobre esse ponto de falta, sobre o buraco da armação da montagem, na fenda do estofado brilhante do fantasma.

Acrescentemos que o espelho no fundo do quadro no qual se inscreve a imagem do rei e da rainha, da cena primitiva, portanto, remete a uma imagem desfocada, fantasmática, evanescente. É um espelho que reflete a inexistência da relação sexual, a visão monárquica, o Outro que se esvazia de sua substância.

Se relacionarmos a análise desse quadro, que é de 1966, com a “Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, já que os dois textos remetem ao final de análise, percebemos bem a dimensão de virada na qual o sujeito vê soçobrar a segurança que ele extraía de seu fantasma, na destituição subjetiva: o resto que faz o sujeito decair de seu fantasma.

Isso ilustra também o des-ser encontrado no final da análise: “a metamorfose, em que o parceiro se desvanece por não ser mais que um saber vazio que se furta”. É o envelope vazio do psicanalista, é a queda do sujeito suposto saber. E nesse des-ser se desvela o inessencial do sujeito suposto saber. Lá ainda, trata-se disso que se demonstra do indemonstrável: quando o ser do desejo encontra o ser do saber. É o *sicut palea* de São Tomás: é o “que ele saiba”, ou seja, que isso se demonstra através “disso que eu não sabia do ser do desejo”, ou seja, do indemonstrável, “o que dele há aí, que veio ao ser do saber, e que ele se apaga”.

Assim como o pintor de Velásquez se apaga em seu ato, ele viu e ele se retira, ou ainda como o prisioneiro que conclui no instante do olhar. Lacan retoma na sua “Proposição de 1967” a escansão do tempo lógico de 1945, que “inclui o momento de compreender do efeito produzido pela não compreensão”. (p.253). E é no só-depois do tempo lógico que o desejo do analista é “fora sem que se pensa nisso, mas onde se reencontrar” e que a saída só é tomada como entrada: esses são os termos de 1970 em “O Discurso à Escola freudiana de Paris”.

Nesse movimento de metamorfose do fim, o sujeito é destituído de sua falta a ser, ele passa da falta a ser ao efeito de ser. É uma outra forma de demonstrar o indemonstrável, efeito de ser.

Chego agora às sequências como consequências da concepção do fim de análise sobre o ato analítico em si.

A posição do analista, é de faltar em seu ato, ou seja, que quando o analista formula uma verdade, ele não esquece jamais o ponto de fuga do seu pensamento. É esse, aliás, o mesmo ponto que caracteriza a interpretação “ao lado”: é ali que se demonstra o indemonstrável, no intervalo, nesse irreduzível ali. É patente na interpretação que é equívoca, que pleiteia o falso,^(NT)

^(NT) Referência à expressão *plaider le faux pour savoir le vrai* [pleitear o falso para saber a verdade, em tradução livre], que poderia ser o equivalente de “fazer o papel de advogado do diabo”, em português.

é o falso do “ao lado” da verdade, com um efeito de verdade que consiste naquilo que cai do saber : lá onde o ser se faz, isso se demonstra, de se desfazer, do indemonstrável.

Na enunciação, trata-se de um dizer que verifica a verdade com efeito. É um dizer demonstrado que não é verificável, que há uma contradição inerente à supô-lo demonstrável.

Passa-se então do dito da verdade do mito edípico em Freud, ao dizer próprio ao impossível. Lacan o diz assim em “O Aturdito” : “o real só se assegura por se confirmar do limite que se demonstra nas sequências lógicas do enunciado”. Logo, não há relação a fazer de um enunciado, já que por definição a relação sexual não existe, é uma falta de relação que “exila por habitá-lo”. É fazer a provação [épreuve] e a prova [preuve] de habitar o desabitado de seu ser, que isso se produz por ser excluído, e conseqüentemente, isso produz a resposta do real. É fazer a provação [épreuve] e a prova [preuve] do real, que toca o ser ao fazê-lo surgir no dizer que se demonstra por escapar ao dito. Percebe-se bem como isso procede de uma exclusão. A elaboração, em uma análise, visa o seguimento do discurso que se caracteriza como efeito de verdade, precisamente daquilo em que um discurso se centra, de seu efeito como impossível.

É do gozo perdido que se transfere nos efeitos de ser que procedem do corte do sujeito: isso opera por ser à margem, lá onde se faz o ser em um efeito de ser. É isso que faz com que se cinge o real de seus ditos no dizer. O gozo é, então, efeito de discurso. E os efeitos de sentido procedem de uma separação em que se inscreve o lugar do gozo, marcando o lugar do objeto perdido.

As sequências, as conseqüências da teorização do final de análise, incidem sobre a direção do tratamento : ouvir o que não se diz por trás do dizer, o indemonstrável para além do romance neurótico que provém do impossível, ao furo que tem atravessado as gerações e que impregnou a repetição do sujeito.

Nota-se toda a importância da supervisão : uma supervisão, é também colocar à prova [épreuve] e fazer a prova [preuve] da operação analítica, do ato, que se demonstra do indemonstrável. É, portanto, verificar o ato por seus efeitos, por suas conseqüências, verificar o ato próprio a cada supervisionando.

Uma outra conseqüência da teorização do fim de análise concerne ao início do tratamento : proporcionar uma entrada em análise. É um ato de engajar alguém em uma análise. Ou seja, como saber, enquanto analista, onde está o paciente que, às vezes fala e não diz, ouvir a ausência – é nisso que o psicanalista torna-se uma voz – ouvir o que se cala atrás do discurso do Eu que é barulhento. É uma outra vertente do que se demonstra do indemonstrável, pois a entrada em análise se faz sobre uma lacuna, uma passagem, um só depois.

O indemonstrável, portanto, pode se enunciar sob a forma de um estalo, em um começo de análise : esse adolescente, por exemplo, que me disse, ao fim de algumas sessões : “isso mudou, não sei porque, não sei como, mas isso mudou”. Ele nem mesmo nomeava isso que havia mudado, ele não sabia dizer nem porque nem como : sente-se aí o indemonstrável do que opera em uma análise. Ou ainda essa jovem que se surpreendia, no início de sua análise, com isso que agora “saltava-lhe à figura” e que tinha sempre estado lá, ainda que ela não o soubesse : é isso que surge e faz buraco no saber.

Voltarei agora ao dispositivo do passe tal como ele funciona na nossa Escola de psicanálise : “o tripode”, como diz Lacan, “o grupo (que) só tem esses três pés”, está em relação ao tempo lógico dos três prisioneiros e a estrutura do ato. Lacan formula isso precisamente, no “Discurso à EFP” : na passagem de analisante à analista, “o ato poderia ser apreendido no tempo em que ele se produz”, ou ele “se julga na sua lógica por suas sequências”. Trata-se de “uma saída que só pode ser tomada como entrada, esse lugar fora sem pensar e onde se reencontrar”.

Essa dimensão do só-depois se apreende nos efeitos de transmissão entre os passantes, os passadores e o cartel do passe, e também de forma mais vasta sobre a comunidade, ao se publicar e fazer circular os trabalhos. Conseqüentemente, a teoria analítica é esclarecida, renovada, posta ao trabalho por esta experiência do dispositivo do fim de análise.

Logo, o passe é certamente uma proposição feita por Lacan, mas ele é também e sobretudo, uma experiência para daí extrair ensinamentos. É a transmissão de saber que passa através da teoria, do que se demonstra a partir do indemonstrável: isso faz furo e efeito de furo ; isso faz efeito no antes e no depois ao se examinar um passe no dispositivo; isso faz efeito na formação do analista.

O efeito do lado do passante, é então um saber posto à prova, provado no particular do sujeito. A prova procede do saber inédito, do desejo que é feito de diferença absoluta : no sentido da renúncia à busca de um mais de ser, entre o sujeito e o objeto de satisfação. É assim que o passante testemunha das consequências do ato em sua passagem à analista como efeitos do real, dos restos de gozo, do objeto a constituído disso que caiu.

O efeito do lado do passador, qual é ? Pois o passante faz passar seu testemunho a dois passadores, são efeitos de passagem, portanto, que ocorrem aí. Certos passadores puderam dizer como aquilo que o passante dizia fazia efeito de uma língua estranha para eles, que isso podia não fazer sentido. É a falha do non sens que faz passar, de um sentido ao outro, num efeito de sentido.

No que concerne ao momento em que o passador se encontra em sua análise, “ele ainda é isso, esse passe”, “ainda ligado ao desfecho de sua experiência pessoal”, dizia Lacan na “Proposição de 1967”. Ele está ainda nessa fronteira que toca o ser, embora não o sendo ainda. Ele está portanto no próprio lugar dessa passagem, para ele mesmo, mas também no dispositivo, já que ele está entre o passante e o cartel do passe. Ele é receptivo a isso que faz o ato do passante, à distância entre os efeitos de verdade e o desejo de saber, à distância irreduzível em relação ao saber tomado no Outro.

Quanto ao cartel do passe, ele recebe o que os dois passadores fizeram passar do testemunho do passante. Trata-se, portanto, de extrair as consequências, as sequências desse saber compartilhado. É da mesma estrutura do ato que se revela por seus efeitos, e da saída do prisioneiro nesse tripode : trata-se de uma certeza antecipada que se verifica numa precipitação lógica.

Pode-se perguntar, aliás, o que é que faz com que o cartel se convença, já que a prova se deve ao indemonstrável.

Não é a prova obtida por uma identificação a um único afeto. São efeitos de afetos que se produzem, que caem fora, de um membro a outro do cartel. Não são enxertos de saber, são efeitos que descompletam e se produzem a partir da disjunção. Estamos sempre nessa fronteira quando elaboramos em um cartel. É um compartilhamento do saber que não é uma medida comum pois ele é sempre descompletado. É um saber que procede de efeitos de medidas, isso passa de um efeito a outro, e é a maneira de entrar em acordo em um cartel, de tocar a prova do indemonstrável : uma prova disso que faz o analisante se colocar como analista. Por isso as vezes caímos no indemonstrável de estrutura que toca no indemonstrável do fim, e é uma nomeação ; e, às vezes caímos naquilo que não é demonstrado, até esse ponto de passagem à analista, mas que tem, na minha opinião, todo seu valor, o de um percurso próprio à cada sujeito, um produto inédito, na sua lógica singular.

Agora, no que concerne aos efeitos de trabalho do passe, quando lemos, por exemplo, os trabalhos dos outros membros do mesmo cartel com os quais fizemos a mesma experiência, e medimos o efeito do só-depois da experiência sobre a doxa, é também da ordem de um discurso que se descompleta, inédito e inesperado, não dito da mesma maneira. É da ordem do “não todo” da experiência que esclarece o “não todo” da teoria, esse “não todo” que produziu o trabalho que nos reuniu por ocasião dessas Jornadas.

Tradução de Lia Silveira

Patricia DAHAN (França)

O fim pelo sentido, fora sentido

Lacan define a passagem à analista como o produto de um ato analítico.

Este ato do analista tem como efeito a expressão de um dizer do lado do analisando. Um dizer que faz nó, em oposição à cadeia dos ditos. Esse dizer que faz nó produz um efeito de sentido para o analisando. O efeito de sentido é algo diferente do sentido. No seminário *RSI*, Lacan afirma a respeito do efeito de sentido que ele é real. Neste seminário, ele se esforça para mudar, diz ele, sua “perspectiva sobre o que se trata no efeito de sentido”.²¹ Mudar esta perspectiva consiste, para Lacan, em encerrar esse efeito de sentido de um nó. Trata-se de substituir o efeito de fascinação no qual se encontra o analisando em relação a seu sintoma, por um “efeito de sentido que faz nó, e nó da boa maneira”, diz Lacan.

Este efeito de sentido, que Lacan não situa nem na ordem do imaginário, nem na ordem do simbólico, mas na do real, tem como consequência deter a busca de sentido e, simultaneamente, esclarece, de outra maneira, para o analisando, tudo o que se disse ao longo da análise.

Assim, o efeito de sentido Real é um dizer que vem sacudir a relação do analisando com o sentido.

- Do ponto de vista Imaginário, ele recoloca em questão a verdade mentirosa do fantasma.
- Do ponto de vista Simbólico, ele recoloca em questão a articulação significativa da sucessão dos ditos.

Se no final de análise, se trata de enodar, de outra maneira, Real, Simbólico e Imaginário, como Lacan o propõe no Seminário *RSI*, eu gostaria de tentar examinar, no nível do sentido, a mudança produzida pelo ato analítico no enodamento Real, Simbólico e Imaginário.

No seminário *RSI*, com a fórmula: “o efeito de sentido exigível do discurso analítico não é Imaginário, nem, tampouco, Simbólico, é preciso que ele seja Real”, Lacan associa os dois termos Real e sentido, *a priori* contraditórios, na medida em que ele mostrou, no achatamento [*mise à plat*] do nó borromeano, que o Real é o que se opõe ao sentido. Ora, com essa fórmula, Lacan propõe um fim pelo sentido, fora sentido que permite um outro enodamento do Real, do Simbólico e do Imaginário. Novo enodamento cujos efeitos são imprevisíveis e se fazem sentir nas circunstâncias da vida (a relação ao outro, a relação ao amor, ao trabalho e à Escola), bem além do final da análise.

O ato analítico, no tratamento, é o que vai permitir uma ultrapassagem, ou seja, que vai se produzir no analisando uma transformação que marca um antes e um depois. Em Lacan, a noção de ato tem um sentido muito específico e introduz a noção de ultrapassagem de um limiar. No só-depois [*après-coup*] do ato o sujeito se encontra diferente do que ele era antes; uma transformação radical é operada. Lacan toma como exemplo a ultrapassagem do Rubicão por César para nos dar uma figura paradigmática do ato. O ato não é o momento em que se está agindo; no exemplo que ele dá, não é o momento em que César se desloca com sua tropa, mas o momento em que ele terá ultrapassado a linha, simbolicamente, com as consequências radicais que se seguirão a essa ultrapassagem.

O ato analítico no tratamento é representado por Lacan como um corte, esse corte sendo aquilo que tem um efeito de interpretação para o analisando. Interpretação que pode ser feita sob a forma da repetição de um significante, de uma interrupção da sessão, ou de uma intervenção do analista. Nem toda interpretação tem um efeito de corte; é somente no só-depois [*après-coup*] que se pode destacar o ato analítico.

Apoiando-se na topologia, Lacan mostra que é o corte que faz a estrutura. Eu me explico. Sobre a superfície da banda de Moebius o corte muda radicalmente a estrutura da banda

²¹ Jacques Lacan (1974-1975). *O Seminário – Livro 22 – RSI*, inédito (Aula de 11/2/75).

que, de unilátera, se torna uma banda bilátera. A banda de Moebius detém essa propriedade particular de ser, ao mesmo tempo, uma superfície que une em todo ponto de sua superfície um avesso e um direito e ela é, também, “um puro corte” como enfatiza Lacan, já que se a recortarmos no meio, em vez de obter aí duas bandas da mesma natureza, como se poderia esperar, obtém-se uma só banda, biface. O corte permite, então, uma transformação topológica. Isto implica, diz Lacan, que o próprio define a estrutura da banda de Moebius ao transformar sua superfície. O que a topologia ensina é o laço do corte com a modificação da estrutura e isso revela as propriedades desta estrutura.

A figura da banda de Moebius vai servir, por analogia, para conceber os efeitos do significante no Real. Desde o começo, o que constitui o sujeito como sujeito dividido, é um primeiro corte que se produz pela introdução de um significante, o significante do Nome do Pai. Para Lacan, o sujeito é efeito do significante, o significante é corte e a estrutura do sujeito depende deste corte.

A observação dessa estrutura, própria ao sujeito dividido, vai permitir apreender melhor de que maneira a interpretação opera na análise. O que faz corte pela interpretação produz o inconsciente como avesso do discurso. Lacan faz referência a isso, em “Radiofonia”, ao dizer que o que permite ver que há um avesso no discurso é a interpretação e ele pode assim concluir que o corte é o que faz surgir a estrutura do inconsciente.

Em *L'étourdit* (O aturdido) Lacan propõe examinar o que há do discurso analítico a partir da banda de Moebius interrogando aí a relação do dizer ao dito.

“Minha topologia, diz Lacan, não é substância que se possa situar para além do real, aquilo que motiva uma prática. Ela não é teoria. Mas ela deve dar conta de que haja cortes do discurso tais que modifiquem a estrutura que ele acolhe originalmente”.²²

O termo corte para representar a interpretação analítica é, portanto, utilizado, por Lacan, por analogia com seu uso na topologia da banda de Moebius. Isso permite mostrar que o corte da interpretação modifica a estrutura. Não a estrutura no sentido neurose, psicose ou perversão, certamente, mas a estrutura no sentido em que, pelo efeito da interpretação enquanto ato, o sujeito se encontra no só depois, diferente daquele que era antes; uma transformação radical é operada. Neste estágio, poder-se-ia dizer que Lacan permanece muito freudiano na medida em que ele considera que a interpretação analítica é o que revela ao analisando o avesso de seu discurso.

O que eu queria dizer com: o fim da análise pelo sentido fora de sentido faz apelo a uma outra topologia. A partir do seminário *RSI*, Lacan introduz o nó borromeano para representar a estrutura psíquica. O efeito da interpretação é representado topologicamente, não por uma transformação da banda de Moebius, mas por uma transformação do nó.

No seminário *RSI* Lacan se serve do enodamento dos três registros Real, Simbólico e Imaginário para ilustrar o modo com o qual se opera na análise. Ele diz que “é no efeito de escrita do simbólico que procede o efeito de sentido”.²³ Ele situa o efeito de sentido do lado do real como o que se trata de produzir na análise. “Isto é”, diz ele, “que o real sobrepuja o simbólico”.²⁴, o que quer dizer que, no final da análise, o Real e o Simbólico se enodam de outra maneira.

No que descreve Lacan em *La troisième* (A terceira), pode-se ver, na leitura do achatamento do nó, que o imaginário é o que consiste, o simbólico é o que faz furo e o real é o que ex-siste. Sobre esse esquema, Lacan representa o *sinthoma* como um efeito do Simbólico na medida em que ele aparece no Real. O que opera na análise é, portanto, o operar sobre o sintoma enodando simbólico e real de outra maneira.

No seminário *Le sinthome* (O *sinthoma*), Lacan fala de ressonância e de consonância. Trata-se de fazer consoar a linguagem de uma maneira que vá mais longe que o que é,

²² Jacques Lacan. “O Aturdido” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 479.

²³ Jacques Lacan. *O Seminário – Livro 22 – RSI*, inédito, Aula de 10/12/1974.

²⁴ *Ibid.*, 17/12/1974.

efetivamente, dito. Se nos referirmos ao nó, a ressonância se traduz em termos de acorde [*d'accord*], no sentido musical do termo, entre as duas consistências imaginária e simbólica, “o real é aquilo que faz acordo/acorde [*accord*] entre o corpo e a linguagem”,²⁵ diz Lacan, o que significa que o real “faz acordo/acorde” entre o imaginário e o simbólico.

Trata-se de fazer ressoar algo outro que não aquilo que o analisando crê como verdadeiro. Fazer ressoar um dizer. Esse dizer nada tem a ver com a verdade. O dizer, empresta-se aí a sua voz, isso é a consequência, diz Lacan no seminário RSI. Mas, “o dizer não é a voz, o dizer é um ato”²⁶, é o que ele diz, também.

O dizer como corte, o dizer como ato, é produzido por surpresa, sem intenção de dizer. O corte do analista é o que permite para o analisando que, “soe outra coisa que o que é dito com a intenção de dizer”²⁷.

No tratamento, o corte da interpretação permite que se produza um dizer, um dizer que ex-siste aos ditos do analisando. Sobre o nó borromeano, a existência é algo que é ex – isto é, que gira em torno, que está no intervalo. “Mas, neste intervalo, isso tem mil modos de se enodar”,²⁸ diz Lacan. Para cada um, o Real, o Simbólico e o Imaginário se enodam de modo singular.

O dizer na medida em que ex-siste aos ditos é da ordem do real. Ele faz corte na série dos ditos do analisando. Poder-se-ia dar a esse dizer o estatuto de uma letra na medida em que ele não entra em uma articulação significativa. “É a partir do momento em que se apreende o que ele tem de mais vivo ou de mais morto na linguagem, isto é, a letra, é unicamente a partir daí que temos acesso ao real” diz Lacan em *La troisième*.²⁹ O dizer deve ser situado do lado do real.

No seminário *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*, Lacan propõe um final de análise pela identificação ao sintoma que se traduz por um saber lidar com o sintoma. Saber lidar com seu sintoma é não mais fundir-se com seu sintoma, é colocar aí certa distância. O que tem como consequência uma relação ao Outro desimpedida de quaisquer inibições, angústias, mal-entendidos, marcada pela passagem da verdade ao real que detém a busca de sentido, uma passagem da verdade na qual o analisando sempre acreditou, mas que é uma miragem, ao real que toca o gozo do sintoma.

Em certas análises essa passagem se produz quando emerge um significante que vem fazer efração na série dos ditos do analisando. O surgimento desse significante, no qual o analisando reconheceu o que presidiu à constituição de seu sintoma, permite que se produza um dizer e esse dizer transforma o curso da análise. Assim, poder-se-ia considerar que a análise não visa o sentido, ela visa o que está além do sentido. No desenrolar do tratamento, quando no lugar da verdade – o que se acredita ser verdadeiro e ao qual se procura dar um sentido – surge o real, sob a forma de um significante fora sentido, fora cadeia significativa, isso permite que se produza um dizer que faz nó e detém a busca metonímica do sentido.

Esse dizer faz nó por oposição à cadeia dos ditos. Faz nó na medida em que faz emergir um sentido inédito. Trata-se de um enodamento do sentido pelo real fora sentido. Esse dizer como ex – como o que ex-siste – está do lado real, ele é um efeito de sentido e vai enodar o imaginário, que é da ordem do sentido, do que faz forma ao simbólico, que é da ordem do não sentido, a partir do qual se produz o sentido na linguagem, caracterizado pela metáfora e pela metonímia.

Na figuração do nó, tal como Lacan o representa no seminário *Le sinthome*, o real é que pode fazer manter juntos dois elementos tão estranhos um ao outro, como são o simbólico e o imaginário.³⁰

²⁵ Jacques Lacan. *O Seminário – Livro 23 – Le sinthome*, Aula de 9/12/75, p. 40.

²⁶ Jacques Lacan. *O Seminário – Livro 22 – RSI*, inédito, Aula de 18/03/75

²⁷ Jacques Lacan. *O Seminário – Livro 25 – Le moment de conclure*, inédito, Aula de 20/12/1977

²⁸ Jacques Lacan. *O Seminário – Livro 22 – RSI*, inédito, Aula de 14/01/1975.

²⁹ Jacques Lacan. “La troisième” In: *Lettre de l'École freudienne*, 1975, no. 16, p. 201

³⁰ Jacques Lacan. *Le Séminaire – Livre 23 – Le sinthome*, Paris, Seuil, p. 132.

Enodando o imaginário e o simbólico, o real faz acorde fazendo ressoar o sentido para o analisando, de outra maneira. A partir daí, a partir desse novo enodamento do sentido, todo esforço que o analisando se propunha para ultrapassar certas dificuldades da vida, não tem mais razão de ser.

Eu quis descrever como, nessas abordagens sucessivas, Lacan utilizou a topologia para mostrar que o ato analítico pode ter, como efeito, uma transformação da estrutura.

Por analogia, a banda de Moebius nos ajuda a representar como a interpretação produz uma mudança de estrutura na qual o sujeito se encontra no *après-coup*, “no só depois” do ato, diferente do que ele era antes. Um pouco mais tarde Lacan recorreu, novamente, à topologia com o nó borromeano. O nó borromeano traz outra dimensão que permite enfatizar no efeito do ato analítico, as transformações que esse ato produz, na estrutura do nó, o enodamento real, simbólico e imaginário.

Para concluir, eu diria que, com esta abordagem do nó, Lacan propõe uma nova ética, uma ética que leva em consideração o real fora sentido e supõe um saber sobre o impossível da relação sexual. Com o enodamento do imaginário e do simbólico pelo real, no fim da análise, Lacan propõe uma escrita do nó na qual Simbólico e Imaginário tomam um outro valor, em relação ao sentido, diferente daquele que o analisando lhe dava no começo da análise.

“ Não são mil sentidos que se descobre no fim da picada do inconsciente: é o sentido sexual”. Isto é, muito precisamente, *o sentido não sentido*, diz Lacan no seminário *Les non-dupes errant*.³¹ *O sentido não sentido*, na medida que isso não pode se escrever, enquanto isso falha sempre.

Neste mesmo seminário, Lacan volta à noção da ética. Ele enfatiza que não há o imaginário que seria o mal e o simbólico que seria o bem, como foi dito em teses que ele desenvolveu antes. Lacan quer dissipar este mal-entendido pela estrutura do nó, isto é um enodamento dos três registros, no qual “é do 3 que se introduz o real” . A estrutura do nó enfatiza o real que faz questão do 3, quer dizer, que do dois não se pode fazer um.³²

Para Lacan, com a escrita do nó, trata-se de romper com a ética do Bem e dar um justo lugar ao real, ao simbólico e ao imaginário, Graças a um enodamento no qual o simbólico é enodado ao imaginário pelo real.

A psicanálise nada tem a dizer sobre o Bem e o Belo “é de outra ressonância que se trata de fundar sobre o chiste”,³³ diz Lacan. O chiste é baseado em uma economia que não é uma economia como a que institui um valor. “O essencial que há no trocadilho, é ali que nossa interpretação deve visar para não ser aquela que nutre o sintoma de sentido”, diz Lacan em *La troisième*.³⁴ “Uma prática sem valor é o que trataria para nós de instituir”.³⁵ Eis o que Lacan propõe no seminário *L’insu que sait de l’une bévue s’aïlle à mourre*.

Enodar pelo real, o simbólico e o imaginário, no fim da análise, como Lacan propõe no seminário *O sintoma*, consiste em dar ao sentido um valor outro que não o que ele tinha antes da análise; consiste em desvalorizar este sentido que estava lá, no começo. É sobre isto que eu quis insistir intitulado minha intervenção “Um fim pelo sentido, fora sentido”.

Tradução de Sonia Magalhães

³¹ Jacques Lacan. *Le Séminaire – Livre 11 – Les non dupes errant*. Paris: Édition ALI, Aula de 20/11/1973, p. 32

³² Jacques Lacan. *Ibid.*, Aula de 19/03/1974, p. 151.

³³ Jacques Lacan. *Le Séminaire – Livre 24 – L’insu que sait de l’une bévue s’aïlle à mourre*. Paris: Édition ALI, Aula de 19/04/1977, p. 120

³⁴ Jacques Lacan. “La troisième” op. cit., p. 193

³⁵ Jacques Lacan. *Séminaire L’insu que sait de l’une bévue s’aïlle à mourre* Edition ALI, Aula de 19/04/1977, p. 120.

Stéphanie GILET-LE BON (França)

O caso de 9 de outubro

Perguntaram-me diversas vezes o que era esse “caso de 9 de outubro”, bem nomeado haja vista a intensidade das reações que provocou, o que me conforta na ideia que tive de retornar ao passado para uma história do passe de acordo com as épocas, que nos inscreve numa continuidade. Para fazê-lo, reli vários documentos antigos sobre o passe nas *Cartas* da E.F.P., e, certamente, a “Proposição”, o “Discurso na E.F.P.”, primeira e segunda partes, e ainda a Alocução de Lacan no congresso da Escola sobre o ensino, em 1970, “aquém”,¹ portanto, da nossa década, que considero ser a continuação deste dito acontecimento que tomou, depois de 1967 até os dias de hoje, formas diferentes de crises institucionais – por fim, sempre mais ou menos em torno de um ponto de doutrina. Mas, reconheçamos nas crises sua função de alerta para os problemas de doutrina, particularmente aquele, crucial, da passagem do psicanalisando à psicanalista, ou seja, a emergência do desejo do analista, problema ao mesmo tempo do psicanalista e da Escola. Voltar a esse passado do passe pode, então, ser-nos útil, parece-me, se quisermos justamente nos lembrar dele, quer dizer, reencontrarmos-nos nele, ir contra nosso recalque, para desarmar as armadilhas das quais não estamos protegidos, mesmo se pensamos estar longe delas, termos superado tudo aquilo que se colocou em jogo após quarenta e quatro anos. Tudo vai necessariamente melhor que antes?

Das crises, selecionei a de 1969, que produziu uma cisão, mas que foi trabalhada, pois o conflito que ela provocou foi aberto. O dito “fracasso do passe” de 1978, sem dúvida na origem da entropia doutrinal do fim da E.F.P. no que diz respeito à garantia psicanalítica, em seguida, a crise induzida na E.C.F., a de 1990 em torno do volume *Les racines de l'expérience* [*As raízes da experiência*] que produziu a demissão dos autores, mas que passou muito facilmente na conveniência de um silêncio; depois, a de 1996, por ocasião do segundo Colegiado do Passe – o caso B – até a cisão e a criação dos Fóruns e, em seguida, da E.P.F.C.L., que tenta, na nossa década, pôr novamente em pé uma Escola, situando o Passe no seu centro, não sem ter sido esclarecida essa última crise pela obra *La psychanalyse pas la pensée unique* [*A psicanálise, não o pensamento único*]. Se Lacan se perguntava em 6 de dezembro de 1967, no início do Discurso à E.F.P., se sua proposição era ato, podemos dizer que sim, haja vista os acontecimentos que se sucederam desde a primeira crise até os dias de hoje, nos quais nos perguntamos: qual passe para nossa Escola?

Essas crises repetidas giram em torno do sentido a ser dado a esse famoso passe. Um sentido institucional primeiramente, entre 1967 e 1969, em que vemos florescer as paixões narcísicas e os interesses de poder: comparem as proposições A, B, e C.

A proposição A, de 19 de dezembro de 1968 e que foi adotada, não mudou em nada em seus princípios.

A proposição B, a partir de uma fusão, para não dizer confusão passante/passador, pretende dar o poder ao passante [o postulante (o passante) se declara à Escola, outros postulantes também se declararam e se ofereceram ao passe. É entre eles que um passante escolherá seus passadores, os quais designarão o júri dentre aqueles que se ofereceram a preencher essa função.]

A proposição C [pretende ser uma objeção à proposição A. Ela fala do medo de que os futuros A.E. nomeados recriassem uma lista de psicanalistas didáticos. Consequentemente, haveria uma destituição dos antigos A.E. e, democraticamente, todos A.M.E. Ela propõe uma comissão de qualificação de acordo com as modalidades em vigor habitualmente e uma comissão de estudo sobre o passe e o fim da análise didática que poderia ser posta em funcionamento ao final de quatro anos de atividade da dita comissão de estudo, o que] adiará indefinidamente a Proposição de 9 de outubro. Notemos que o modo de votação preferencial proposto por Lacan,

da esquerda para a direita na ordem de menor consentimento³⁶ frustra o psicodrama que engendraria necessariamente a formação de grupos antagonistas, cujo efeito é o de se interpor ao discurso analítico, frustra e serve ao interesse geral nos dois sentidos do termo interesse. É sem dúvida por esse interesse que o júri avaliador [*jury d'agrément*], na proposição de Lacan, será eleito diretamente pelos membros da Escola. Dessa maneira, toda a Escola é parte interessada da nova experiência proposta: isso a abre para o conjunto da Escola e deveria impedir que ela se feche sobre si mesma. Lacan, em sua “refundação”, coloca novamente no centro a questão da Escola em torno do passe, para fazer dela uma Escola de analistas.³⁷

Retomemos a cronologia.

1966: Lacan endereça por escrito um esboço da proposição “àqueles que têm o conhecimento”, ou seja, os A.E. do anuário de 1965 que mostraram ser as “suficiências” do texto “situação da psicanálise em 1956”.

1967: Lacan lê a proposição de 9 de outubro. Ele a faz passar por sua voz. Ela confirma a orientação da experiência analítica para o fim. Ela quer trabalhar a questão de saber “se o fim da psicanálise deve ser sustentado por uma garantia na passagem ao desejo de ser analista”. Assim, abriu-se uma possibilidade nova no nível da garantia. A questão vai girar, num primeiro momento, em torno da “supérflua” didática. Aqueles que possuem o conhecimento e que temem por suas patentes se insurgem; a proposição é tratada como fantasma *sadeano*.³⁸ E a didática³⁹ vai ser afetada, diz um que se garante pela rede, pelo “séquito” de seus pupilos a título da didática, isto é, a didática que prolonga o circuito da “análise pessoal” – sequelas do analista didático instituído pela I.P.A. No entanto, as suficiências não têm nada a temer, pois a proposição preserva as aquisições pelas circunstâncias.⁴⁰ A seleção de um corpo dito de A.E. que confluiria para o corpo existente, seria, antes, uma homenagem. Ao mesmo tempo, Lacan começa seu Seminário sobre o ato e o desejo do psicanalista do qual os “eminentes” não participam.

1968: é a votação. Ninguém contestará a existência do passe.

Mas, em 1969, produz-se a cisão que formará o quarto grupo a partir de vários membros do antigo diretório da Escola, e o laboratório de psicanálise da Bastilha. O argumento dos dissidentes é que a designação do passador por seu analista pode comprometer o fim de sua análise. Eles queriam passadores oriundos do corpo dos A.M.E. que seriam propostos a eles por eles mesmos. [Eles haviam, contudo, sido chamados, desde 1967, por uma circular de Lacan, a trabalhar sobre o momento em que o passador pode ser designado, mas eles se abstiveram. Foi a comissão de acolhimento que se dedicou a isso]. A objeção, portanto, riscava um dos elementos-chave da estrutura do dispositivo proposto por Lacan, e era também uma posição para se evitar a dificuldade da designação do passador pelo analista. Dito isto, parece que a designação do passador ainda traz dificuldade ou resistência, pois poucos analistas designam os passadores. Como perceber que um analisando pode ser designado, que “ele é o passe”, ou seja, a abertura do momento do passe? Por outro lado, não se deve confundir a queda do sujeito suposto saber, o desser do analista, a travessia do fantasma, o momento em que o analisando não fala mais às representações imaginárias de seus analista, com o fim propriamente dito, já que o analista pode continuar a ser investido como objeto causa: a causa do desejo do analisando pode continuar a operar – os recursos do simbólico não estando, sem dúvida, esgotados.

1970: Congresso sobre o ensino e sobre o passe. O júri de acolhimento, já reassentados, formados pelos veteranos, que retoma essa velha palavra da didática que Lacan tenta apagar, é posto na berlinda. Lacan fará notar que aquilo que se passa ao júri não é o que constitui o passe.

³⁶ Jacques Lacan. *Scilicet* 2/3, p.51.

³⁷ O que ela não era: ela era, no momento de sua fundação, uma Escola de “trabalhadores decididos”. Lacan lembra isso na Proposição de 9 de outubro, p.249: “um analista praticante só é registrado nela, no começo, nas mesmas condições em que nela se inscrevem o médico, o etnólogo e *tutti quanti*”.

³⁸ Jacques Lacan. “Discours à l’E.F.P” In: *Scilicet* 2/3.

³⁹ *Idem*, p.16.

⁴⁰ *Idem*, p.50.

Sua resposta por um sim (ou por um não) não nomeia analista; ninguém pode nomear alguém analista uma vez que “o analista só se autoriza de si mesmo”. Uma questão é colocada sobre a perpetuidade do desejo do analista que é relançada em 1973 e que faz par com a questão da nomeação.

1973: Bases da Escola. Lacan diz novamente a que ponto ele faz questão do passe – o passe que é proposição, feito sobre o modo da proposição, àqueles que querem de bom grado se dedicar a ele. Alguém ressalta que não se pode agir como se ele não estivesse ligado ao seu desejo, em contato vivo com seu ensino, ser uma contribuição ao discurso analítico. Vai se tratar bastante da nomeação e de seus efeitos a partir do fato observado de que os A.E. eram reagrupados numa sequência, num pódio a um metro acima dos outros,⁴¹ e que não havia entre eles nenhum passante não nomeado? De fato, por que não tirar alguma lição deles também? [Por que dar a eles um título que os constitui definitivamente como “ser analista” sobre um pedestal? Por que não uma sigla – o ponto de ironia – após o título? E como esse título se articula com “o analista só se autoriza de si mesmo”?]. E, em seguida, encontramos ao lermos o resumo, uma tentativa de esclarecer o passe pelos discursos, que vai interessar a Lacan.

Resumo a intervenção de Lacan sobre tudo isso, sobre os pontos que ele destacou: a proposição é um modo de pesquisa que marca uma prudência haja vista o estado de coisas existente. É por isso, explica ele, que ele a recolocou na classe dos A.E. selecionados sobre o modo da sociedade de psicanálise, de maneira que eles incorporem A.E. diferentes nomeados a partir do passe e suscetíveis de mudar o sentido do termo A.E. e a natureza do discurso. Mas, apesar da prudência, isso fez fugir aqueles que conhecemos. Ele correu esse risco para frustrar as leis ordinárias do grupo que funciona sobre a concorrência e que solicita sempre um mestre, uma autoridade, para não dizer um poder. Vemos aí a recusa de Lacan a toda tomada de poder no discurso analítico. A voz nova do novo A.E. pode comunicar aquilo que o fez se engajar no discurso analítico, ao qual não é certamente fácil ser o suporte. Isso pode isolar aquilo que disso há do discurso analítico, o qual permite de construir os outros. No discurso analítico, o analista funciona como representante do objeto *a*, “risco louco”, diz ele, “de se tornar esse objeto *a* que representa para aqueles que falam somente enigmas polarizados que se presentificam nessas grandes funções ligadas ao corpo”, a saber, os objetos episódicos.

Para o passe, o termo de “clarão”, essa metáfora que ele ouviu, o prendeu. De fato, esse clarão pode esclarecer uma certa parte obscura de sua análise para um paciente, subentendido o fato de que isso seja para *um* passante, eventualmente, ele não pode, entretanto, ser tomado como critério.

[Ele volta ao termo didática. Uma análise é didática. O sujeito adquire dela saber sobre o saber inconsciente e por meio de qual truque isso se produziu. Mas se ele somente aprender a técnica de abertura do inconsciente, isso não é grande coisa se comparado àquilo que na experiência foi desvelado a ele; e seu primeiro movimento é de não saber por onde pegar esse algo, que é de uma espécie totalmente diferente. Então, deve-se deixar amadurecer, esperar...]

Venho a 1976: O “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*” que traz um remanejamento do passe: saber se a *hystorização* da análise levou a colocar um fim à miragem da verdade, o passe definido pelo real, a satisfação do fim para atestar um efeito didático. Não insisto, isso estava em voga na época.

1978: As bases da Escola sobre a experiência do passe. Reterei disso, para ir rápido, que há um retorno às consequências nefastas sobre os passadores e os passantes, donde a queixa que o título de A.P. seja utilizado de maneira abusiva: a maioria dos numerosos passantes são, de fato, A.P. Mas Lacan dirá, em sua curta fala final, que o A.M.E. que faz a análise por hábito – estabelecido sobre um “eu não penso”, sobre um *savoir-faire* – venha testemunhar, não o interessa particularmente. O interessa mais, de fato, aqueles que são analistas há pouco tempo, a quem deu na telha de se autorizar analista. Reterei daí também que isso começa a girar em torno do objeto

⁴¹ Conhecemos isso de forma mais grandiosa na sala maior do Palais des Congrès na E.C.F.!

a do sujeito – assumir o objeto *a*, delimitar seu objeto *a*, enunciá-lo – sequelas, ao meu ver, da tentativa de esclarecer o passe pelos discursos: para a passagem à analista, o analista deve ser objeto *a*. O melhor do fim sendo, então, se saber objeto, tê-lo delimitado, nomeá-lo. Mas esse objeto que pretendemos poder nomear – que imaginamos, porém, a partir dos objetos episódicos⁴² – são mecanismos do fantasma não atravessado, objetos que o analista suporta no curso da análise. Se o objeto do fim é pura falta, buraco onde falta o significante, portanto, o ponto zero do saber; vemos os contrassensos que Colette Soler destaca. O mesmo ocorre, diz ela, com saber lidar com o sintoma, um pouco mais tarde, e mais recentemente, acesso ao real pela letra do sintoma, isto é, procurar, para e no testemunho, os traços de estrutura, adequar as experiências variadas do passe com a teoria, as teses estruturais de Lacan.

E reterei disso o “bem entendido, esse passe é um fracasso completo”, interpretado mais negativamente, sem que seja interpretado de outra maneira o “bem entendido”, que nos deixa entender que a passagem do analisando à analista permanece um problema. O que me remete à apresentação de nosso terceiro encontro internacional, na qual eu li que “o fim da análise não é mais aí um mistério (...) que ele é satisfação (...) mutação de afeto que toca a experiência do viver (...) que seria de bom presságio para poder fazer comunidade – e internacional – os dispersos desparelhados que são os analistas”. Certamente, sob a condição de que ele não engendre uma paz que sabemos que pode ser estase da elaboração de saber. “O fim é isso, é a satisfação”, pode levar à conformidade de satisfação, obstáculo do efeito doxa. Não esqueçamos que a satisfação obtida da aquisição de saber ou de bem estar pode ser uma interrupção e não um fim. Isso torna, a meu ver, a satisfação do fim sem dúvida difícil de diferenciar somente sobre o afeto. Torna-se justamente necessário supor um remanejamento, uma liberação da libido em relação com a queda da demanda transferencial, ouvida pelos passadores e pelo cartel, e que essa queda seja instaurada sobre a renúncia da demanda – seja ela de amor, de adoção ou de garantia – e sobre um luto do objeto pleno. Mas também, levar em consideração aquilo que toca a experiência do viver, de fato: renovação do desejo que satisfaz, libido livre para outros fins que não somente a experiência analítica, sublimações ou contingência do amor, ou ainda, para tomar de volta a tocha do analista para alguém, ou seja, que o desejo de saber inédito pela “humanidade” tenha advindo, o que não é, depois de tudo, obrigado para um final de análise.

Então, para fazer uma comunidade de trabalho, pensaria antes no poder da transferência de trabalho, ponto sete do “Ato de Fundação”: “O ensino da psicanálise pode somente ser transmitido de um sujeito a outro pelas vias da transferência de trabalho”. Essa transferência é um resto da transferência analítica, o que subentende-se que esta última não se elimina e tampouco se analisa. Por quê? Porque o analista que ensina não leva em consideração o sujeito suposto saber que é a posição do analista na cura, na sua atitude diante da transferência do analisando.⁴³

A transferência de trabalho se faz sobre textos, sobre escritos? Eles fazem o ensino no sentido de Lacan, isto é, formação própria ao discurso analítico? Sim, claro. Pois nessa formação há a necessidade de uma relação com o saber textual: “a psicanálise tem a consistência dos textos de Freud”. Colocam eles em relação o sujeito com o saber sem que essa relação barre o acesso ao saber inconsciente que não se sabe? Sabemos que isso pode acontecer, pode constatá-lo. Mas um texto escrito não comporta a palavra. Lacan diz mesmo dos textos escritos, “que ele se esforça para que não passem longe de mais da fala” para o efeito de formação que ele busca. A um texto escrito falta, portanto, a voz, o vivo de um sujeito, o suporte da voz. Certamente o saber pode estar conservado nos livros. Mas ele pode estar recalcado. Confirmam o despertar dos textos de Freud produzido pelo trabalho de Lacan que demonstra bem que o saber se ganha ou se inventa sobre o recalque.

Portanto, para a transferência de trabalho necessita-se do oral, de uma tradição oral, um que fala aos que estão lá para escutar. O dispositivo da transferência de trabalho é a palavra com

⁴² Cf. Pascale Leray. “L’ouverture vers une nouvelle satisfaction” In: *Wunsch* Nº 9, p.32.

⁴³ Reler o artigo de Jacqueline Poulain-Colombier “Du transfert de travail” In: *Bulletin de l’EFP* Nº 2, março de 1984.

um público, ou seja, uma transferência sobre o trabalho de pensamento daquele que fala. A fala de ensinamento de Lacan dirigindo-se aos analistas é o melhor exemplo de uma tradição oral em psicanálise, com suas interrogações, suas hesitações, suas elaborações interrompidas e retomadas, seus aforismas aos quais podemos ligar sua própria elaboração, isto é, desfazer seu caráter de aforisma.

Por que dar essa dimensão oral ao efeito de formação esperado do ensino em psicanálise? É que é preciso contar com o gozo de um sujeito nesse efeito que se vincula ao suporte da voz. Sua proposição escrita, Lacan a leu, ele a fez passar por sua voz.

Esse elo de transferência, se ele faz comunidade, não faz grupo, já que presume-se que ele passe de um sujeito a outro. Aliás, Freud não fala da transferência na formação dos grupos, mas da identificação, da sugestão, da idealização. E se na Escola de Lacan há a instauração institucional dos pequenos grupos nomeados por ele “cartéis”, um tipo de formação em grupo própria ao discurso analítico, eles impedem a identificação e o efeito de massa. O cartel solicita cada um em sua relação com a palavra e o mais-um não é um chefe no sentido da psicologia das massas, mas o um chefe sem mais.

Na Escola, se esperarmos um ensinamento dos A.E., cada psicanalista está livre para se dedicar a essa tarefa, por sua própria conta e risco. O ensino não está institucionalmente localizado nos A.E. Não há análise sem ensino que produza a transferência. Em “Televisão” e no seminário *Encore*, Lacan situa tanto a palavra do ensinamento como a do analisando dirigindo-se aos psicanalistas para que o ensinamento em questão não se transforme em autoanálise; na posição de analisando de seu “não quero saber nada disso”, contra o recalque, contra uma relação de defesa no que diz respeito ao real. É uma relação muito particular ao saber, a partir desse ponto de não saber ao qual o analista descobriu que está submetido, que não é mais, portanto, insuportável para ele, mas que ele sustenta e suporta seu desejo, e por isso, faz prova de alguma maneira de sua relação com o inconsciente. Quando o psicanalista ensina a psicanálise ele fala a partir de uma “ignorância doura”, à junção entre saber e não saber, lá onde já não há um saber ali no Outro, senão é um possível retorno ao discurso do mestre ou ao discurso universitário no qual o saber tem uma parte ligada ao poder, no qual “o ensino poderia ser feito para fazer barreira ao saber”, colocando-o como possível de ter fim – estratégia de evitação do real. O psicanalista ensina para se instruir e complementar sua prática,⁴⁴ manter seu desejo. Porque o desejo do psicanalista produzido pela experiência psicanalítica, totalmente autenticado no dispositivo do passe, no qual ele tenha estado, não é adquirido de uma vez por todas. Foi uma questão em 1970 no congresso sobre o ensino, aquela de sua perpetuidade. É preciso a Escola que sustente, defenda o discurso analítico em que o desejo do psicanalista possa se recolocar em pé quando ele ceder, se corrigir.⁴⁵

Só com seu “não quero saber nada disso”, que não tem nada a ver com aquele que vem escutar. [Não se ensina a psicanálise em grupo. Eu havia firmemente recusado, naquela época, essa modalidade de ensino que Miller queria colocar em prática na “Antenne clinique de Dijon”, aliás, sem muito saber o por quê. Nesse sentido podemos mesmo fazer objeção ao cartel de ensino]. Só, esta seria a primeira condição para instaurar a transferência de trabalho. Que sejamos escutados, contudo, não garante o efeito de transmissão. Ainda seria preciso que, para aquele que escuta os significantes de um outro sejam-lhe de um interesse que vá ao encontro de um desejo inconsciente, que eles abram para algo desconhecido. O que não é para ser confundido com a alienação à teoria de um outro, que não deixa de engendrar sintomas tais como a imitação, maneira servil de reproduzi-la, ou a inibição.

Mas claro que essa transferência de trabalho e as modalidades de trabalho que ela desencadeia devem se inscrever num lugar institucional onde o psicanalista advém. Conhecemos a relação entre o ensino e o passe, ele é consequência, certamente, mas é também “o passe sempre a recomençar”. Toda semana, ao longo de seu seminário, Lacan faz o passe, ele pensa a

⁴⁴ Jacques Lacan. “Allocution à la clôture du congrès sur l’enseignement de 1970” In: *Scilicet* 2/3, p.391 à 399.

⁴⁵ Jacques Lacan. “Discours à l’EFP”, p. 14.

psicanálise. Seu seminário é um modo de transmissão que passa pela presença de seu corpo, sua voz, de seu olhar. Escritos e conferências surgiram daí. Ele ajustou o passe à Escola que ele fundou, que presumia produzir A.E., isto é, analistas ensinantes de uma Escola – portanto, no final das contas, também os analisandos. Digamos, como C. Soler, o dito “analisantes de Escola” – para pensar os pontos cruciais da psicanálise dos quais sabemos que o saber dos psicanalistas é um deles, que há a necessidade de contribuir com ele, pois o saber é colocado no centro pela experiência psicanalítica – “a mínima psicanálise é da ordem do saber”.⁴⁶ E o passe sempre a recomçar, não é que ele seja um fracasso e não é para essencialmente dizer o que ele é, mas para preservá-lo como prova de garantia – para a psicanálise –, contra as regras oficiais que buscam neutralizá-lo, isto é, colocar a competência lá onde há somente performance sem Outro.

Tradução de Fernando Silvério Alves

Susan SCHWARTZ (Austrália)

Momentos de separação em análise⁴⁷

O processo de uma análise é um processo de separação dos objetos e dos ideais aos quais somos o mais intimamente ligados. Portanto, seria possível pensar nesse processo como um luto, mas não um luto no sentido habitual. Não é um luto dos objetos mas, sobretudo, um luto que é a consequência da singularidade do falasser. No “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*” Lacan diz: “não sou um poeta, mas um poema. E que se escreve, apesar de ter jeito de ser sujeito”.⁴⁸ O que é um sujeito que é constituído como uma escrita? O que faz a particularidade de uma forma literária, um poema, que possa servir como veículo para Lacan e qual a sua importância numa análise? Há no poema algo de elegíaco? É uma escrita que marca simultaneamente a perda de um objeto e um ganho simbólico; ele visa pegar algo que foge: uma imagem, uma impressão, um fragmento da voz viva. Na carta que Rilke escreveu a um jovem poeta ele defende que a escrita de um poema tem uma dimensão de necessidade. Para Lacan, é o sintoma que não cessa de se escrever ao sujeito, que é necessário. Existiria uma relação entre sintoma e poema?

Um poema, no sentido literário, é uma forma de escrita que se submete, necessariamente, às regras da temporalidade e da escansão, às técnicas da marcação, da divisão e, portanto, da separação. Com poucas palavras, um poema busca transformar a significação recebida, enodar os fios do pensamentos, dar à linguagem cotidiana um estranhamento. Um poema revela os traços dos mitos e das marcas primitivas. No uso que fez Lacan, o poema é a forma de escrita mais próxima do inconsciente, a mais próxima do início do sujeito.

O artigo de Freud, “Sobre a transitoriedade”, é pertinente aqui. Ele apresenta uma cena onde Freud fala a um jovem poeta e a seu amigo com quem passeia no campo. Diante da melancolia de seus companheiros frente ao fato amargo de que a beleza morre e desaparece, Freud proclama a natureza transitória do ideal da beleza: “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação sobre a possibilidade de gozar eleva o valor do gozo”.⁴⁹ Este artigo de Freud trata do processo de luto. Quando o luto está consumado no processo de separação de tudo o que fora perdido, a libido está livre e pode substituir o objeto perdido com

⁴⁶ Jacques Lacan. *Le Séminaire – Livre 17*, p. 33.

⁴⁷ Susan Schwartz declara que fez modificações no texto que apresentou em dezembro de 2011.

⁴⁸ Jacques Lacan, “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”, *Outros Escritos*, Paris, Seuil, 2001, p. 568.

⁴⁹ Sigmund Freud. “Sobre a transitoriedade”, 1916a [1915]. *Edição Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*. 24 volumes. James Strachey, Ed. Rio de Janeiro: Imago (1974), Vol. XIV, p. 345. Na tradução da Imago para o português está “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação sobre a possibilidade de fruição eleva o valor dessa fruição”.

objetos novos “igualmente preciosos ou mesmo mais precisos”.⁵⁰ As palavras de Freud criam aí um quadro a partir do qual podemos pensar nos momentos de separação em análise, e, mais precisamente, do qual devemos nos separar. Contudo, no final de uma análise, não se trata de substituir um objeto imaginário por um outro, ou um novo ideal no lugar do ideal perdido. O fim da análise é indicado pela assunção do fato de que não há um Outro no qual se pode acreditar, não há Outro que ofereça a garantia de ser. É a assunção de sua própria singularidade, de sua identificação ao modo de seu gozo único que é escrita no sintoma. Uma assunção é um ato que marca a separação. Assim, a dimensão do luto no final de uma análise deriva do saber que o sujeito constituiu para si no vazio do objeto *a* que está por trás dos objetos que nos cativam. É nesse nível fundamental que ele tem uma escrita.

Lacan concebeu o sujeito como afetado pela linguagem e pela *alíngua*, “*alíngua* dita materna”.⁵¹ A linguagem é o único meio de acesso à *alíngua* pelos ditos que fizeram traço no corpo. Em razão desta escrita, o corpo é uma substância gozante.⁵² Isso é tão claro para Lacan que é impossível dizer com certeza que *alíngua* é dialógica, não há nenhuma dúvida de que a linguagem vem do Outro e que o que resta da palavra, os dizeres por trás das palavras ditas, têm um efeito sobre o corpo. Esta distinção é fundamental na clínica do real.

No seu texto de 1948 “Agressividade em psicanálise” Lacan diz que o analista deve provocar a intenção agressiva do analisando “que reatualiza a *imago*, instalada permanentemente no plano da sobredeterminação simbólica a que chamamos o inconsciente do sujeito, com sua correlação intencional”.⁵³ É a transferência na sua dimensão imaginária em que as *imagos* que estão associadas com o manejo do corpo da criança e carregam uma carga libidinal. É certo que se trata de uma ideia freudiana, e, na perspectiva do ensino posterior de Lacan, a transferência negativa assume a forma do “eu não quero saber”, em vez de uma agressividade. No entanto, se a agressividade marca uma distinção fundamental entre sujeito e Outro, ela é válida. Freud diz no *Entwurf* (Projeto...) que o primeiro encontro do sujeito com outro ser humano é com um objeto que é ao mesmo tempo satisfatório e hostil. O complexo perceptual, que é o efeito deste encontro, é feito em duas partes: de uma lado, uma impressão de estrutura constante, a Coisa; e de outro lado, uma atividade de memória que é derivada das informações do corpo do sujeito.⁵⁴ Para Lacan, a Coisa está ao lado do gozo, enquanto que as inscrições da memória são as primeiras marcas. Assim, a relação primordial da criança com o objeto e o significado fundado no gozo do corpo está estabelecida.⁵⁵

Este conceito de constituição do falasser articulado com a Coisa, o objeto perdido, e com o Outro pela via dos rastros dos dizeres sobre o corpo, que fazem uma escrita, nos dão nossa orientação para o real. Ao longo de uma análise existem momentos cruciais de separação, momentos de limite, de renúncia, de castração, momentos que têm um efeito sobre a escrita do poema que é o sujeito. O trabalho analítico busca revelar a relação entre o sujeito e seus objetos de gozo que constituem o fantasma, aquele que sustenta o desejo inconsciente. A análise, portanto, é um processo de instauração da separação que transforma a relação entre o sujeito e seu sintoma e que é anterior a um novo modo de amar e de desejar. Isto é efetuado pelo analista na sua posição de suporte do semblante do objeto *a* para o analisando.

A poesia e o luto do analisando

A poesia torna a linguagem estranha, isto é, que num poema bem escrito, escutamos as palavras de outra maneira. É como se seus referentes fossem inéditos. Na transferência, quando

⁵⁰ *Ibid.* p. 348. “. . . igualmente, ou mais preciosos”.

⁵¹ Jacques Lacan. *O Seminário – Livro 20 – Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p.188.

⁵² *Ibid.*, p. 127.

⁵³ Jacques Lacan. “Agressividade em psicanálise” In: *Escritos* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.110.

⁵⁴ Sigmund Freud. 1950 [1895] “Projeto para uma psicologia científica” In: *Edição Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*. 24 volumes. James Strachey, Ed. Rio de Janeiro: Imago (1974), Vol. I, p. 502.

⁵⁵ Jacques Lacan. *O Seminário – Livro 20 – Mais, Ainda*, op. cit., p. 35.

o analisando escuta suas próprias falas dirigidas ao Outro isso produz um efeito de um distanciamento. De uma hora para outra, o analisando toma consciência do que ele disse e se espanta, um efeito que é amplificado pela escansão do analista. A interpretação, como ato analítico, é evidente somente pelo seu efeito retroativo, pelo que resta dos dizeres do analista para além do deciframento das formações do inconsciente. O efeito real destes dizeres estaria marcado numa reescrita do gozo do sintoma. Mas antes, há a questão da separação e do luto.

O luto do analisando tem vários níveis. Ele indica a perda do ideal, a posição do analista como semblante do sujeito suposto saber; é o final do amor de transferência e da esperança sempre decepcionada que o analista preencheria a falta-a-ser do analisando. Em outras palavras, é o final do gozo do sentido (*jouis-sens*) do deciframento. Ele produziu o abalo dos semblantes que fornecem os pontos de referência no analisando. O luto do analisando, portanto, é uma destituição subjetiva à qual se acrescenta o efeito de des-ser do analista, “des-ser” [*désêtre*] no sentido que no final da demanda de interpretação, não podemos mais supor que haja saber da verdade do inconsciente do analisando.

O final da análise

De que, precisamente, se separa o analisando, no final da análise? Como sabemos, há uma separação do analista como Ideal, pelo efeito de sua função de suporte do objeto *a* causa de desejo. Mas tal separação tem dois aspectos: o primeiro concerne a dimensão do semblante e o segundo trata do real.

Na última lição do *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan elabora as condições do final da análise. No que concerne à transferência, ele coloca a ênfase na importância de manter uma distância entre o ponto onde “o sujeito se vê amável – e esse outro ponto em que o sujeito se vê causado como falta pelo *a*, e no qual *a* vem tamponar a hiância que constitui a divisão inaugural do sujeito”.⁵⁶ Ou seja, a diferença entre o objeto narcísico *i(a)* e objeto *a*, uma diferença que deve ser sustentada se o objeto *a* não se encontra na posição do Ideal. Já que o objeto pequeno *a* não ultrapassa nunca a hiância, como diz Lacan, o sujeito deve se reconhecer neste ponto da falta constitutiva. Esta concepção está muito longe de uma ideia do final da análise como uma identificação com o analista, uma concepção que, no sentido que ele assegura o analisando ser, ela vai ao encontro da necessidade da separação.

Neste capítulo Lacan explica que para o analisando, a transferência tem por função separar a demanda da pulsão; isso implica que o engano fundamental da demanda é utilizar o amor para mascarar a pulsão. Em contrapartida, o desejo do analista reenvia a demanda e a pulsão para isolar o objeto *a* e a colocá-lo bem distante do I que o analista encarna. É esse o meio pelo qual a queda do analista da posição de Ideal permite que ele seja o suporte do *a* separador.⁵⁷ Entretanto, no seu ensino posterior, Lacan introduz uma outra forma de identificação que tem um efeito da função separadora. O sujeito se identifica com seu sintoma, que é uma assunção do real do seu modo de gozo. É importante aqui fazer uma distinção entre o real como limite do simbólico e o real fora do simbólico. Esta distinção é pertinente tendo em vista as maneiras como uma análise termina. Por exemplo, há um fim que leva em consideração o real como impossível: o real do “não há relação sexual”. É o nível, penso eu, do luto: o analisando atingiu um grau de retificação subjetiva, o sofrimento diminuiu e ele sabe alguma coisa de seu desejo inconsciente. Ele deu conta da força das miragens que o regularam, e tomou a responsabilidade pelos seus atos. Em outras palavras, ele trabalhou bem e agora, tudo vai bem. É um final que segue o deciframento exaustivo das formações do inconsciente. É preciso que haja uma passagem do plano de identificação para que o fantasma fundamental torne-se a pulsão. Porém, há algo mais. O desejo do analista de obter a diferença absoluta “intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se

⁵⁶ Jacques Lacan. *O Seminário – Livro 11 – Os Quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 243.

⁵⁷ *Ibid*, pp. 257.

assujeitar a ele”.⁵⁸ O momento, portanto, de separação do Ideal produz algo de novo: o sujeito se assujeita ao significante primordial, quer dizer, o Um.

O final pela separação, neste sentido, é um final que produz uma satisfação para muitos analisantes, mas não é o final do qual Lacan vai falar mais tarde: o final em termos da identificação ao sintoma.⁵⁹ No início deste texto, fiz referência ao “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*” e a ressalva de Lacan de que ele era um poema “que se escreve apesar dele ter um ar de ser sujeito”. Falei do poema elegíaco, o poema que demanda que se escreva para que uma perda seja marcada. Como diz Freud, a separação do objeto que é o trabalho do luto cria a possibilidade de substituir o objeto perdido por objetos novos. Poderíamos ver a análise como uma elegia se ela atinge um final de satisfação que torna possível um engajamento mais produtivo com a vida. Mas, não é o poema ao qual Lacan faz referência: o poema que não cessa de se escrever na tinta indelével do gozo, do gozo do Um que é a verdadeira marca do sujeito, o gozo do sintoma. A identificação ao sintoma é a única identificação ética, quer dizer, uma identificação que trilha a via para uma satisfação inédita.

Tradução de Andréa Fernandes

Antonio QUINET (Brasil)

Sinthoma e semblante

Proponho-lhes uma reflexão sobre o binômio *sinthoma* e semblante a partir do final de análise e suas consequências.

Gostaria de acentuar o que diz Lacan nesse trecho do Seminário 24 a respeito da identificação com o *sinthoma*. Ele diz: “identificar-se com o sintoma tomando uma espécie de distância em relação a ele” – o que corresponde ao “saber lidar” [*savoir y faire*] do analista com seu sintoma.⁶⁰ Para fazer semblante de objeto *a* para um analisante na análise que ele conduz, o analista deve tomar distância de seu *sinthoma*.

O analista não deve dirigir o tratamento nem com seu eu, o que é possível por ele ter atravessado em sua análise as identificações imaginárias, nem como sujeito, o que a destituição subjetiva lhe permite uma vez efetuada a separação da cadeia significante de sua história, e nem com seu *sinthoma*, parceiro de gozo, que ele pôde identificar no final de sua análise. Tomar distância de seu *sinthoma* e não lhe dar crédito, é condição para se prestar ao ato do analista em seu semblante, seu faz de conta.

A partir do Seminário 18, Lacan faz dessa palavra comum em francês um conceito que longe de significar falso, o semblante une o verdadeiro e o falso, a verdade mentirosa e a mentira verdadeira. Ele está do lado do significante e se opõe ao real. E no Seminário 20, ele precisa que o semblante parte do simbólico rumo ao real – nesse trajeto se encontra o objeto *a*. Nessa mesma lição ele afirma: “O gozo só é interpelado, evocado, caçado a partir do semblante”. O semblante está nessa flexa que é o *acting* do analista para caçar o real do gozo que escorre na fala do analisante.⁶¹

No “Aturdido”, Lacan descreve o fazer semblante do analista como o dever de “representar” o que cai de um discurso, ou seja, o objeto *a*, (*Scilicet* 4, p. 46). Essa representação

⁵⁸*Ibid*, p. 260.

⁵⁹ Luis Izcovich discute os diferentes fins de análise em seu artigo “Moments pour conclure” In: *Mensuel* 62, Junho 2011, pp. 13-23.

⁶⁰ Jacques Lacan (1976-1977). *Le Séminaire – Livre 24 – L’insu que sait de l’une-bévue s’aile a mourre*, inédito, Lição de 16/11/1976. “[...] s’identifier au sinthome en prenant une espèce de distance”.

⁶¹ Jacques Lacan (1972-1973). *Le Séminaire – Livre 20 – Encore*. Paris: Seuil, 1975, p.85. “[...] La jouissance ne s’interpelle, ne s’évoque, ne se traque, ne s’élabore qu’à partir d’un semblante [...]”.

está menos do lado da *Verstellung* que da representação teatral. É uma *mise-en-scène* dos semblantes.

O analista-ator é o analista autor do ato. É aquele que faz o ato porque ele se autoriza de si mesmo a partir de sua própria análise. É também aquele que atoriza de si mesmo e não de um diretor, supervisor ou de um outro autor. Ele é livre em sua tática, ou seja, em seus atos que, no entanto devem estar sustentados pela estratégia dos semblantes que ele utiliza no manejo da transferência, que por sua vez são orientados pela política do mais-de-gozar. Com esta proposição estou atualizando a tríade de Lacan da direção do tratamento analítico em sua tática, estratégia e política a partir não da função da fala e da linguagem, como ele faz em 1958, mas a partir da função do ato no campo do gozo.

Ao situar o lugar do agente de cada discurso como um semblante Lacan nos indica que todo ato situado em um laço social é da ordem do semblante. Assim, todo ato, enquadrado num laço social, efetuado a partir de um semblante. O ato é um dizer que se utiliza da representação teatral com base na verdade que cada laço social determina.

Lacan nos dá algumas indicações que apontam para uma representação teatral do analista ao fazer de conta desse objeto paradoxal que por natureza é avesso ao semblante, por estar fora da linguagem e ser o resto do discurso do mestre. A clínica do ato do analista é uma *acting cure*; a do analisante é um *talking cure*. Para o analisante a fala; para o analista o ato. O analisante não deve atuar e o analista não deve falar, Quando há inversão, não há mais análise: do analista tagarela o analisante responde com a *acting out*.

A dimensão que a representação acrescenta é a do inconsciente. “O ator, diz Lacan, empresta seus membros, sua presença, não simplesmente como um marionete, mas com seu inconsciente *bel et bien* real, ou seja, a relação de seus membros com uma certa história que é a sua” (Seminário VI).⁶² No caso do analista-ator, é a partir de seu saber inconsciente, no lugar da verdade, elaborado em sua própria análise, que ele empresta seu corpo e sua voz para fazer semblante em seu ato de acordo com script escrito pelo caso que ele está conduzindo e pela transferência que o analisante tem com ele. Esse saber do inconsciente, que ele situa em seu ato no lugar da verdade, se conjuga com o *savoir y faire* com seu sintoma assim como o saber textual da psicanálise e o saber elaborado da análise que está conduzindo. Dessa forma o semblante que o analista faz, sua representação em termos teatrais, só opera se for calcado na verdade dessa conjugação de saberes. Caso contrário é pura papagaiada. Sem esse saber como verdade do semblante, qualquer ator sem análise poderia fazer o papel do analista.

No ocidente, há duas grandes linhas de interpretação no teatro - identificação e distanciamento. A identificação ou empatia com o personagem é vinculado ao naturalismo em que o ator “vira” o personagem - ele se diz “eu sou Hamlet” e faz tudo para incorporar sua história, sua personalidade, seus conflitos, suas emoções. O naturalismo foi um movimento artístico lançado por Emile Zola principalmente para o teatro como uma contestação ao teatro declamativo, declarando guerra às “mentiras ridículas”, e tem como objetivo trazer a natureza para o teatro que deve ser realista e verdadeiro. A interpretação do ator deve ser “fiel a vida e o cenário deve reproduzir exatamente a situação de vida - como nas novelas de TV. O ator deve se identificar totalmente - corporalmente e psicologicamente - com o personagem. Nesse tipo de representação o ator é cópia do personagem. Sua arte é da ordem da imitação ele dá corpo (e alma) ao personagem. Essa linha de interpretação teatral é vinculada - erradamente ou não - ao método Stanislavsky.

A interpretação naturalista do analista é aquela em que ele faz baseado no ideal de autenticidade. Neste tipo de perspectiva, o analista é um ser humano que compreende seu paciente a partir de sua própria história, suas vivências e sua própria análise. A interpretação se

⁶² Jacques Lacan (1958-1959). *Le Séminaire – Livre 6 – Le désir et son interprétation*. “[...] L’acteur, selon Lacan, prête ses membres, sa présence, non pas simplement comme une marionette, mais avec son inconscient *bel et bien* réel, à savoir le rapport de ses membres avec une certaine histoire qui est la sienne [...]. (Leçon sur Hamlet). Pour l’analyste acteur.

dá a partir da contratransferência, ou seja, dos efeitos de sujeito que a fala do analisante tem sobre ele. O “naturalista” age a partir de seu ego, seu inconsciente e de seu sintoma. Ao ser o mais “autêntico, sincero e genuíno”, não faz semblante de nada e deixa-se guiar por seu desejo de curar em nome da verdade. E dessa forma ele mantém uma suposta “neutralidade”. E em sua também suposta “autenticidade” encarna o pai ideal ou, segundo Winnicott, uma mãe suficientemente boa. O final é previsível: eternização da transferência e identificação com o analista.

A interpretação com distanciamento equivale ao analista que faz semblante de objeto *a* - eis o que proponho como reflexão. O distanciamento, conceito de Bertold Brecht, é uma operação que consiste em tomar distância em relação à maneira banal e habitual com que se aborda um personagem ou uma circunstância. Trata-se de se descolar de sua significação dada pelo senso comum, da realidade.

Mas é em seu seminário “Ou pior” que ele nos dá a indicação do semblante para o analista que nos permite aproximá-lo do efeito de distanciamento. “O analista não faz semblante, ele ocupa a posição do semblante, diz Lacan (10/5/1972). Ele a ocupa legitimamente pois, em relação ao gozo - tal como ele o apreende nas falas daquele do analisante - não existe outra situação que se sustente.” O analista portanto apreende o gozo presente na fala do analisante sob transferência e a partir daí ele se utiliza do semblante. É a única maneira de “conduzir o gozo da enunciação do analisante sem grandes prejuízos”. O que nos remete à propriedade do semblante de tocar o gozo. “O semblante, continua Lacan, deve ser porta-voz por se mostrar como máscara, abertamente usada, como no palco grego”. E acrescenta que “o semblante tem efeito por ser manifesto. Quando o ator usa a máscara, sua face não faz careta, ele não é realista [...]. Se Lacan evoca o ator e sua máscara é para abordar o semblante no ato analítico. “É para dar voz a algo que o analista pode demonstrar que essa referência ao palco grego é oportuna”.⁶³ E conclui que o saber que sustenta essa voz não é da ordem do semblante – trata-se de “um saber que se assegura da verdade”. Não se trata de um “*savoir faire* da careta”.

Essa máscara é o semblante do personagem que o analista utiliza em sua interpretação e em seus atos sem palavras. E esse semblante não precisa ser escondido - o analista não precisa esconder que não está representando, ao contrário, o analista explicita o semblante e com isso obtém o efeito de verdade no real. Assim como no teatro sabemos que estamos num teatro vendo o ator representar o personagem, o analista também apresenta o semblante sem se esconder por trás dele. Ele não precisa fingir que está fingindo, ou ser naturalista e fazer como na novela o papel do pai ou da mãe. Ele escancara o pai ou a mãe, fazendo com sua máscara, ou seja, sua persona, aparecer esses personagens, dando corpo e voz a eles, como é evidenciado principalmente na liberdade com relação aos semblantes que os analistas se permitem na análise com crianças nos jogos de cena interpretando diferentes papéis.

“Distanciar, diz Bertolt Brecht, um personagem significa retirar dele aquilo que parece óbvio e conhecido e lançar sobre ele o espanto e a curiosidade” [(III, 101), Bornheim, p. 243]. “O ator, diz Bornheim, não desaparece através do personagem. Além de mostrar-se como ator, ele mostra também o personagem. (p. 250, Bornheim).

“Um método simples de distanciar é o uso da máscara”, (p.80, Bertolt Brecht III, 193). Vemos como isso se aproxima da indicação de Lacan para o analista e seus semblantes.

A tradução literal de *Verfremdungseffekt* é efeito do tornar (algo) estranho-estrangeiro, o que faz alguns a traduzirem por estranhamento. *Fremdung* nos remete, a nós psicanalistas, ao

⁶³ “L’analyste ne fait pas semblant, ... il occupe la position du semblant. Il l’occupe légitimement parce que... il n’y a pas d’autre situation tenable”. Et il le fait selon la jouissance qu’il saisit dans les propos de l’analysant. Il n’y a que cette position du semblant d’où l’analyste peut «mener la jouissance de l’énonciation de l’analysant sans trop de dégâts”. Et Lacan est très précis là-dessus: “Il donne, ce semblant, son porte-voix de se montrer comme masque, ouvertement porté, comme dans la scène grecque. Le semblant prend effet d’être manifeste. Quand l’acteur porte le masque, son visage ne grimace pas, il n’est pas réaliste”. Si Lacan évoque l’acteur et son masque, c’est pour approcher le semblant dans l’acte analytique, “C’est de donner voix à quelque chose, dit Lacan, que l’analyste peut démontrer que cette référence à la scène grecque est opportune”.

Fremde objekt, objeto estranho é como Freud, no *Projeto*, caracterizou *das Ding*, a Coisa - o objeto estrangeiro do Complexo do próximo. A Coisa foi elevada por Lacan à dignidade de um conceito que dará origem em seu ensino ao objeto a. Extraímos daí esse efeito de estranheza que o analista deve causar com seu ato na direção da análise para trazer à baila - ou para o baile de máscaras do consultório - o mais de gozar do analisante. O analista deve trazer da banalização da fala do analisante o objeto estranho-estrangeiro no manejo do semblante na transferência. Trata-se para Brecht de propor uma interpretação de ator em que o objeto é reconhecido, mas ao mesmo tempo ele se apresenta como “insólito”, com um “jeito estranho”.

Com Brecht, o ator se distancia do personagem e, ao invés de *representar*, ele o apresenta como um narrador. Esse é o aspecto do distanciamento, termo que Lacan inclusive adota ao se referir à maneira como devemos lidar com a verdade. Não devemos aderir totalmente à verdade, como a histérica, e sim ter com ela um distanciamento.

Nesse sentido, o ator como o analista se distancia de sua pessoa, de sua história e de seu gozo, seus afetos. O distanciamento para o analista é um *mise-à-part* de seu eu, de sua subjetividade e de seu sintoma. É como semblante de objeto que o analista-ator atua, pois ele tem que dar lugar para o sujeito do inconsciente que fala pela boca do analisante.

O objeto a não é um personagem já dado como encontramos no teatro, mas a ser inferido em cada análise na enunciação da fala do analisante. Assim, o analista não pode interpretar sempre o mesmo personagem que seja de pai, mãe, etc. e sim dar a voz ao objeto que é o índice do Outro para o sujeito.

Por ser da ordem do ato, a fala do analista, a maneira como ele enuncia a interpretação analítica é feita a partir da máscara manifesta do semblante. Sua fala não tem efeitos apenas por seu texto e sim pelo seu jeito de dar o texto. O texto teatral só adquire existência, como aponta Badiou, ao ser dito, ou seja, ao ser falado. Ele se encontra na dependência da interpretação do ator. Com efeito, o teatro nos ensina que falar é interpretar. Assim a interpretação analítica deve ser tomada, não em seu sentido hermenêutico que Lacan tanto combateu, mas como interpretação teatral, ou seja, a partir do semblante. Trata-se de “dar a voz a”, segundo a expressão de Lacan. O texto da interpretação analítica só tem, portanto, validade ao ser interpretado no sentido teatral, ou seja, colocado na cena analítica. Encontramos aqui a referência da interpretação como enigma, tornar estranho, e a citação da fala do analisante a partir de um determinado semblante. O analista, a partir do semblante interpreta, como um ator, o texto do analisante - esse texto pode estar nos ditos ou o no dizer, ou seja, naquilo que não é dizível nos ditos - para fazer ressoar o Real do Inconsciente. A proposta de um analista que representa, joga e faz de conta em seu ato analítico é oposta ao analista natural que ocupa efetivamente o lugar do Outro na transferência.

Depois de faltar algumas sessões, uma analisante, recebe um telefonema de Lacan que, com uma voz de adulto se dirigindo a uma criança lhe disse: “Quando vou ver você de novo, minha menininha?” – o que a horrorizou e depois a fez rir pois a remeteu diretamente às solicitações culposas de sua mãe, viúva, sem recursos, totalmente sua dependente. (cf. *Trabalhar com Lacan*). Eis um exemplo de semblante onde Lacan representou sem disfarces um personagem, fazendo semblante de objeto voz do Outro.

“Façam como eu, não me imitem”, dizia Lacan que não hesitava em ser ator, fazer-se de bufão, clown, surrealista, com roupas que mais para figurino do que do senso comum, a ponto de dizer “Sou um palhaço, basta que me vejam em *Televisão*.” Podemos traduzir por: “Façam como eu, usem os semblantes; não imitem o semblante de Lacan.” Ele sempre criticou a infatuação do analista, aqueles que fazem o semblante de analistas!

Em seu fazer semblante, o analista deve deixar claro que não é ele. “Chamo distanciamento a operação pela qual, diz François Regnault, pela qual o ator apresenta a distância que existe entre ele como ser humano (corpo, dicção, gestos) e o que ele deve representar (seu papel, seu personagem), em outros termos, ele se apresenta como se fosse outro” (François Regnault, *Théâtre – Equinoxes, Écrits sur le théâtre* 1, p. 31).

“Era a voz da minha mãe” - como diz a analisante ao se referir à voz de Lacan chamando-a no telefone. Imagine hoje vocês recebendo um telefonema de seu analista fazendo a voz de sua mãe!

A operação de estranhamento traz uma concepção de *mise-en-scène* do ato analítico no cenário do consultório que é a produção do *Unheimlich*, variação do *Fremde*. A *mise-en-scène* do ato analítico é uma *mise-en-étrange*. A encenação do ato é uma estranheza. Trata-se da apresentação do semblante-máscara que possibilita manifesta o mais-de-gozar do lado do ator/analista. Assim, o analista, com seu estilo, encarna as figuras possíveis do estranho: o enigma, a esfinge, o oráculo, o olhar, a voz.

O estilo, é o modo como cada um opera com os semblantes. Um ator sempre colocará algo de si nos papéis aos quais se presta, por mais diferentes que sejam – esse “de si” é seu estilo que permitirá a variedade dos personagens, ou semblantes, que ele dará corpo. Esse “de si” é essa alteridade fora-da-representação que, no entanto, permite todas as representações – o objeto *a*, *Fremde Objekt*, ou o bode, como diziam os trágicos, ou Dioniso, o deus esquartejado, o deus do teatro, das metamorfoses, o semblante dos semblantes. O dispositivo freudiano leva à cena analítica o destino do sujeito ditado pelo Outro contra o qual o analista deve se opor com seu ato. Mas a análise não é um filme de terror nem o teatro do oprimido. Ele deve levar o analisante, como o espectador da tragédia, ao entusiasmo, afeto sem o qual, diz Lacan, “pode ter havido análise, mas analista? – sem chance!”.

Sonia ALBERTI (Brasil)

Do A.M.E.: o passe para além do dispositivo

Introdução

O fato de haver o dispositivo do passe, dos cartéis aos passantes e os passadores é uma garantia de existência – e ex-sistência – da Escola. Afinal, não há Escola sem passe, nos termos como a estabelecemos a partir da proposta de Lacan. Mesmo se nem todos participam de forma direta do dispositivo, ou seja, mesmo se o dispositivo se constitui, fundamentalmente, de apenas passantes, passadores e cartéis do passe que, em nossa Escola são compostos com os membros do Colégio Internacional de Garantia.

A questão então de que gostaria de tratar nessa minha pequena contribuição aos nossos debates é: de que maneira o passe, garantia da existência e da ex-sistência da Escola, serve aos demais? Ou seja, àqueles que não fazem parte diretamente do dispositivo?

Tento respondê-la em três níveis: como membro da Escola, como A.M.E. ou seja, como analista membro da Escola, e também como membro da Comissão Local de Garantia – onde o “local” se refere não só ao Brasil mas a toda América Latina que tem sua Comissão Local no Brasil porque ainda estamos trabalhando para que haja pelo menos 50 membros de Escola nos outros países da América Latina, condição estatutária para que um país tenha uma Comissão Local. Como seria impossível construir todas essas respostas aqui, deter-me-ei na questão do passe para o A.M.E. em nossa Escola que, como já dito por Carmen Gallano (em *Wunsch 11*), na maioria das vezes nunca fez o passe.

O que pode o passe em nossa Escola para aqueles que não participam, nem nunca participaram, diretamente do dispositivo? Como escreve Juan del Pozo na convocatória desse Encontro, “a garantia outorgada pela escola sob o título de A.M.E. só tem repercussão para o futuro da Escola e da própria psicanálise se tal nomeação se articula com o trabalho em intensão, isto é, com as atividades que tem a ver com a operatividade da causa para a própria psicanálise” (cf. *Wunsch*, 10).

O A.M.E. e o dispositivo do passe: uma experiência

Para começo de conversa, é possível nos servirmos do dispositivo do passe como membros da Escola, coisa que somos como sujeitos, mesmo se nela nos declaramos analistas praticantes ou mesmo se nela assumimos a responsabilidade de garantir seu funcionamento como Escola, seja nomeados como A.E. ou como A.M.E. Como? Penso que, antes de mais nada, porque o dispositivo é ele mesmo garantia de que, como membros, somos membros de Escola. Isso significa que não somos membros de uma associação qualquer – “não há sociedade verdadeira fundada sobre o discurso psicanalítico, há uma Escola que, justamente, não se define como sendo uma sociedade” (Lacan, 1974, A Terceira)⁶⁴ –, membros de uma Escola de Psicanálise, então, tal qual Lacan a pensou. O dispositivo do passe em nossa Escola dá a garantia de direito de pertencermos a uma Escola de Psicanálise embasando a transferência de trabalho que todo membro pode ter com sua Escola. O que, por sua vez, implica também algum dever, o de sustentar, nessa Escola, o furo que nos faz trabalhar na transferência de trabalho – furo tão bem trabalhado por Antonio Quinet em seu último livro: *A estranheza da psicanálise*. É a referência a esse furo que norteia o que enriquece a relação do A.M.E. com o passe.

Mais um desses paradoxos de Lacan, o A.M.E. não participa do dispositivo do passe, mas sem ele, o dispositivo não se instala, posto ele ser aquele que indica os passadores – aqueles que constituem o passe (Lacan, *Proposição de 9 de outubro de 1967*). Viso particularmente com esse trabalho pensar a articulação do AME com o passe na Escola, na contramão de uma suficiência silenciosa (sic, Juan Del Pozo, *Wunsch 10*). Se o passador pode operar a partir do “eu não penso” através do qual “deixa passar [para o cartel do passe] o que operou no passante” (Rosa Escapa, *Wunsch 11*), no momento em que deixa isso passar para o cartel do passe, ele presentifica que seu analista – o A.M.E. que o designou passador – também opera a partir desse mesmo “eu não penso”, mas para dirigir o tratamento a partir do lugar que ocupa como objeto causa de desejo, o que testemunha que tal A.M.E. não é uma suficiência silenciosa, caso contrário, como o passador por ele indicado poderia transmitir “o que não mente” (Colette Soler, *Wunsch 7*) no relato do passante?

Enquanto psicanalistas membros da Escola, é possível nos servirmos do dispositivo do passe, quero dizer, enquanto analistas. Um psicanalista membro da Escola (A.M.E.) pode se servir do dispositivo por lhe ser franqueada a possibilidade de indicar um passador. Colocado assim, há uma vantagem em se ser A.M.E. quanto ao passe, mesmo se o A.M.E. não participa diretamente do dispositivo – pois, apesar de elegível para compor o CIG e, portanto, integrar cartéis do passe, não necessariamente será alguma vez eleito.

Uma vez tive a experiência de que pôde ser muito produtivo, para a análise de um sujeito, ter sido lançado no dispositivo no momento em que um passante sorteou seu nome. Produtivo no sentido de não só ter provocado uma verdadeira colocação ao trabalho, como também quanto aos efeitos desse trabalho na própria análise: estudo de textos, sua descoberta da importância do dispositivo para a manutenção do discurso psicanalítico no mundo, elaboração do sentido – da direção visada – do dispositivo, ou seja, elaboração do lugar do A.E. na Escola, lugar do S(Abarrado)⁶⁵ na Escola. Isso não só permitiu a esse sujeito aproximar-se mais da Escola – na medida em que, como o escreve Anne Lopez em *Wunsch 11*, a indicação de um passador “coloca o analisante num circuito externo à análise, em relação direta com a Escola” (p.21) –, mas tal movimento também permitiu com que a operação que leva à destituição subjetiva em análise tivesse nova amarração, ali onde anos antes sempre se manifestara a afânise do sujeito do desejo. Indicar o sujeito a passador e ter tido a sorte de ele ter sido sorteado, foi pois um instrumento a mais do qual pode se valer a analista para fazer funcionar o discurso do

⁶⁴ “Il n’y a pas de véritable société fondée sur le discours analytique. Il y a une école, qui justement ne se définit pas d’être une société” (Lacan, 1974, La Troisième).

⁶⁵ Conforme a primeira versão da Proposição de 9 de outubro de 1967, de Lacan. (1ère version de la “Proposition du 9 octobre de 1967”, de Lacan).

analista nesse caso, discurso que coloca o sujeito a trabalho. Coisa que evidentemente só pode ser confirmada no *a posteriori*, que tardou para chegar.

Durante o tempo de espera, enquanto isso não se confirmava, tanto o secretariado do passe como eu mesma questionávamos a indicação feita pela analista – mesmo se esta nunca duvidou do acertado da indicação. O que me leva a testemunhar da importância do dispositivo do passe para o A.M.E.: ao trabalhar na hipótese de indicar um analisante como passador, há um grande questionamento a se fazer, e as respostas que o analista se dá a esse questionamento serão verificadas pela Comissão de Garantia numa primeira instância, mas principalmente pelo Cartel do Passe que pode repassar à Comissão de Garantia a sua opinião, o que não deixa de avaliar o acertado da indicação e isso não deixa de implicar uma avaliação da capacidade do analista de responder à sua hipótese de indicação. Nesta experiência, tal hipótese se formulou no momento em que ficara claro, na condução da análise, que o sujeito já não recuava diante da falta no Outro, depois de muitos anos de análise, mesmo se, em alguns momentos, ainda escolhia seu velho mecanismo anterior, tantas vezes já trilhado [*frayé*]. Hoje, depois que as experiências como passador já se multiplicaram, esse sujeito já não recorre a tais mecanismos, confirmando as voltas necessárias para um final de análise. O interessante a notar é que nem todas as experiências como passador tiveram o mesmo efeito, conforme a analista pode verificar na análise desse sujeito. Num primeiro momento, um evidente entusiasmo levou esse sujeito a trabalhar. A segunda experiência trouxe muito mais para a cena a depressão, afeto que se manifestou diante da inexorabilidade da destituição subjetiva. Como escreveu Dominique Fingermann em *Wunsch 11*: o tempo do passador é desconfortável – placa sensível entre a angústia do impasse e o *sinthoma* do ato em potência (p.12), mas mesmo assim, ativo, não se deixando mais obnubilar pela verdade mentirosa.

No caso em questão, a hipótese que levanto é a de que as participações desse passador no dispositivo enriqueceram as voltas que o sujeito dá em sua “consideração pelo real, sua relação com o saber do ICSR e o ato em potência que se deduz disso” (idem). Não tenho dúvidas de que a inclusão desse sujeito no dispositivo do passe como passador, em muito contribuiu para isso, o que não aconteceu sem o preço pago pela analista, o de expor-se à avaliação.

É, na realidade, em sua solidão de analista que tudo isso acontece, e a função que o A.M.E. assume ao indicar um passador, é triplamente solitária: inicialmente há a solidão inerente ao psicanalista, cujo ato é consequência de, como diz Lacan em 1964, se estar só como sempre se esteve; depois há a solidão, frente à Escola, do ato de indicar um passador, e do qual somente ele se coloca na posição de ter que responder quando faz a indicação; finalmente, há a solidão com a qual suporta o efeito dessa indicação, pois só ele acompanhou o processo todo da indicação, do momento em que formulou a hipótese de indicar o passador, até o momento em que um cartel do passe lhe dá um retorno, uma avaliação de como tal passador pode, ou não, bem transmitir o testemunho do passante. Jamais o analista poderá compartilhar tudo isso que o põe à prova como A.M.E., ele sempre estará só, mas mais só justamente porque está na Escola. Se isso pode parecer paradoxal, no fundo, verifica o bom funcionamento da Escola, afinal, ela só existe para fazer persistir o furo que aí se presentifica. Razão também pela qual acho muito importante que os cartéis do passe se manifestem – como o propõe, aliás, Carmen Gallano em seu texto para *Wunsch 11* –, junto aos secretariados do passe, sobre os passadores, e razão pela qual acho muito importante que os secretariados do passe deem um retorno aos A.M.E. sobre o trabalho realizado pelos passadores durante todo tempo de um passe. É uma forma de a Escola devolver, ao A.M.E., um cuidado que garante ao analista que, apesar de sua solidão inerente à sua posição, é mais um num enxame [*essaim*] de analistas que estão na mesma situação e que, com a sua se solidarizam.

Michel BOUSSEYROUX (França)

Desenodamento

Não é fácil ser o último a falar.

O primeiro a introduzir em nossa língua essa palavra, desenodamento, foi Montaigne, em 1580, no capítulo XXVI do Livro I de seus Ensaios. Ele o comenta a propósito desse momento precoce da infância onde se desprende a língua, esse enxame *lalíngua*, em uma palavra. Montaigne conta que seu pai, que desejava aprender perfeitamente o latim, tinha confiado a um preceptor alemão que devia, bem como toda família, só lhe falar em latim, depois que já tinha sofrido na amamentação e antes mesmo, diz ele, “o primeiro desenodamento de minha língua”.

Balançar estembaralhado^(NT1)

Do primeiro « desenodamento » do Real da lalíngua vem o que é verdade: o sintoma. Não há meio de resolver este sintoma, não há desenodamento do fim sem balançar “estembaralhado”,⁶⁶ entre a verdade e o que é real, como diz Antonin Artaud traduzindo *A travessia do espelho* “em sua tentativa anti-gramatical a propósito de Lewis Carroll e contra ele”,⁶⁷ que damos a palavra enquanto *bourlínque* que vamos em *brimbulkdriquant*, fazendo buracos sem parada como uma espécie de virabrequin^(NT2) vivo! Será que existe um desenodamento que prova que a existência do real do inconsciente, no qual o saber gozado da lalíngua é um nó umbilical, tem sido levado em conta? “Embaralhado” concerne, no fundo, o infinito (unendliche) e o finito (endliche), da análise de que fala Freud em 1937, isso que não se conclui tendo a ver com a miragem da corrida à verdade mentirosa que, por nos fazer gozar do sentido, desvaloriza, certamente, o gozo fora do sentido do real, mas impede que isso se termina, a possibilidade de um fim que satisfaça surge pelo levar em conta o real que, do “sens-issue” do caminho do sentido dessa corrida, é a rolha. O fim tem uma porta, na “Proposição de 9 de outubro de 1967”, na qual a dobradiça é a falta que faz a divisão do sujeito e sua causa. Enquanto que, isso que chamarei de *Proposição de 17 de maio de 1976* (Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*), a dobradiça é a falta da falta. Não se trata mais neste caso de se desprender da tomada do desejo no fantasma, mas da tomada do gozo no sintoma, tomada que sustenta o fantasma e que condiciona a entrada no real. E como não é possível se desprender do real, é responsabilidade ética de cada um levá-lo em conta ou não levá-lo em conta no saldo do fim.

Essa nova maneira de redefinir as condições do fim de análise em relação ao seu esbarrar com o real e ao modo pelo qual o sujeito responde ou não a ele, implica reconsiderar o problema disso que Lacan chama, em seu posfácio francês do *Seminário XI*, “o dever de interpretar”⁶⁸ do analista.

O que é “stância” por baixo [*stance-par-en-dessous*]^(NT3)

Aliás, faz-se necessário reler o posfácio à edição francesa do *Seminário XI*, de 1973, com o prefácio à sua edição inglesa, de 1976, para avaliar o avanço. Qual hiato separa o inconsciente do prefácio, tal como Lacan o disse, real, se cremos nele, do inconsciente do posfácio, tal como

^(NT1) *Balancer stembrouille* é uma referência a Montaigne, *Essais*, I, XXVI, citada também por Lacan no Prefácio à Edição inglesa do *Seminário XI*. Refere-se a um “balançar” ou um “movimento” desalinhado, embaralhado, embaraçado, confuso.

⁶⁶ Michel de Montaigne. *Essais*, I, XXVI, éd. Thibaudet, 1967, p. 209.

⁶⁷ Jacques Lacan. “Préface à l’édition anglaise du *Séminaire XI*” In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001, p. 571

^(NT2) “Em um motor de explosão, peça que possibilita o movimento alternado dos êmbolos.” (Dicionário eletrônico Houaiss).

⁶⁸ Antonin Artaud. *L’arve et l’aume, tentative anti-grammaticale à propose de Lewis Carroll et contre lui, suivi de 24 lettres à Marc Barbezat*, L’Arbalète, 1989.

^(NT3) Aqui o autor divide a palavra *substance* (substância), mas traduzindo o “sub” por “sob”, isso que está por baixo [*par-en-dessous*], tendo como mira o conceito de substância gozante.

Lacan o define “isso que se lê antes de tudo”? O inconsciente real, fora sentido, não se lê. Salvo se ele se escreve borromeamente enodado pela letra do sintoma.

Mas é necessário ler bem o que Lacan precisa em seu posfácio sobre o que, do inconsciente, é para ser lido e, portanto, a interpretar. Não é a verdade que diz a palavra que deve ser lida. O que é para ser lido é o real do dizer, o real que, no que se diz, é devido ao fato que se diga. Com efeito, este posfácio de 1973 é contemporâneo da tese de *Mais ainda* sobre o inconsciente no qual o gozo sustenta a palavra. A “sub-stância” gozante é esta “stância” por baixo⁶⁹ do dizer, através do qual se apresenta, a partir do que faz nó na análise, o que passa ao escrito dos rastros significantes gozados na língua.

O que é, portanto, para se ler não é a verdade disso que se diz, mas *o gozo daquilo que sob o dizer se escreve*, enquanto que sua “stância sob” é um *sub-linhado* de gozo. E seja por ser “a palavra onde não se lê o que ela diz que o dizer da interpretação opera sobre essa “stância sob” ficando a cargo de cada um sinalizar o fragmento do poema parmenidiano que ela escreve. Mas, como dessa “stância sob” o dizer, ninguém é o autor, faz-se necessário ainda reduzir seu nome próprio ao nome comum para o assinar.

O abridor do fim

Fazer-se signatário disso que, do gozo, encontra estância (stanza) sob o dizer e se fixa aí (*prendre stanza em italiano significa: fixar-se*), procede de uma decisão ética face ao real. De essa assinatura é o inconsciente-língua, com suas restrições de cifração, que é, como diziam os oulipiens,^(NT4) o *abridor* Seis meses depois de ter escrito seu prefácio à edição inglesa do Seminário XI Lacan qualifica de identificação ao sintoma este abridor do fim.

De que a identificação de fim é a assinatura? Daquilo que, no sintoma, no seu real, *não é metafórico*, quer dizer *não é substituível*. Exceto que está o problema todo. Porque a metáfora é *inerente* ao nó borromeano, incluindo aquele de quatro do sintoma pelo qual *somente* o inconsciente, redefinido a partir do lapso como inconsciente [*une-bévue*],^(NT5) *se especifica*. Mas então, como pensar borromeamente o fim, se a bicho do sentido encontra-se na fruta do nó pelo sintoma que Lacan nomeia também de sintoma?

A contradição do real do nó

É por isso que Lacan tanto reluta a identificar o inconsciente real a uma das cordas do nó borromeano : porque dando a uma delas o *nome* de real, dá-se sentido ao real. De tal forma Lacan encontra em sua aproximação borromeana do real uma contradição *intrínseca* ao nó canônico R.S.I. : *ao mesmo tempo*, sua colocação mostra que o real é o expulso do sentido e, *ao mesmo tempo*, o fato de nomear de Real uma das três cordas lhe deu sentido tornando-o substituível às outras duas cordas, assim o *real torna-se metafórico*. O real do enodamento borromeano ao terceiro é uma metáfora da relação sexual *que não há a dois e esta metáfora do impossível coloca obstáculo à manifestação do real como expulso do sentido*. Aliás, é por isto que é necessário o quarto: para sair do vespeiro da trindade. Mas, mesmo com o nó de quatro pelo sintoma- que cria um nó *heterogêneo* onde, os quatro sendo acoplados dois a dois, a substituíabilidade só é possível no interior de cada dupla-, o problema da metáfora *que vem do nó* continua sem ser resolvido. É o problema que Lacan se depara na prensagem do real no momento no qual ele escreve o “Prefácio à edição inglesa do Seminário XI”, para explicar sua maneira atual de pensar a possibilidade de terminar uma análise.

Uma questão se coloca aqui: na medida em que o fim, a satisfação do fim, supõe a queda do caminho do sentido e do gozo que se toma aí e na medida em que essa satisfação implica que do que se manifestou do real do inconsciente, que, ele, não é uma metáfora, o sujeito tenha

⁶⁹ Jacques Lacan. “Postface” In: *Le Séminaire, Livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Le Seuil, 1973, p. 252.

^(NT4) *Oulipo*, um movimento literário surgido na França, tendo dentre seus principais representantes Ítalo Calvino, Raymond Queneau, Georges Perec, entre outros.

^(NT5) É a forma lacaniana para traduzir o *Unbewusst* freudiano, acentuando o equívoco [*bévue*].

tirado no final alguma consequência, como essa queda é acessível ao sujeito, como essa consequência possa ser tirada se o dizer, o dizer da análise, como tal, é isto que faz nó e se este nó do dizer é tomado na metáfora, e pois no sentido? Vemos que esta questão ultrapassa a estrutura real do Borromeo ela requer um salto ético. O trilhamento de Lacan nos últimos seminários depois do prefácio de 1976 foi orientado por esta questão. É possível que a interpretação *opere ao nível mesmo do nó* de tal modo que sua metáfora, que oferece novamente sentido ao real, se reduza? Se sim, a fase final, como dizia ontem Colette Soler, não seria subordinada a essa redução?

O triplo A do borromeo

Lacan descobre que essa redução é borromeamente possível. É suficiente para isto que se ate a corda do sintoma, que, na cadeia de quatro, é *necessariamente* acoplada com aquela do simbólico, a uma das duas cordas do outro par dessa cadeia, o que só deixa a escolha entre atar o sintoma ao imaginário ou o atar ao real.

Deixo de lado a colocação em continuidade do sintoma com o imaginário, que interessa mais à psicose, e me detenho aqui em sua ligação com o real, na medida em que a redução do sintoma ao real fora do sentido do gozo é o que visa o equívoco da interpretação. Lembro-me que Lacan define também o equívoco em 1975, vindo aí a abordagem eleita do inconsciente para daí reduzir o sintoma (isto se encontra em “Talvez a Vincennes...”): ela (a interpretação) reduz o sintoma “por contradizer o sentido”⁷⁰. O dever de interpretar do analista é um dever de contra-significar, de quebrar o fio do significado que, sob o fluxo dos significantes que choveram do semblante, está a sub-stância que engendra a “stância sob” àquilo do qual o falante goza-se. Sob esse aspecto, a palavra da interpretação é uma contra-palavra, como disse Paul Celan definindo em *Le Méridien*⁷¹ a poesia: é uma palavra que contra, *o que diz a palavra*, a verdade (que faz fogo de toda madeira) amacia em s’ignificante [s’ignifiant], para portar aí o fogo do real. Lacan falou nesse dado momento de contra-psicanálise. Poderíamos falar de contra-interpretação do fim, na medida em que ela toma no contra-sentido à satisfação do sintoma e, dessa maneira, sua verdade exilada no deserto do gozo, de onde ele (o sintoma) resiste ao saber, mas, ao contrário, a satisfação conclusiva só vem da apreensão do real de um saber gozado que *resiste à verdade*. Que resulta ao nível do nó e, portanto, do dizer e do que está escrito?

Resulta uma cadeira borromeana de três cordas e com doze cruces (seis a mais do que aquela de R.S.I.) onde o sintoma, sublinho, *perdeu sua função nomeadora*, estando diretamente amalgamado no real, e que, na notação borromeana do real, merece o triplo A, para não cair no “erro da metáfora”.⁷² *Pois assim os três desse novo nó, que Lacan chamou de generalizado,*⁷³ *não são substituíveis.*

Do nó ao não nó e vive versa

O que faz laço entre o verbo e o corpo, se eu segurasse suas cordas e a as esticasse nas extremidades dessa cadeia, seria um laço, aquele do sintoma *reduzido ao seu carço de real*, que se cruza quatro vezes sobre ele mesmo.

Ora, há uma propriedade da topologia que estabelece a noção de *relação de equivalência por homotopia* afirmando que, em uma cadeia, dois círculos não podem em nenhum caso atravessar um ao outro, mas que um círculo pode perfeitamente se atravessar a ele mesmo se ele passa por cima ou por baixo de seu próprio caminho, este acima se tornando abaixo e este abaixo tornando-se acima. Esta propriedade é aplicável ao laço do sintoma real, permitindo-lhe auto-atravesar em três de suas cruzamentos e também de desfazer sem a tesoura o nó dos três.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 251.

⁷¹ Jacques Lacan. “Peut-être à Vincennes...”, *Autres écrits*, op. cit., p. 314.

⁷² Paul Celan. *Le Méridien et autres proses*, édition bilingue, coll. La librairie du XXI^e siècle, Le Seuil, 2002, p. 63.

⁷³ Jacques Lacan. *Séminaire R.S.I.*, leçon du 17 décembre 1974, inédit.

O enodamento do vermelho e do verde pelo azul, do verbo e do corpo pelo real que se encarna no sintoma, equivale, pois, topologicamente falando, a seu desenodamento. Uma vez o *enodado lido*, o lido *passa através do escrito e o enodado é desnodado!* Isso é um equívoco ! não homofônico , homotópico !

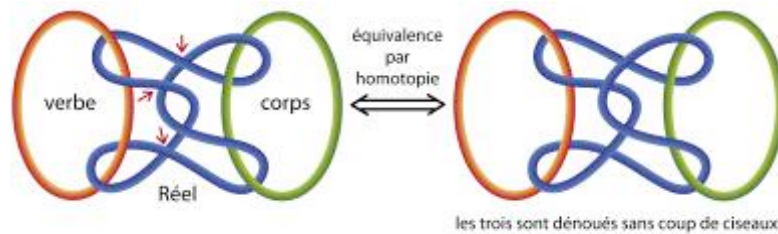


Fig. 1 : Déchiffrer le réel du noeud équivaut à son dénouement

Esse termo desenodamento me parece convir à satisfação do fim, topologicamente falando, por oposição a isso que, topologicamente falando satisfaz no começo. Pois o que a teoria lacaniana do enodamento de quatro pelo sintoma, pelo qual somente o inconsciente especifica-se, pressupõe ? Ela pressupõe, de início, um desenodamento do nó de três R.S.I por erro, falta, lapso do nó, erro que chama a necessidade do sintoma como quarto nó que os enoda. Então o borromeano generalizado porta *escrito em si* o erro. O triplo A do real, como, triplamente auto-atravesado, advém disto: ele porta, ele É o traço mnésico do erro.

O desenodamento do fim não vem, portanto, do erro anterior ao nó, ele vem de uma *leitura que desata* e que, desfaca suficientemente , que desatis-défaça^(NT6) disso que era nó de gozo-sentido.

Notem bem que a relação de equivalência por homotopia é *reversível*. Ela permite passar do real *enodado do gozo*, que não é sem o sentido, ao real *não enodado do gozo*, absolutamente fora sentido, e *vice-versa, sempre pela mesma relação de equivalência que autoriza a leitura das passagens acima-abaixo como podendo se re-atravesarem*, do real não enodado, trivial, ao real enodado do inconsciente borromeamente transcrito.

Não se poderia também prestar contas do passe pelo real do sintoma e suas conseqüências?

O fato é que se o inconsciente é bem « isso que se lê antes de tudo », então, com o nó borromeano generalizado- que, repito, é o resultado do equívoco contra-interpretativo capaz de fazer cair o sentido-, *isso que se lê (l-i-t do verbo lire/ler) do real que se escreve é isso que não se liga (l-i-e do verbo lier/ligar). O real só se lê, l-i-t, como escrita de seu corte. Do mesmo modo que a banda de Moebius não é nada mais que seu corte, o borromeano generalizado não é mais do que seu corte: ele é o que desaparece de sua apresentação. Se bem que levar em conta o real é levar em conta seu desaparecimento, bem mais do que de suas aparições !*

Mas, isso não é tudo. Há outra surpresa que nos reserva a apresentação dessa curiosidade borromeana. Existe outra apresentação do mesmo nó⁷⁴ e que surpresa ! não se presta ao desenodamento pela equívoco homotópico. Porque para que o desenodamento ocorra, faz-se necessário ainda ter deslocado a cadeia de tal modo que a corda azul forma em posição intermediária o laço que autoriza o dito equívoco. *É portanto a apresentação, ou a escritura do nó achatado [mis à plat], que autoriza ou não o desenodamento.* A cadeia borromeana generalizada, a CBG, permanece sem possibilidade de desenodamento [*in-dénouable*] se se apresenta com a corda azul não enlaçada : ela forma então um nó borboleta semelhante à cadeia de Whitehead do fantasma, com seu oito interior que eclipsa o anel do objeto *a*. Mas esse oito, diferentemente da cadeia do fantasma que é desfeito pela homotopia, é feito de duas cordas no qual o cruzamento *não pode* se

(NT6) Há aqui um jogo homofônico entre *satisfais* [satisfaça] com *défaise* [desamarrada, desprendida, solta].

⁷⁴ Jacques Lacan. *Séminaire La topologie et le temps*, leçon du 20 mars 1979, inédit.

auto-atravesar. A CBG do sintoma se mostra então similar à cadeia do fantasma, *exceto que o equívoco homotópico não joga mais, ele é bem mais estável.*

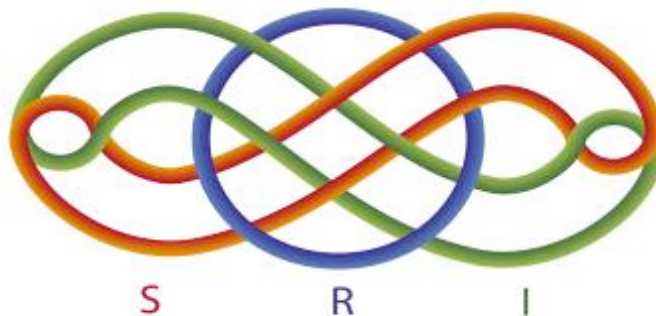


Fig. 2 : Le stable du borroméen généralisé

Isso tem o ar de derrubar a porta que separa o mais real do sintoma do mais irreal do fantasma. Como se o passe pelo real do sintoma e o passe pelo irreal do objeto se reencontrassem na CBG !

Sublinho que somente uma corda das três cordas, a azul, advinda da continuidade do sintoma com o real, pode passar de um estado *enlaçado* a um estado *não enlaçado*. De uma apresentação a outra, existe toda uma dinâmica possível, uma dinâmica que permite passar do real *enlaçado desenodável* ao real *desenlaçado não desenodável* do gozo que exerce sobre o triplo A do nó seu direito de sequencias, por inscrever a continuidade do que faz “estofo à produção... do irreal”,⁷⁵ como dizia Lacan em seu resumo do seminário sobre o ato.⁷⁶

Razão a mais para dizer que o passe é sempre para o analista a recomeçar. Dito de outra forma, o laço que se faz do dizer da análise é sempre para o analista a recomeçar, se ele não quer meter os pés pelas mãos.

Tradução de Ângela Mucida

⁷⁵ Pierre Soury. *Chaînes et nœuds, Troisième partie*, texte 131, édité par Michel Thomé et Claude Léger, 1986.

⁷⁶ Jacques Lacan. « L'acte psychanalytique », *Autres écrits, op. cit.*, p. 376.

Resposta de Analista

Sonia ALBERTI (Brasil)

Um Encontro no Brasil: Rio de Janeiro

Mais de setecentos colegas se reuniram, de 6 a 9 de julho de 2012, em frente à praia de Copacabana para a realização do VII Encontro Internacional da IF-EPFCL, em torno do tema “*O que responde o psicanalista? Ética e clínica*”. Além deles, muitos outros quiseram vir mas não puderam, e certamente aguardam os ecos do que foi esse evento. Em função disso, o Colegiado de Representantes da IF-EPFCL – particularmente Celeste Soranna e Jairo Gerbase – organiza, neste momento, um número eletrônico de *Heteridade*, a revista da IF-EPFCL que traz as atas de nossos Encontros, com os textos apresentados e enviados, em tempo, para sua publicação. Foi o primeiro Encontro nosso em que também foram apresentados trabalhos em formato pôster – foram 26 pôsteres, em 140 trabalhos ao todo. Impressionou a todos ver como, de tantos países, a partir das mesmas referências de Freud e de Lacan, se apresentaram contribuições originais e clínicas sobre o que faz o analista, superando assim os obstáculos da diferença das línguas. O intercâmbio epistêmico assim provocado, também foi ajudado pelo fato de não ter havido momento em que faltasse a tradução de uma língua sequer, das cinco que falamos na IF-EPFCL!

O VII Encontro trouxe vários ganhos: aqueles provenientes da excelência dos trabalhos apresentados, os que vieram da contribuição de cada um dos que trabalharam em sua organização – não apenas no Brasil, mas também no mundo –, sem falar no fato de que conseguimos honrar com todos os compromissos financeiros, incluindo despesas que não diziam respeito diretamente ao Encontro, como a tradução e os aluguéis do salão nas Assembleias Gerais, todas as despesas do Simpósio do Passe e da livraria exclusiva para publicações da IF-EPFCL.

Agradeço mais uma vez especialmente à toda equipe que trabalhou no Rio de Janeiro, em particular Rosane Melo, Rosanne Grippi e Maria Helena Martinho e também Antonio Quinet, Coordenador da Comissão Científica que, além da ideia do lançamento de quatro novas traduções de livros de Colette Soler, recebeu o Simpósio do Passe em sua residência. Aos autores e aos tradutores dos 19 Prelúdios publicados, à Comissão Social, à Comissão de Divulgação, à Comissão de Patrocínio e à Comissão de Cultura. Agradeço à confiança da Diretoria da EPFCL-Brasil, Ana Laura Prates Pacheco, Sandra Berta e Beatriz Oliveira e à ajuda de Dominique Fingermann, membro da EPFCL-Brasil no CIG. Agradecemos a todos, no Brasil e no exterior, que puderam contribuir para o grande sucesso divulgando o evento em seus Fóruns e países!

O que segue é um ponto de vista possível do que aconteceu aqui no Brasil, certamente haverá muitos outros... Não me deterei na especificidade dos trabalhos apresentados porque, como dito, todos poderão acessar suas versões escritas no próximo número de *Heteridade*. Meu objetivo é outro, tentar identificar em que este Encontro, que se inscreve na série de nossos Encontros Internacionais, também teve suas especificidades.

Para começar, o Simpósio do Passe, cuja regularidade ficou instituída. A partir de julho de 2012, a cada quatro anos, ou seja, a cada dois Encontros Internacionais, realizar-se-á um Simpósio. No intervalo entre eles, *Wunsch* – esses papéis voadores, como os quis quando criei, em 2005, a imagem que ilustra nosso Boletim – continuará dando a orientação, em cada Fórum, da vivacidade que nos constitui como Escola internacional. Em seus textos, podemos acompanhar, muitas vezes de muito longe, o que se passa no passe, com nossos passadores, passantes e cartéis. Informe do trabalho cotidiano que, diante dessas grandes distancias que

unem nossa comunidade, precisa não só ser veiculado como também registrado, no interstício dos Encontros Internacionais quando a ocasião promove um *tête-à-tête*.

Precisamos nos conhecer mais, aumentar as diagonais epistêmicas, incrementar os trabalhos em conjunto, até mesmo para afinar as diferentes maneiras de abordar os temas cruciais da Escola que não são tratados apenas nas grandes cidades que compõem nossa comunidade, mas também nos pequenos Fóruns, no cotidiano dos trabalhos que desenvolvemos.

Em segundo lugar, o VII Encontro da IF-EPFCL testemunhou a aproximação entre os FCL da América Latina. Até o presente momento, somente o Brasil pode constituir um Dispositivo de Escola, razão pela qual os Fóruns dos demais países da América Latina estarem associados ao Dispositivo de Escola da EPFCL-Brasil. Domingo, dia 8 de julho de 2012, após o encerramento do VII Encontro, reunimo-nos para visarmos a que nos próximos dois anos, ou seja, até a próxima Assembleia Geral da EPFCL, que se realizará em Paris em julho de 2014, redijamos uma proposta, à EPFCL, para um único Dispositivo de Escola a ser ampliado para toda América Latina.

Proposta que surge de um desejo muito novo, de trabalharmos juntos como América Latina dentro da IF-EPFCL, uma aposta de que podemos sim sustentar um trabalho de Escola entre nós, o que não é, evidentemente, sem lastro na experiência que já vimos fazendo durante a primeira década da EPFCL e na qual avançamos com uma comunidade que cresceu em todos os cantos do mundo. Não posso deixar de mencionar a boa surpresa que foram as presenças, no Rio de Janeiro, de colegas da Polônia, de Israel, dos Estados Unidos, da Austrália, para além da Itália, França, Bélgica, Espanha, Grécia e da América Latina! Do Brasil, vieram muitos, quase todos os membros dos FCL do Brasil!

Em terceiro lugar, aproveitamos o momento para um trabalho político importante: a mesa com a Articulação das Entidades Psicanalíticas brasileiras para tratarmos, junto com colegas de outras Entidades, de temas que testemunham o mal-estar da psicanálise nos tempos do capitalismo científico. Tal iniciativa também foi muito elogiada pelos colegas que trabalham conosco no cotidiano, e termos aberto as portas para outras Entidades nesta mesa, causou boa impressão junto àqueles que vieram pela primeira vez a um evento que organizamos.

Finalmente, o VII Encontro da IF-EPFCL teve como especificidade a criação de duas redes internacionais: a rede de psicanálise com crianças e a rede universitária dos colegas que, na IF-EPFCL, desenvolvem também um trabalho de ensino e pesquisa em psicanálise nas universidades nas diferentes realidades sociais. Tais redes não deixam de representar novas diagonais que se criaram, articuladas aos dois temas: a psicanálise com crianças e a psicanálise na universidade. Para se associar, de qualquer Fórum do Campo Lacaniano, ainda que pequeno, é possível solicitá-lo, via e-mail. Martine Menès (m.menes@wanadoo.fr) para a Rede de Psicanálise com Crianças, e Gloria Patricia Peláez Jaramillo (gppj14@yahoo.com) para a Rede de Psicanálise na Universidade.

Além do trabalho, a beleza da cidade, a sensação de tarefa cumprida e o bom humor dos participantes, fez desse Encontro um momento de festa! O sol brilhou durante os quatro dias, Antonio Quinet pode apresentar mais uma de suas produções teatrais que teve lotação esgotada em duas sessões, e tudo isso certamente consolidou não só os laços de trabalho como de amizade e companheirismo dos analistas de nossa comunidade!

Daqui a dois anos nos encontraremos em Paris. Que de hoje até lá, possamos incrementar os intercâmbios, pois se não há Escola sem passe – o que é necessário –, ela também precisa de uma comunidade. Como quisemos uma Escola internacional, apostamos nela, a desejamos, façamos um esforço a mais para sustentá-la desse modo! É um convite.

Rio de Janeiro, 15 de novembro de 2012.

Marc STRAUSS (França)

O que responde o psicanalista?

É isso!

Como não há psicanalista sem a psicanálise, é preciso que digamos, de início, o que diz a psicanálise. Eu proponho: “Estrutura sobre o fundo de um *troumatisme matériel*”.^(NT)

Logo, temos três asserções:

1. Estrutura implica que há algo decifrável.
2. Estrutura implica também que há algo impossível, que faz disso o real traumático dedutível logicamente.
3. À estrutura e sua lógica de *trouma* acrescenta-se o real da *moterialidade* que é apreensível no campo da realidade. Acrescentemos que essa apreensão na realidade, contrariamente àquela do impossível, é por definição impossível de demonstrar logicamente e só pode ser verificada caso por caso.

O que diz, então, na prática, o psicanalista, esse interlocutor que se apresenta em nome do saber da psicanálise? Digamos que seu recurso “ao que vier” é: “Ao deciframento!”

Enfim, o que responde o psicanalista àquele que quer colocar desvendar seu saber insabido, cifrado e, conseqüentemente, fixado? Ele responde em ato, acompanha e guia o deciframento; suas pontuações desfazem as fixações.

A fixação proporciona uma satisfação fantasmática que repousa sobre o valor ilusório de um sentido último possível. O fantasma vale, então, como metalinguagem da realidade. Ele visa assegurar ao sujeito um lugar no Outro. Assegurando a identificação no e para o Outro, o fantasma é cobertura e, logo, obstáculo à revelação do impossível. Mas ele é também, por esse meio, a via de acesso à sua travessia ... e a seu avesso, que não quer dizer que ela tem um além.

O psicanalista demonstra ao psicanalisante o impasse da metalinguagem fantasmática. Ele não afirma a seu paciente que não há metalinguagem, senão a operação tenderia a uma medição de forças, mas o faz apreender para o sujeito pelo equívoco que a interpretação introduz nos sentidos fixados.

Pelo equívoco, o psicanalista lança mão da castração ao mesmo tempo em que faz aparecer a dimensão irreduzível da linguagem, sua *moterialidade*.

Revela-se, assim, ao sujeito, que seu ser de representação é falta, e que seu ser de gozo, que a essa representação ex-siste, procede de seu corpo.

Mais simplesmente: no registro do sentido não há última palavra nem verdade última e, menos ainda, a revelação do sentido da vida. Há, porém, para Lacan, ao longo de seu ensino, um fim à experiência analítica cujas formulações variaram, mas que sempre significam uma conclusão sobre um ponto de saber assegurado.

Nós podemos resumir esse ponto: “É isso!” Nós sabemos as declinações que Lacan propôs sobre a máxima freudiana: “Lá onde estava o Isso, Eu devo advir”. Porém, a experiência de mentira inevitável do sentido não autoriza em nada a concluir que a vida não tenha sentido, como precisa Lacan no fim do texto “A direção da cura”, mas mostra, ao contrário que “o desejo é carregado pela morte” (*Escritos*, p. 648).

Nada

Portanto, há, ainda assim, uma última palavra que Lacan dá também. No fim da passagem citada ele fala da obra de Freud, “nas dimensões do ser”, e na qual a morte “veio apor

^(NT) Neologismo de Lacan que equivoca as palavras francesas *trou* [furo] e *traumatisme* [traumatismo], e *mot* [palavra] e *matériel* [material].

a palavra Nada”⁷⁷ ... Nada, e não como o uso poderia nos fazer antecipar, a palavra “Fim”. Como no cinema, por exemplo, ainda que a tela de fim tenha desaparecido ultimamente, para ser substituída por ... nada. Aliás, desde quando há essa mutação?

Mas a história do cinema, por mais apaixonante que ela seja, não nos dispensa de questionar esse termo Nada, que diz algo bem diferente de nada. Que diz ele? Notemos, primeiramente, que não ter nada a dizer é uma experiência da vida cotidiana, mas a encontramos também no divã. No divã o paciente o diz ... Assim, na medida que seus ditos lhes escapam, ele demonstra ser sempre animado por um dizer ... o que não é pouco.^(NT2)

Qual é esse não-nada, chave do Nada do fim?

Experimentum mentis

Para responder a essa questão façamos uma pequena experiência mental, *experimentum mentis* de Galileu, a partir de um caso. Partamos das últimas palavras pronunciadas por um pai a seu filho no leito de morte, o qual as trouxe para o divã: “*Sabe meu filho, o que está me faltando é uma mulher para ralhar*”.

A frase é surpreendente por seu peso de verdade última. A vida desse homem teria sido, então, regrada por essa única necessidade? É ao mesmo tempo admirável, por sua inflexível simplicidade, e patética, por sua insondável miséria.

Agora, façamos nossa experiência mental mudando um pouco as coordenadas:

Imaginemos que a morte bateu à porta alguns segundos antes. A fixação do sentido teria, então, sido completamente outra.

O pai poderia só ter tido tempo de dizer: “*Sabe, o que está me faltando é ...*” O filho teria, então, ficado na ignorância dessa falta. Ele poderia, assim, ter confortado seu sonho de que a revelação paterna poderia ser-lhe um modelo, ao passo que com a frase completa o sujeito é remetido à sua divisão de sempre, entre um estupor admirado e um escárnio penalizado. Para ser claro: “Que homem!” ao mesmo tempo que “Coitado!”

Não desenvolvamos as outras escansões que a morte poderia ter operado: deixar ao pai pelo tempo de proferir a primeira sílaba da última palavra: “O que está me faltando é uma mulher para ra... Ou então: “O que me falta é uma mulher ...”, o que teria imediatamente nos remetido à mãe envolvendo em seus braços a criança morta e, conseqüentemente, ao mito universal da terra-mãe que ilustra para Freud a pulsão de morte, em particular no seu texto “Os três cofres”.

Nossa experiência mental produziu, então, segundo os diversos casos, experiências e histórias bem diferentes. Porém, notemos, no entanto, que qualquer que seja o fim, mesmo no caso preciso em que o pai teve tempo de terminar a frase, o que ele diz é totalmente inútil para o filho. Que o pai se revele ridículo ou que ele continue a autorizar imaginá-lo como admirável, aquilo que ele diz não responde à questão do sujeito. Sim, o pai fez do outro sexo seu combate, um combate verbal, mas por quê? O que esperaria ele ganhar com esse combate, qual era a aposta nisso?

Dizer

A psicanálise nos ensina que essa aposta é a mesma que aquela que ele havia feito ao dizer suas últimas palavras ao filho: falar à alguém. Não falar para não dizer nada, mas, ao contrário, para suscitar junto ao interlocutor escolhido a resposta esperada, necessária, que viria confirmar ao sujeito sua existência. Que esse interlocutor seja o Outro sexo ou o filho mostra bem que o lugar onde se coloca essa questão da existência é o próprio lugar onde não há relação, mas puro laço de fala. O que importa nessa frase em última instância é que até o fim o pai tenha podido encontrar um interlocutor para si, junto a quem ele se faz ouvir, ainda ...

⁷⁷ Conforme tradução em português nos *Escritos* p. 649

(NT2) No original, “ce qui n’est pas rien” [não nada].

Em outras palavras, desde que ele esteja vivo, ele fala, logo, ele combate, menos a morte do que a impossibilidade de chegar, por seus ditos, ao fim daquilo que há a dizer – e que é sua vida de corpo afetado pela alíngua, na singularidade de sua existência.

Não é necessário, portanto, estar a ponto de morrer para ser animado por esse dizer e pela necessidade de lhe achar um endereçamento e uma forma articulada nos ditos.

E o que quer dizer esse dizer? Nada a não ser o desejo de se fazer reconhecer como homem, como falasser pelo outro a quem se endereça. E para isso é preciso, maldita necessidade, que o falasser se vista com os farrapos de um sexo; sexo pesado neste caso, e sobretudo, sendo secundário aos olhos da questão da existência.

Assim, encontrar um interlocutor para si é suficiente para fazer a prova de sua existência pelo dizer que a própria existência desse interlocutor verifica. “Ele responde, logo, eu disse, logo eu sou” poderia ser uma formulação do *cogito* lacaniano. É claro, para que o diálogo prossiga há a necessidade de respeitar certos aspectos aos olhos da verossimilhança, que é comandada pelo mais-de-gozar do fantasma; mas, de fato, esse *cogito* é jogado a quem e procede, ao contrário dos mais-de-gozar, de um nada-de-sentido; ou então, ele só tem um, de sentido, o mesmo para os dois parceiros: se sustentar pelo seu gozo de existir, seu gozo de falasser.

Nada de sentido

Porem, é necessário darmos, para concluir, um passo a mais. Com efeito, o nada-de-sentido no posto de comando não está reservado ao discurso analítico. É o caso também do discurso do mestre, em que o significante Unário se define, também, por não ter um sentido que justifique seu lugar. O mestre não faz semblante de saber, ele ocupa seu lugar e isso é suficiente. E se isso não é mais suficiente aos escravos, ele pode sempre se fazer ajudar pelos filósofos para mobilizar um saber que o justificará – do lado do comando, disse Lacan. Nós podemos sublinhar a homologia entre essa posição de mestre com “Sabe-se disso, por si mesmo” que assegura para Lacan o fato que se está no inconsciente, no texto “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”. O ponto de chegada do discurso analítico seria, então, um retorno ao discurso do mestre? Porque não... mas é um mestre bem subvertido. Com efeito, o discurso do mestre comanda necessariamente ao corpo de um outro, ao passo que no discurso analítico é o si que se ignora que comanda pelo dizer ao sujeito que não pode nada contradizer ali. Esse si é, portanto, para um sujeito, o enigma que permanece para ele mesmo; enigma, que nos recorda Lacan é cúmulo do saber.

Assim, o analisante e o analista são ambos dois irmãos no discurso como o diz Lacan no fim da última lição de... *ou pior*. Com a condição, para não cair novamente nos bons sentimentos, de precisar que esses irmãos não têm pai, pois o discurso, se ele carrega a função de nomeação, não tem ele mesmo um pai.

O que responde, enfim, o analista ao sujeito que pode enfim escutá-lo, sem que não seja mais necessário de lhe dizer? Ele responde: “Sim, é isso, você falou.” Até o momento em que o sujeito se toca da inutilidade de continuar a fazê-lo no divã, e se propõe eventualmente a tentar fazer dizer qualquer coisa a esse saber adquirido, tentando transmiti-lo pela experiência que dá acesso a ele.

Tradução de Rita Vogelaar

CONTRIBUIÇÃO DOS A.E.

Vicky ESTEVEZ (França)

A não resposta

Estou muito feliz por fazer esta intervenção em solo brasileiro, pois gostaria de agradecer a Sílvia Franco que, com a singularidade de seu testemunho em Buenos Aires, de alguma maneira impulsionou o desejo emergente e tímido de me apresentar ao passe.

A resposta real do analista

Em seu texto “Qual fim para o analista?”,⁷⁸ Colette Soler associa “um parceiro inédito” a “um parceiro que tem a chance de responder”.⁷⁹ Foi esta articulação que chamou minha atenção e da qual vou tentar tratar, baseando-me em alguns elementos que pude *entre-ver* durante o procedimento do passe.

Digamos, para começar, que há resposta e resposta. Há respostas que podemos chamar “respostas de funcionamento”, indispensáveis para sustentar o dispositivo e a direção do tratamento (instalação da transferência, do Sujeito suposto Saber, deciframento etc.). E, em seguida, há a resposta essencial do analista, a daquele que tem uma chance de responder.

Esta resposta, sinal da presença do desejo do analista, é fundamentalmente, e antes de tudo, uma não resposta, do começo ao fim.

A resposta é a não resposta.

É o silêncio que age, pois o real, diz Lacan, é o silêncio do analista.⁸⁰

A resposta não resposta, que poderíamos chamar estrutural (que deve ser distinguida de um não dizer), age fazendo corte, corte para além do corte. Enquanto real, ela faz parada absoluta. Esta parada outra, que difere das “paradas de funcionamento”, tem efeitos outros.

O efeito maior sobre a análise da não resposta ativa do analista vai ser a atualização, junto ao analisante, da manifestação de um desejo particular que vai se separar da demanda implícita na transferência.

Esbarrando na não resposta, pouco a pouco, o analisante vai deixar de se interessar naquilo que ele acredita que se espera dele; ele vai, então, se dirigir para a questão-enigma que causa seu desejo, presumindo que o analista, Sujeito Suposto Saber, tenha a chave disso, porém este nunca responderá.

Barrando-o (isto é, barrando-se a si mesmo), o analisante vai, então, se interessar pelas chaves que seu próprio inconsciente vai lhe fornecer. Obtendo algumas chaves, mas não aquelas que ele quer, depois de um certo tempo, o analisante vai deduzir daí que responder a esta questão não tem sentido.

Ele percebe, então, que não há chave, que se trata de uma questão sem resposta. (A não resposta do analista torna-se ausência de resposta, simplesmente).

Entretanto, quase sem se dar conta disso, o analisante, assim como sua libido, se transformaram. Liberados de uma relação alienada ao Outro, eles se tornaram: uma resposta possível, uma solução que ousa a vida.

⁷⁸ Colette Soler. “Quelle fin pour l’analyste ?” In: *Quarto* n. 35, pp.44-49, 1989

Dentro da mesma ideia, mais recentemente, em sua intervenção *Efeito de transmissão*, de 5 de novembro de 2011, nas Jornadas “Homenagem a Lacan”, organizadas pela EPFCL em Paris, intervenção publicada na *Revue du Champ Lacanien* n.11, Lacan, psychanalyste. Témoignages-Maio 2012, Colette Soler diz retomar o termo de Lacan “**alguém que não é qualquer um**”.

⁷⁹ Jacques Lacan. Introduction à la édition allemande des *Écrits*. In: *Autres Écrits*. Paris: Seuil, 2001, p.558

⁸⁰ Jacques Lacan. “Le symbolique, l’imaginaire et le réel” in *Les Noms-du-Père*. Paris: Seuil, 2005, p.53.

O analisante se diz, por fim, que não tem mais tempo a perder, ele diz *tchau* ao analista e, como sintoma liberto e separado, isto é, como sintoma-resto (efeito da não resposta), todo ligeiro, ele se vai alegremente ao ar livre, viver sua vida.

Isso poderia parar por aí, e já seria muito bom.

Ora, há um além à resposta-não-resposta.

Enquanto sujeito-sintoma, o analisado pode viver melhor sua vida. Sobre sua análise e seu inconsciente ele pode estar instruído e ter obtido um pedaço de chave, mas, se ele quiser ser analista, isto não é suficiente para carregar no oco o desejo do analista.

O além do sintoma-resposta é que **MESMO A QUESTÃO É DEMAIS**.

Por trás do “sem resposta” se esconde outro real: o “sem questão”. Entre dois significantes há apenas um espaço vazio, um intervalo absoluto e irredutível, o do significante que falta, do furo furado.

O sintoma-solução do sujeito assina o desejo de separação **de um** sujeito que não se situa mais a si mesmo como resposta. Porém, ainda que quase inex-sistente, a referência ao Outro (o desejo do sujeito é sempre desejo do Outro) ainda está lá.

É preciso um passo a mais que, de acordo com o que pude apreender disso, só pode ser feito fora do espaço da análise, no passe.

Um segundo enodamento eclipsa o sintoma como solução e o furo é extraído de modo permanente. É aí que o apagamento se produz. O desejo **de um** sujeito não estando mais ali, só resta o vetor disso. É este vetor esvaziado que vai orientar e sustentar o desejo do analista em função de causa.

O real do silêncio do analista não quer dizer que ele permaneça mudo; é que ali onde seu ato se sustenta, ele, enquanto sujeito, não está mais.

Como seu próprio nome indica, **o desejo do analista é um desejo sem sujeito**.

Com a presença de sua ausência que eu diria real (e que presença!), o analista habita e atua o tempo de suspensão do qual o inconsciente necessita para se manifestar suficientemente para poder se elaborar.

Um desejo sem sujeito pode, assim, escutar e dirigir a interpretação não a uma pessoa, mas a um saber, ele mesmo sem sujeito: um texto em elaboração, **um texto que vai permitir a um falasser ex-sistir**. É este o real pelo qual o analista é responsável em seu ato.

O analista está à escuta daquilo que o surpreende porque dito, assinalado ou articulado de modo singular. E isso ele o sabe de cor, essas manifestações do saber do inconsciente, ele as viveu na própria carne. A irrupção do saber inconsciente próprio a um sujeito o subverte e nos subverte porque ele se aloja e se manifesta sempre em outro lugar que não aquele onde é esperado.

O real da surpresa

Ali onde isso nos surpreende, **AQUI ESTAMOS!** Ali onde se é **sur-pres**o, é CERTO que se está PRESA (capturado). O corpo aí está.

Alguns de vocês talvez tenham escutado, assim como eu, Colette Soler contar uma anedota que se passa no século XVIII, acredito: uma senhora entra no quarto conjugal e surpreende seu marido (Littré em pessoa) na cama com sua amásia: “Meu caro, estou surpresa!”, lhe diz ela. E ele lhe responde: “A SENHORA está espantada, EU estou surpreso!”

Após ter escutado esta anedota, eu fiquei esclarecida sobre o bom uso em francês do termo surpresa e, durante um tempo, a cada vez que a ocasião se apresentava, eu substituía “eu estou surpresa” por “eu estou espantada”, *bem entendido!*

Agora, retorno de bom grado ao “eu estou surpresa” que, a meu ver, pode incluir as duas acepções. Estar na surpresa implica essa coisinha sexual que sinaliza em “quando se está surpreso, aí se está”. ISSO está aí na surpresa, *malentendido!*

O real da não resposta + o real da surpresa remetem ao real do inconsciente.

Em outras palavras, os efeitos de surpresa acompanham e dão outra consistência ao silêncio necessário da não resposta. Eles vão afiar o desejo de saber sem o qual o desejo do analista não pode funcionar e o desejo do analisante ainda menos.

A surpresa continua, a meu ver, um dos elementos essenciais da psicanálise lacaniana. O que surpreende suspende, enoda e separa. A surpresa soa,⁸¹ descentra aquele que fala e aquele que ouve. Ela faz corte ao mesmo tempo em que borda, em que “fixa” alguma coisa do saber inconsciente, de um saber já ali.

A análise e suas consequências são inteiramente causadas pela surpresa que foi posta em ato (não calculada, portanto) por que *há de psicanalista* no analista, sessão após sessão. Mas o analista também é surpreso pelo que ele escuta de inédito no dizer de cada analisante (é incalculável também).

Bem além da transferência (da questão da relação), ali onde isso sabe a dois, isso faz laço.

E a análise é um laço a dois.

E é uma questão de corpo.

“Ser testemunha” do que se passava no meu passe, com e sem mim, me surpreendeu. O efeito desta surpresa causou o texto do passe; ele causa agora o testemunho que dou disso. Mas eu deduzo, retroativamente, talvez já o fizeram vocês mesmos, que foi um pouco assim que se passou desde o primeiro instante em que encontrei esse parceiro inédito que é um psicanalista, inédito pelo apagamento que ele encarna em seu ato, um apagamento sempre articulado à crepitação causada pela irrupção de um saber que nos escapa, um saber que não se alcança, não recuperável, um saber que nos faz sorrir, ali onde se tinha tendência a chorar. Nem todo mundo tem a chance de encontrar o que *há de psicanalista*. Eu tive esta chance e eu digo obrigada à pessoa que o encarnou. Este parceiro não predicável é inédito, sim, porque não faz série, ele ex-siste à série, ele é fora-de-série.

Tradução de Graça Pamplona

Lydie GRANDET (França)

Ousar ser analista

“O passe consiste nisso que, no ponto em que alguém se considera bastante preparado para ousar ser analista, ele possa dizer [...] a um par [...] o que lhe deu nos nervos para receber pessoas em nome da psicanálise”. (J. Lacan – Conferência na Universidade de Yale/novembro de 1975)

Oser, ousar em francês, pode adquirir vários sentidos, distintos entre si, como: ter coragem, ousadia, demonstrar imprudência e arriscar-se. Gostaria de acentuar a proximidade com “osier”,^(NT) essa vara de salgueiro flexível, o vime que se usa para trançar os cestos de artesanato...

A escolha deste título me permitiu interrogar a questão “O que responde o analista?”, “ousar” convocando ao mesmo tempo a clínica e a ética. Para ousar ser analista, é preciso autorizar-se: o analista só se autoriza de si mesmo e de alguns outros; estes outros que constituem a Escola de psicanálise, da qual Lacan esperava “que alguma coisa fosse inventada”. Observemos que ele formula com os mesmos termos o ser sexuado: “o ser sexuado que só se autoriza de si mesmo e de alguns outros”.⁸² Então ele propõe “conectar” a fórmula do discurso

⁸¹ “O forçamento por onde um psicanalista pode fazer soar outra coisa que o sentido”. Jacques Lacan. Séminaire XXIV “L’insu que sait de l’une-bévue s’laile à mourre », lição de 19 de abril de 1977

^(NT) A autora se refere à proximidade, na língua francesa, entre as palavras *oser*, ousar, e *osier*, vime.

⁸² Jacques Lacan. *Os não-tolos erram*, lição de 9 de abril de 1974 (Seminário não publicado).

analítico às fórmulas da sexuação: “conectá-las, seria promover o desenvolvimento disso que, em uma escola, a minha – por que não? – com um pouco de sorte, resultaria na articulação dessa função da qual necessariamente depende a escolha do analista, escolha do ser”. Remeto-os à lição de 9 de abril de 1974 do Seminário *Os não tolos erram*.

Como entender a frase “conectar as fórmulas da sexuação e a fórmula do discurso analítico”?

Temos uma indicação preciosa a partir do matema S (A barrado). Se ele está claramente mencionado no lado direito das fórmulas da sexuação, à primeira vista ele não aparece na escritura do discurso do analista; entretanto, na lição de 10 de maio de 1977,⁸³ Lacan precisa melhor: “Em nosso tetraedro [trata-se da escritura do discurso analítico] o S índice 1 e o S índice 2 é precisamente o que designo com o A dividido de que faço um significante, S (A barrado)”.

Então, é esse o ponto que vai me permitir interrogar como se pode “ousar” clinicamente receber pessoas em nome da psicanálise; é evidente que essa questão adquire um acento particular para mim hoje, pois ela se articula com esta outra: como alguém ousa se apresentar ao passe e aceitar uma nomeação de AE?

O sofrimento e os sintomas conduzem a uma análise, sob a condição de se sustentarem na crença no inconsciente como um saber insabido, a ser decifrado; depois do “encontro de corpos”, a transferência e a associação livre vão permitir ao analisante desfiar a cadeia significante que lhe é própria, entretecida pela alíngua que é a sua e que lhe escapa, porque é grande a sua orientação pelo sentido: a busca de um sentido para seus sintomas. Pouco a pouco, sob a condição de que ele tenha encontrado “do”^(NT3) psicanalista, delinea-se, para ele, algo do fantasma. Então, quando advém uma contingência que convoca o fantasma, pode operar-se o rasgão que chamamos travessia do fantasma: o sujeito entrevê, como em um relâmpago, o objeto que ele foi para o Outro e a parcela de gozo que nele está acoplada. Mas é ainda preciso que ele o assuma em ato! O fantasma, o objeto (a) em função na fórmula do fantasma faz suplência à não relação sexual. “Se o objeto a do fantasma é justamente a rolha da não-relação sexual, o fantasma é aquilo que, por lei de sua estrutura nodal, essa não-relação sexual o desvela [...].⁸⁴ Quando vacila a segurança obtida no fantasma [...] verifica-se que o sujeito e o objeto, o efeito e a causa, não têm relação porque são a mesma coisa.”

Este momento, crucial no tratamento analítico, convoca o ato do analista. É assim que compreendo a observação do seminário *Mais, ainda* em que Lacan situa, no fundamento do princípio de prazer, a coalescência do pequeno a com o S (A barrado); esta coalescência se faz por meio da função do ser, que cristaliza alíngua numa só palavra, na medida em que ela se fez marca para um sujeito. Desta coalescência do pequeno a com o S (A barrado) – cito Lacan – “uma cisão, um descolamento há de ser feito. É neste ponto que a psicanálise é coisa completamente diferente de uma psicologia. Pois, a psicologia, é essa cisão não completada”.⁸⁵ Para que a cisão opere, é preciso um mais-além da travessia do fantasma, quando o “sonoro” de alíngua pode abrir para o acontecimento do real e o impossível que afeta; trata-se do encontro com este ponto de castração radical, na raiz então, índice do saber sem sujeito que torna impossível dizer toda a verdade, porque não há relação-sexual que possa ser escrita... Não sem a contingência que permite à impossibilidade antecipar-se à necessidade! Este descolamento, este dilaceramento pode permitir que a letra sobressaia; escrevo-o de bom grado “*La barré l'être*”, “A

⁸³ Jacques Lacan – *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre* (Seminário não publicado).

^(NT3) No original: *qu'il ait rencontré “du” psychanaliste*, frase em que as aspas na partícula “du” [de +le] indicam que se está forçando a gramática, pela imposição da regência transitiva indireta ao verbo *rencontrer*, que, normalmente, ou é transitivo direto ou pronominal. O mesmo acontece com a frase em português; no entanto, em francês, o “du” é também artigo partitivo, em cujo caso se traduziria por “um pouco de”, resultando em “sob a condição de que ele tenha encontrado “um pouco de” psicanalista”.

⁸⁴ Michel Bousseyroux. *Au risque de la topologie et de la poésie* (Ères) p.116

⁸⁵ Jacques Lacan. *Seminário 20: mais, ainda* (Jorge Zahar) p. 112

barrado o ser”, índice do inconsciente real. Com efeito, “é preciso passar por esse lixo decidido para, talvez, reencontrar alguma coisa que seja da ordem do real”.⁸⁶

O índice, portanto, é o afeto! E o afeto, isso se escreve no corpo^(NT4) [en-corps)... “O desejo do sujeito resulta de duas operações: intromissão na língua (entrada do sujeito na linguagem) e encontro com o sexual. Os sintomas e os afetos, signos bizarros sobre o corpo, irão depender das duas operações...”.⁸⁷

Há um resto, irreduzível, que faz signo... assinatura sem signatário! Trata-se, então, do encontro com um ponto de real, encontro com um vazio para-além de todo saber, de que a letra faz signo. Esse encontro abre a possibilidade de que se afaste de uma posição de gozo: não mais um gozo dedicado ao Outro, mas uma posição em que se leva em conta a dimensão do “não todo” sujeito.

Ter que passar por esse “lixo decidido”, como Lacan o indicava, exige uma posição ética em relação ao gozo, posição que faz da psicanálise algo diferente de uma psicologia!

Não há dúvida de que, por ter roçado a letra, advém um novo alento, invenção que resta como o afazer/a fazer do analisante, seu saber como inferno/saber como fazer,^(NT5) que circunscreve “sua” letra enquanto borda do real... e que conclama o ato. Disso depende a resposta “do”⁸⁸ psicanalista: “O sujeito [estando] representado no ato como pura divisão”,⁸⁹ o des/mentido está fora do sujeito, ele vem do Real, é o Real que rebate no ato do desmentido; o analista que responda por isso! Na escrita do discurso “do” psicanalista, a linha inferior é interrompida, há um impossível: portanto, “o S índice 1 não representa o sujeito para o S índice 2, ou seja, o Outro”.⁹⁰

Lacan dizia que mais que “seguramente, não se pode ser nomeado para a psicanálise”, mas, tampouco se pode dizer “o” ou “um” psicanalista, o que iria no sentido de uma identificação! Ora, em absoluto nem todos “porque não há todos no caso, mas esparsos disparatados” que têm o passe à disposição “daqueles que se arriscam a testemunhar da melhor maneira possível sobre a verdade mentirosa”. E acrescenta: “Eu o fiz por haver produzido a única ideia concebível de objeto, a de causa do desejo, isto é, daquilo que falta. A falta da falta constitui o real que só sai assim, como tampão.”⁹¹

Certamente, é o desejo que impulsiona, que nos anima, e a trajetória de uma análise, por meio de suas idas e vindas e pelos equívocos de alíngua própria ao sujeito, lá onde precisamente o ato do analista é convocado, pode permitir a construção do fantasma e seu “rasgão”. Nesse sentido, a ética da psicanálise é uma ética do desejo. No entanto, o encaminhamento de Lacan que conduz ao inconsciente real, ao falasser, nos obriga a considerar a posição ética face ao gozo residual: “uma ética que se fundaria na recusa de ser não-tolo, sob o modo de ser sempre fortemente tolo deste saber, deste inconsciente que, no fim das contas, é nosso único lote de saber.”⁹²

Uma questão, portanto, se coloca: no que impulsiona, que anima, trata-se apenas do desejo ou há também aí o que “corre por debaixo”, a expressão, a ex/tração do que marcou um sujeito e cujo corpo é suporte?” A diferença absoluta, causa do desejo do psicanalista, abre para o “ser poema”, uma vez que “o poema é a utilização de todos os recursos da língua; o que tem como efeito interromper a inércia da significação, isso põe os equívocos ao trabalho para fazer

⁸⁶ Jacques Lacan. *Seminário 23: o sintoma* (Jorge Zahar) p. 120

^(NT4) No original: *ça s'écrit en-corps*, permitindo a homofonia de *en-corps* com *encore*, ou seja, no corpo e mais, ainda.

⁸⁷ Albert Nguyen. *Seminário La différence et l'ab-sens: comment c'est* (2011)

^(NT5) No original: *savoir comme enfer/savoir comment faire* permite jogo homofônico que desaparece na tradução em português.

⁸⁸ Michel Bousseyroux. *Au risque de la topologie et de la poésie* (Ères) p.116

⁸⁹ Jacques Lacan. A lógica do fantasma, 22 de fevereiro de 1967 (Seminário não publicado)

⁹⁰ Jacques Lacan. *Seminário L'insu que sait de l'une bête s'aile à mourre*, lição de 10 de maio de 1977.

⁹¹ Jacques Lacan. “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*” In: *Outros Escritos* (Jorge Zahar) p.569

⁹² Jacques Lacan. *Os não tolos erram*, lição de 13 de novembro de 1973 (Seminário não publicado)

surgir a faísca da língua, o clarão que rasga por meio de seu canto. Ser poema é ser canto que decide, canto que não autoriza nenhuma estase do sentido.”⁹³

Se o dispositivo do passe e o encontro com os passadores convoca um “concentrado” do tratamento analítico, opera uma redução, o anúncio da nomeação abre um espaço vertiginoso, *ès/passe* para o sentido de “em matéria de” como se diz *ès-lettres!*^(NT4) *Ès-passe* que faz abertura, apelo de ar, apelo de vaguear;^(NT5) Lacan comenta esse termo em seu seminário *Os não-tolos erram*: o errar, “lançamento de alguma coisa que ainda continua a correr, quando já parou aquilo que a impelia”,⁹⁴ ou seja, a velocidade residual, quando o propulsor não age mais: o que resta de gozo quando se atinge a borda do ser. Se os não-tolos estão sujeitos ao errar, ao erro, fazer-se tolo resulta no erradio!^(NT5)

O passe, entretecedura de passante, passadores e cartel, leva à “d’escolagem” e dá lugar aos furos de ar/vaguear propícios à invenção, não sem a contingência. Se ele permite verificar os avanços da psicanálise, ele convoca o passante a que olhe a partir de uma outra perspectiva, diferente daquela do analisante; permite que se expresse o “vivente/vivendo” da escola e da psicanálise por vir...

Recebi a nomeação não no sentido de estar “nomeada para”, mas como “estar nominada”, ou seja, como estar “proposta”, sugerida para “dar testemunho dos problemas cruciais, nos pontos vivos para a análise.” Apelo para testemunhar a partir deste ponto de castração radical, encontrado durante a análise, que indica que há saber sem sujeito... para – cito Lacan – “tentar precisar o laço que há entre o que chamo de inventar algum saber e o que se escreve”.⁹⁵ Para que “alguma coisa se invente sem escorregar novamente nas antigas covas, aquela de que resulta que, por causa dos velhos hábitos contra os quais, afinal, estamos tão pouco prevenidos que servem de base ao discurso dito universitário, que se é nomeado a, a título de”.⁹⁶

Tradução de Vera Pollo

⁹³ Albert Nguyên. *Seminário La différence et l’ab-sens: comment c’est* (2011), p, 27.

^(NT4) *Ès*, em francês significa a contração da preposição *en*, em com o artigo plural *les*, os, que se traduziria por “nos”. Mas “*ès-lettres*” é uma expressão consagrada com o sentido de “no que diz respeito às letras” ou “no assunto letras”.

^(NT5) Em francês, no original: *appel d’erre*, expressão em que o vocábulo *erre* significa um modo de avançar, de caminhar e/ou velocidade residual.

⁹⁴ Jacques Lacan. *Os não-tolos erram* (Seminário não publicado), lição de 13 de novembro de 1973

^(NT5) O texto joga com a proximidade homofônica e gráfica em francês dos três termos: *errance*, *erreur* e *erre*, em português aproximadamente: o vaguear, o erro e o erradio.

⁹⁵ Jacques Lacan. *Os não-tolos erram*, lição de 9 de abril de 1974

⁹⁶ *Ibid.*

Trabalhos dos cartéis do passe

CARTEL 1

Dominique FINGERMANN (Brasil)

Uma carta nem sempre chega ao destino

Supomos que se uma análise produziu um analista à altura de seu ato, isso deveria ter efeitos notáveis, marcantes.

Isso deveria ser notado, re-marcado no testemunho dos passadores. O passe é feito para isso, é feito disso: a aberração¹ que conduz alguém a se colocar como analista em sequência à sua análise é um salto inaudito. E uma aberração assim não passa despercebida!

Constatamos, entretanto, que a maior parte do tempo, essa marca não é notada nos testemunhos, essa carta [*lettre*] não chega ao seu destino. Ela permanece em espera [*en souffrance*].

A questão de como a carta (letra) atinge, alcança [*porte*], é salientada por Lacan a partir de “Lituraterra”: “Pois ainda seria preciso, para isso, que se desenvolvesse aquilo que entendo que essa carta (letra) atinge [*porte*] para chegar sempre ao seu destino”.² O que constitui o “alcance” [*portée*] da carta? Como isso se produz? Como se produz um efeito do signo que não seja efeito de sentido?

Desde sempre, desde os primórdios da experiência do passe, constata-se a diferença entre o número de demandas de passe e a pequena proporção de passantes nomeados A.E. Passam os anos, vão e vêm as Escolas, que se seguem e não se assemelham, vacilam as palavras de ordem, oscilam as doutrinas: a psicanálise permanece, a experiência do passe persiste e o número de Analistas da Escola nomeados não varia.

O que se passa no passe quando não há nomeação? O que não passa?

Produzir um analista à altura de seu ato representa muito [*beaucoup*] trabalho (“belo custo” [*beau coût*] pode-se, afinal, dizer com Lacan),^(NT) muitas voltas e desvios, vaivéns: tece o texto, passa por cima, por baixo, corta, amarra, afasta, dobra, reduz, por baixo, por cima, pula um ponto, retoma o fio, corta, amarra, um ponto no avesso, dois no enverso: enodar de outra forma.

Enodar de outra forma?

No começo do falasser “sabe-se consigo”, mas quanto mais se pensa nisso, se esquece, e é inclusive só assim que alguém se salva, só assim, por uma suposição, que sobrevive. Essa suspeita de saber [*savoir*] (*cavoir*, saber do Isso) se transforma na suposição de uma verdade que o

¹ Jacques Lacan (1971-1972). *Le Séminaire – Livre 19 – Le savoir du psychanalyste*, inédito, Aula de 01/06/1972. « Comme je l’ai souvent marqué, cette expérience de la passe est simplement ce que je propose à ceux qui sont assez dévoués pour s’y exposer à de seules fins d’information sur un point très délicat et qui consiste à en somme, ce qui s’affirme de la façon la plus sûre, c’est que c’est tout à fait a-normal – objet a normal - que quelqu’un qui fait une psychanalyse veuille être psychanalyste. Il y faut vraiment une sorte d’aberration qui vaut, qui valait la peine d’être offerte à tout ce qu’on pouvait recueillir de témoignage ».

² Jacques Lacan. (1971). “Lituraterra” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.13.

(NT) Homofonia entre o advérbio francês *beaucoup* [muito] e a expressão *beau coût* [belo custo].

Outro garante; é nesse momento que o laço com o Outro (significante) inaugura a hystória^(NT2) e o romance.

“Claro, o suspeitável é muito respeitável, como o resto, não é? É o que é preciso suspeitar como sendo Real, e isso leva bem longe, isso leva a todos os tipos de construções”, indica Lacan no Seminário *Les non-dupes errent* [Os não tolos erram].

As construções, elucubrações, teorias sexuais infantis e outras maquinações não preservam totalmente do inesperado, pois o sintoma, a angústia, o sexo, entre suspeita e certeza, convocam o real. Má ou boa hora, infelicidade ou felicidade [*Malheur, bonheur*^(NT3)], aventuras ou desventuras, depende; é inesperado, é o impensado, insensato, não é aquilo que se esperava.

Mas desde a primeira suposição, alguém se busca (e não se encontra) nos trilhamentos, nos trilhos do significante que representa o sujeito para um outro.

Onde se encontra o saber perdido, ou melhor, o saber que não se encadeou ao Outro, mas que “retém o corpo insensivelmente”? O saber de separação que garante o estilo, o poema, o amor, o analista.

Ele se enodou, inicialmente, à neurose, aos significantes mestres do Outro e a sua falta fastasmada; pode ele se “enodar de outra forma”?

Sustentamos que um analisa – para estar à altura do ato, para suportar o ato do analisante que passa à psicanalista – deve poder sustentar a posição do inconsciente na medida em que ele é real, na medida em que ele está não todo encadeado ao Nome do Pai, na medida em que, ao se fazer de tolo, é possível largar o lastro do fantasma e das identificações e fazer alguns nós [*noeuds*]³ sobre o lance [*erre*] da separação, sobre seu impulso. “Talvez vocês saibam o que isso quer dizer, um lance [*erre*]? É algo como um impulso. O impulso de algo quando para o que o está propulsionando e continua ainda a correr”,⁴ explica Lacan.

Não se pode dizer que escutamos os passadores e seus testemunhos dos passes dos passantes sem nenhuma orientação preliminar; pode-se até reprovar os cartéis por isso, mas há uma orientação ética do passe, ou seja, daquilo que se entende como desejo do analista: esperamos poder observar os efeitos de lance, e propulsão do impacto do real para um passante, as consequências de sua separação para com o palmo do fantasma que mede e ordena sua realidade, e não realmente se pode dar ares disso!

Sustentamos que um analista de Escola deve poder mostrar os efeitos do impasse do sujeito suposto saber que a análise lhe demonstrou. Um A.E. deve poder fazer ouvir o poema que ele é, repetamos, à porfia, na esteira de Lacan. Um poema não é para ser lido, mas ouvido, como dizia Joyce em *Finnegans Wake*: “Ah, não é de forma alguma escrito. Não é, tampouco, feito para ser lido. É feito para ser olhado e ouvido”.⁵ Esse poema é traçado no lance do real, efeito da letra [*lettre*], na medida em que ela designa o que, do significante, não carrega o sentido do Outro, mas faz soar esse saber de si que retém o corpo e que faz com que se autorize de si mesmo, eventualmente.

Muitas cartas [*lettres*] permanecem em suspenso, em instância [*en instance*], o cartel não as recebe. É um problema.

É um problema?

Estamos inclinados a pensar que se há um problema, trata-se de um mal entendido que procede dos três polos em jogo, ou de um dos três, ou da dinâmica do dispositivo.⁶ Mas isso não nos desencoraja: cem vezes voltemos, e novamente, ao nosso trabalho [*cent fois sur le métier*

(NT2) Fusão dos vocábulos franceses *hystérie* [histeria] e *histoire* [história].

(NT3) Homofonia entre as expressões *malheur* [má hora] e *bonheur* [boa hora] e as palavras *malheur* [infelicidade] e *bonheur* [felicidade].

³ O nó [*noeud*] é uma unidade de velocidade utilizada em navegação marítima e aérea.

⁴ Jacques Lacan (1973-1974). *Le Séminaire – Livre 21 – Les non-dupes errent*, inédit, Leçon du 13/11/1973.

⁵ Joyce cité par Christophe Bident (2012). “Joyce enfin libre sur scène” In : *Magazine Littéraire* n.515 (01- 2012), p.21.

⁶ Dominique Fingermann (2012). “Qu’est-ce qui fait différence ?” In : *Wunsch* 12, juin 2012, pp.58-62.

remettons notre ouvrage]^(NT4)...e, realmente, os passantes, os passadores, os cartéis trabalham com afinco [*mettent le cœur à l'ouvrage*], admiravelmente.

Não é, portanto, o fim, são as sequências que interessam na experiência do passe: a tomada em consideração do real e o “enodar de outra forma” aos quais conduzem uma análise podem ser verificados.

Supomos que se uma análise produz um analista à altura do ato, isso deveria ter efeitos notáveis. Isso deveria ser notável, marcante no testemunho dos passadores.

Quando escutamos os testemunhos (9 passes, 18 testemunhos de passadores uma nomeação), sempre ficamos impressionados, tocados, pelo efeito da psicanálise: é extraordinário! Como a experiência trata uma história, como ela enuncia, desdobra os impasses dela na transferência, denuncia suas equivocações, e, por fim, extrai essa cifra que faz destino e a história que faz romance. Rosa Escapa precisa justamente isso, assim: “O passe é uma experiência que brinda uma ocasião sem igual para se dar conta de como a significação fálica vestiu a letra, de como o gozo fálico animou o gozo do corpo, da escrita que se sedimentou e do que na análise se escreveu de novo”.⁷

Graças aos passadores, à sua coragem, à sua seriedade e entusiasmo, e também apesar deles, apesar de seu excesso de zelo, de notas, suas faltas de precisão ou excesso de angústia, tivemos – verdadeiramente – acesso a experiências fantásticas que a análise fabrica e que fabricam analistas.

Verdadeira-mente, verdadeiro demasiado, muitas vezes, para que passe o ar [*air*] do real e que o lance [*erre*] do ato possa nos fazer apreender as sequências – outras – do Dizer. Sequências outras, de forma que “o poema que ele é” as torne manifestas, evidentes em sua conduta ou sua tomada em conta no laço com o outro, da não relação sexual.

Portanto, não é o que faz “verdade” que o cartel pode ouvir, mas o que faz Dizer: o que faz Dizer não é verossímil; Lacan fala de “a impudência do Dizer”, em outras palavras, sua aberração, ab-erração.

O dizer cai sob o sentido;^(NT6) o que nos permitiu decidir uma nomeação não foi a profusão inacreditável, mas verdadeira, da construção analítica da verdade mentirosa, mas um lance, um vaguear e um ar [*erre/air*] de insolência em que re-soou o eco de um Dizer, em que a marca de “suspensão do singular pode se fazer ouvir”, como formula Marc Strauss.⁸

Anita Izcovich desdobra os diferentes *efeitos de corte* que levam um analisante à passagem à analista; acrescentemos aí que um testemunho conduz a uma nomeação quando se verifica para além do corte um “enodar de outra forma” pelo “efeito de afeto, um efeito de ser afetado pelo real do testemunho do passante”,⁹ que passa do passante aos passadores e depois aos cinco membros do cartel, ou seja, que faz laço.

Concluirei, provisoriamente, a elaboração que esse trabalho de cartel me permitiu trilhar no decorrer desses dois anos, com essa observação de Pascale Leray, também colega de cartel, pois o interesse, a esperança, o rigor, para a análise que representa o passe, é de que ela deve sempre ser recomçada: “Essa renovação é o que participa desse passe sempre a recomçar, para cada analista”.¹⁰

(NT4) Célebre verso extraído da *Art poétique* de Nicolas Boileau (1633-1711), poeta clássico francês que postulava que o verso deveria ser “polido”, visto, revisto, trabalhado e retrabalhado antes de vir a público.

⁷ Rosa Escapa (2012). “Faltar de outro modo ao real” In: *Wunsch* 12, juin 2012, p.63.

(NT6) No original, “*tombe sous le sens*”, expressão que quer indica que algo é evidente.

⁸ Marc Strauss (2012). “Se fazer ouvir, ou a marca de suspensão do singular” In: *Wunsch* 12, juin 2012, pp.51-55.

⁹ Anita Izcovich (2012). “Efeitos de corte” In: *Wunsch* 12, juin 2012, pp.65-67

¹⁰ Pascale Leray (2012). “O passe e o Real” In: *Wunsch* 12, juin 2012, pp.63-65.

CARTEL 2

Nicole BOUSSEYROUX (França)

Marcar o ponto de real

O que busca, através do testemunho dos passadores, o cartel do passe em sua escuta de um passe, com essa parte de inusitado que ele sempre comporta? Proponho-me responder a partir do que Lacan declara em sua “Carta aos italianos”, também intitulada “Nota italiana”, nos *Outros Escritos* (Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 311-315). O cartel do passe busca reconhecer, nos testemunhos dos passadores, uma marca, a marca própria que o analista deve, “por alguma faceta de suas aventuras” carregar. Marca que é aquela da emergência do desejo do analista. Lacan propõe como condição da passagem a analista no tratamento que haja rastro de uma marca que cabe “a seus congêneres “saber” encontrar.

Lacan indica, portanto, que aquele que, em um dado momento de sua análise, escolheu tornar-se analista (esse momento de passagem do analisante ao analista, correspondendo ao que Lacan chama o passe) deve ter em si a marca dessa passagem. A experiência dos cartéis do passe mostra que a marca dessa passagem está longe de ser facilmente percebida na escuta dos passes. Porém, convém precisar o que Lacan entende quando fala dessa marca. Se lermos a “Nota italiana”, percebemos que não poderia se tratar da marca do traço unário da repetição, de que se origina a identificação simbólica. A marca da passagem a analista não é uma marca de identificação, nem tampouco uma marca de gozo. É uma marca que concerne de maneira especial a relação com o saber despojado na experiência de análise que o procedimento do passe permite trazer à luz. Lacan precisa que essa marca “supõe um outro saber, elaborado de antemão, do qual o saber científico forneceu o modelo e pelo qual tem responsabilidade”. É, portanto, a marca de um saber na medida em que leva à consequência. Trata-se de verificar que para fazer analista é necessário que haja um acesso novo, inédito, ao saber, precisamente a um saber do inconsciente que leve em conta o real, nesse caso, o real da castração, e que o leve em conta para responder por ele.

Aquele que carrega essa marca “sabe ser um rebotalho”,¹¹ como o santo, o rebotalho da humanidade. O analista, Lacan prossegue, “se ele criva do rebotalho de que falei, é por ter um vislumbre de que a humanidade se situa pelo feliz-acaso [*bon heur*] (é onde ela está banhada: para ela, só existe o feliz-acaso), e é nisso que ele deve ter circunscrito a causa de seu horror, o dele próprio, destacado do de todos – horror de saber”(p. 313). Sublinhemos esta escolha do verbo¹² *se vanner* [se crivar]. *Vanner* [Crivar] significa, em primeiro lugar, no dicionário Robert, sacudir os grãos de trigo de modo a limpá-los, separando-os da palha, de poeiras e dejetos. *Vanner* pode ser metafórico e tomar o sentido de fazer voar. Há também o verbo [*vanner*] no sentido de dizer porcarias. Mas, é mais no primeiro sentido de [*vanner*] de que se trata na frase de Lacan. Ele fala do analista como o peneirador, o passe sendo a peneira na qual se opera a separação que produz o analista. A ideia já estava na “Proposição de 1967”, na qual se tratava da separação entre o pequeno *a* e o (-□), e na qual o analista é dito vir ao ser do saber. *Sicut palea*, como São Tomás de Aquino fala sobre sua obra ao final de sua vida, como o joio, o estrume. Aliás, na “Nota aos italianos”, Lacan também evoca a *sicut palea* de Tomás. Mas o saber aqui em jogo não é assim tão vão. A metáfora do grão que se peneira indicaria, antes, que se trata de um saber do real não tão

¹¹ (N. do T.) Na edição dos *Outros Escritos* em português, essa frase aparece como “que (...) ele seja rebotalho [*rebut*] da dita (humanidade)” (p. 313). Optou-se por manter a tradução “rebotalho” para *rebut*, mas aponta-se a diferença na formulação entre ser e saber ser.

¹² (N. do T.) No original, “*s’il se vanne du rebut que j’ai dit, c’est bien d’avoir un aperçu de ce que l’humanité se situe du bon heur (c’est où elle baigne : pour elle n’y a que bon heur), et c’est en quoi il doit avoir cerné la cause de son horreur, de sa propre, à lui, détachée de celle de tous, horreur de savoir.*”. Aqui ocorre o emprego verbal “*se vanner*”, que o tradutor dos *Outros Escritos* traduziu por “se criva”, mas tem o sentido mais próximo de “se peneira”, como se faz para limpar os grãos, como, de fato, adota aqui a autora.

vão, que há de se destacar do horror comum a cada um. O analista, se ele se peneira do dejetivo que é comum à humanidade, é por ter circunscrito a causa de seu próprio horror, aquele que lhe é próprio, com relação ao saber da castração.

A marca que o analista deve carregar é, portanto, se seguirmos o que Lacan formula nesse texto, é marca dessa circunscrição da causa, enquanto causa do horror de saber, causa daquilo que a humanidade não deseja saber. Como circunscrever essa causa? Ela só pode ser circunscrita sacudindo-se a peneira do saber falado do inconsciente, peneirando, fazendo voar o que Lacan prefere chamar, por homofonia em francês com o *Unbenuss*, uma mancada [*une bévue*]. Pois é da mancada da alíngua, é de seu insabido que sabe [*son insu que sait*] que o analista deve carregar a marca.

Lembre-mo-nos do título do seminário 24, de 1976-1977, que, sozinho, é todo um programa: *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*. " O que é a "mourré"? A *mourre* é um jogo ainda praticado em certos rincões da Itália e também na região de Nice, que é jogado entre duas pessoas as quais, cada uma e simultaneamente, devem levantar uma mão com um número de dedos esticados, que podem ser de 0 a 5, gritando bem alto um número contido entre 0 e 10. Se um dos dois tiver gritado o número que corresponde ao número de dedos das duas mãos somados, ele terá ganho o ponto. Esse jogo é aparentemente apenas um jogo de azar, pois a pressa, o efeito de sideração do grito, e sobretudo a antecipação da tática do adversário em sua forma de jogar em uma série de lances podem parecer ter uma influência. No entanto, todo cálculo, segundo a teoria dos jogos, mostra-se bem pouco eficaz. É que o jogador, quando se vê ganhador do ponto, é surpreendido por aquilo que sai: o real. É o real que veicula o número na linguagem que levanta alto a mão!

No título do seminário de 1976-1977, há como o anúncio de uma passagem da mancada ao real. O verbo *s'ailer* introduz uma dimensão de salto, de atravessamento, de colocação em ato, e também de agilidade. É o desejo do analista que deve se dar asas [*ails*] para aceder ao real. O analista deve munir-se das asas de um desejo inédito de saber para que insabido que sabe de um erro passe a seu sucesso [*s'ailer d'un désir inédit de savoir pour de l'insu que sait de l'une bévue passer à son succès*], quer dizer, para passar ao ato de marcar o ponto de real.

Isso implica que a marca do analista, aquela que ele carrega na medida em que circunscreveu a causa de seu horror de saber, não é suficiente. É necessário ainda aí um ato. O ato de marcar. Como quando se marca um ponto em um esporte ou em um jogo. Marcar o ponto é da ordem do performativo. É necessário que o analista tenha marcado o ponto de real. Como marcar esse ponto? Como ter uma chance de marcá-lo? Só podemos, para isso, confiar naquilo que não tem mais nenhum alcance de sentido, lá onde a mão não sabe mais em que direção recorrer. Um analista que se ponha asas para a *mourre*, eis o que seria necessário. Um analista capaz de fazer voar o insabido que sabe da mancada [*faire voler l'insu que sait de l'une bévue*], de fazê-lo se peneirar: de reduzi-lo a um dejetivo (uma piada)! Esse termo é muito particular. Fazer ou dizer uma piada é dizer alguma coisa assim não muito agradável, e mesmo desagradável ao outro. Reduzir a mancada do significante a uma porcaria não é a mesma coisa que fazer um *Witz* [um chiste]. É se desobrigar, se desfazer da obrigação de gozar do significante.

Como diz Lacan ao final da "Nota aos italianos" (sic): "Encontrem-me um analista desse gabarito [*taille*]"¹³ Expressão estranha. Trata-se do analista advertido do real, que como a telha pode cair em nossa na cabeça? Claude Léger, em seus sutis "Petits riens"¹⁴ do *Mensuel* nº 54, desvendou-nos: no original, intitulado "Carta a três analistas italianos", Lacan escreve: "Encontrem-me um analista desse tamanho [*taille*], daquele de São Tomás com seu *sicut palea*. Resta que se a telha é um erro, para um dos três destinatários dessa carta, como o explica Claude Léger, ele não caiu tão mal.

Tradução de Paulo Rona

¹³ (N. do T.) No original, "*Trouvez-moi un analyste de cette taille*". O termo "taille" literalmente quer dizer telha. É a essa palavra que se refere a estranheza da autora.

¹⁴ (N. do T.) Literalmente, "pequenos nada".

Carmen GALLANO (Espanha)

Marca de aventura

Ao início do Cartel 2, decidimos que nosso tema de trabalho de cartel poderia ser “O real no passe”, porém em uma segunda volta, derivamos em direção à questão de “como localizar a marca do desejo de saber que faz o analista”. Quiçá essa questão tenha surgido por não haver tido a sorte de encontrar nos testemunhos de passe, até essa data, o que nos levou a proceder a uma nomeação de AE.

Partimos do que Lacan escreveu em 1973, na *Nota Italiana*: não há analista sem que advenha o desejo de saber, de um saber para o qual não está posta uma pretendida humanidade, que não o deseja. E que já por isso, seja o rebotalho da supracitada (humanidade).

Lacan precisa a respeito: “Digo-o desde já: essa é a condição da qual, por alguma faceta de suas aventuras, o analista deve trazer a marca. Cabe a seus congêneres “saber” encontrá-la”.¹⁵

Começarei pela pergunta que fizemos no cartel: “Quem são os congêneres que hão de “saber” encontrar a marca do desejo de saber que faz o analista? Os passadores? Os membros do cartel? Concluímos que são os passadores. Os congêneres, em sua definição, são os da mesma espécie e gênero. E, no dispositivo do passe, a espécie de que se trata, o em comum, é a passagem a analista. Ainda que o passante esteja um passo adiante, por um ato, e o passador não esteja ainda no ato, mas em proximidade e consentimento com ele. “O passador é o passe”, afirmou Lacan.

Os passadores são os que hão de “saber” encontrar a marca. “Saber encontrar” não resulta do saber de seu inconsciente, esvaziando qualquer saber prévio, mas de uma disposição sem cálculo algum, interrogando o passante para extrair “o trigo do joio”.¹⁶

A nosso entender, os membros do passe não são os que encontram a marca, e sim os que hão de “saber” localizá-la, quando os passadores a transmitem ao cartel. É nele que podem autenticar ou não que, no passante, está a marca do desejo de saber que o faz rebotalho da humanidade, e proceder à nomeação de AE. Em muitos casos, ao cartel interrogar os passadores, estes deixam a coisa incerta.

No caso de uma nomeação de AE, em cartel anterior que participei, os passadores, ambos, deixaram a coisa incerta. Ocasão que me esclareceu sobre como essa marca é uma pegada que deixa uma enunciação, emergente na queda de um ser de gozo, em um ato que transformou o sujeito. Queda também em um saber inesperado, que em espanhol costuma-se dizer “cair do telhado”.^(NT)

No caso desse passe, era manifesto o real na experiência do sem sentido e a passagem pelo real, acompanhada de intensa angústia, com efeitos no corpo. No testemunho, a marca do desejo de saber estava presente no estilo de dizer, um justo meio-dizer e na relação nova com o saber: um saber modesto, confrontado a S (barrado), sobre os momentos cruciais, momentos de corte, na *hystorização* da análise.

A marca do desejo de saber não está nos significantes dos ditos, não é enunciável. A marca é uma pegada não barrada, que não se transforma em significante no qual um sujeito possa se reconhecer. Assim, reconhecer uma marca, que como tal não é dizível, é distinto de despejar um S1, um traço, uma traço unário de identificação. A marca é um toque do real, do real

¹⁵ Jacques Lacan. “Nota Italiana”. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: JZEditor, 2003, p. 313

¹⁶ Nicole Bousseyroux comentou em seu texto “Marquer le point de réel” o sentido de “vanner”, termo de Lacan na *Nota Italiana* para dizer “ l’analyste s’il se vanne du rebut que j’ai dit”. Em espanhol traduz-se por “cribar”, o analista faria surgir sua “marca” na “criba” que é o passe. NT: Em francês *vanner*, que a autora traduz para o espanhol *cribar* é, em português, crivar, peneirar.

^(NT) Em espanhol a autora escreveu “*caer del guindo*”. Para manter o sentido de algo inesperado que aconteceu, em português dizemos ‘temos que contar a fulano que o gato caiu do telhado’. Cair da árvore ginjeira, espécie de cerejeira, assemelha-se a expressão ‘cair do telhado’ em português.

de gozo que fura o corpo, em uma separação do Outro: é a que deixa em um ato uma marca inapagável.

Saber que se é um rebotalho do Outro, dos significantes do Outro, do gozo do Outro, é prévio ao desejo de saber e esse saber não é suficiente para que emerja o desejo de saber. Ainda falta a contingência de um ato, que abrirá passagem a esse desejo.

Diria que o momento do passe tem consequências a partir do ato. É o que faz passar ao sujeito de saber-se “rebotalho”, objeto *a* que cai do Outro -desapegado dos oropéis fálicos, que no fantasma do neurótico sustentavam a empresa de “fazer-se ser para o Outro” – a sentir-se, com surpreendente alívio, “desfeito”⁴ da atadura ao objeto *a* pulsional, olhar ou voz, que obturavam o lugar do real e trancavam o acesso à radical falta do Outro.

Em diversos testemunhos de passantes, a não separação do Outro faz-se patente, seja detendo-se nos efeitos de sentido dos significantes que o sujeito carregava na análise, ou inclusive parando no descobrimento de que seu ser de sujeito é um rebotalho, um ser de gozo.

Com Lacan, com seus termos e seu escrito de 1964, “Do *Trieb* de Freud e do desejo do analista”, diria que diversos testemunhos nos fazem saber como os objetos *a*, passando por ganhos e perdas, ocupam o lugar do real. “Desventura do desejo nas sebes do gozo”⁵, drama a descobrir na análise, não por acidente e sim por estrutura, na divisão do sujeito entre gozo e desejo.

Então, fixemo-nos no que Lacan relata precisamente na *Nota Italiana*, de que “por alguma faceta das aventuras”, a marca do desejo de saber há de ser encontrada. Aventuras e desventuras do desejo são experiências de signo oposto. As desventuras do desejo caminham junto às marcas do real traumático, fixam na vida do sujeito o gozo da repetição e são carregadas no sintoma que fratura o fantasma. São elas que o sujeito elabora no transcurso de sua análise até descobrir-se como “rebotalho do gozo do Outro”, nas desventuras do desejo.

Por isso, não confundamos a condição de “saber ser um rebotalho”, de que Lacan fala na *Nota Italiana*. Lacan alega que a passagem a analista é a condição de ser “rebotalho da humanidade”, essa humanidade que está no clamor da verdade e não no desejo de saber. Entendo aqui “humanidade” tanto no sentido do “humano” no sujeito em sua particularidade, como no sentido do “gênero humano” como conjunto. A partir disso, o desejo do analista é singular, e Lacan precisa que somente pode emergir depois de estreitar a “causa do horror do saber”, “a sua própria, separada da de todos”.

Assim, o saber que precede o desejo de saber é um saber, diria, “honoris causa”. O mais distante a um saber “honoris causa” é o que pretenderia a honra ao emblema AE.

Dito isso, detenhamo-nos a interrogar as marcas nas aventuras do analisante que – insistamos nisso – não é a desventura do desejo em se ver, em certos momentos da vida, como rebotalho do Outro.

“Aventura” vem do latim popular *adventura*. “as coisas que hão de vir” ou “o que há de chegar a alguém”. Em espanhol, como em francês, “aventura” tem sentidos similares.⁶ Em resumo, os sentidos são três: o que advém por casualidade ou contingência; sucesso extraordinário que acontece a alguém; o que intervêm ou presencia e também empresa agitada, de resultado incerto, que oferece risco ou perigo, com uma mistura de atração.

Parece-me que estas três acepções situam bem que o desejo de saber se marca em relação com o real em uma *tyche*,⁷ em um encontro inesperado, na agitada empresa de um desejo a risco

⁴ Sempre me chamou a atenção o erro ortográfico que muitos cometem em espanhol, escrevendo a tradução de “*rebut*” como “*deshecho*” e não como “*desecho*” [rebotalho], sem dúvida por soar ao ouvido igual em sua distinta escritura. **NT:** “*Desecho*” também pode ser traduzido como dejetos, mas optamos por rebotalho para manter a tradução que está na *Nota Italiana* na edição em português. A autora está explicando o erro de tradução em função da semelhança entre *desecho* [rebotalho] e *deshecho* [desfeito]. No português não existe essa semelhança.

⁵ Jacques Lacan. “Do *Trieb* de Freud e do desejo do analista”. *Escritos*. Rio de Janeiro: JZEditor, 1998, p. 867.

⁶ N.T. Também é assim no português.

⁷ Escritura adotada em espanhol da pronúncia do termo grego Τύχη, que em francês, no *Seminário 11*, se escreve *tuché*.

próprio, sem garantia do Outro. Aventura de um desejo que se separa e se distingue dos outros, sustentado de forma repetida e falida nos vai-e-vem do fantasma.

Pode haver marca do desejo de saber nas aventuras de uma vida? Não se pode negar que a marca a se reconhecer pelos congêneres, em qualquer caso, no testemunho do passe é a inscrita nas aventuras de uma análise, em sua fase final. E por contingência de um ato, em passagem pelo real, fazendo um corte nas desventuras passadas entre o gozo e o desejo. Assim, é de maneira imprevisível que o real, gira de traumático a causa de desejo, dispondo-se a fazer um saber consequente, ainda que limitado seja esse saber.

Assim, o testemunho do passante poderia ser o desdobramento à construção de um saber edificante, o edifício de um saber, por exemplo, do industrioso saber que o sujeito histórico extrai dos significantes do Outro. Não é um saber costurado de antemão, e sim a inventar sem o inventário do inconsciente já antes explorado.

Lacan alega na *Nota Italiana*, quase ao final, que o saber que importa, a contribuição do analista, há de ser tal “que acessando o real, ele o determina, tanto quanto o saber da ciência”.⁸

Limitando-me aqui a interrogar o que é um saber que “aceda o real”, fixemo-nos que “aceder”⁹ tem dois sentidos: consentir ou ter acesso a algo. São os mesmos em espanhol e em francês, por preceder do latim *accedere*: retirar-se, não resistir. De que se retira o saber que acede ao real, a que resiste? Entendo, como dito anteriormente por Lacan nesse texto, que se retira da humanidade, enquanto amores com a verdade, que não resiste ao furo no saber, um saber que só se aproxima do real. Não é o caso de outros saberes, tantos hoje, que não acedem ao real.

Pois bem, a marca do desejo de saber, que pode encontrar-se no passante, não diz que o saber que o passante oferecerá, que se faça analista nesse desejo inédito, seja um saber que acerte. Pois aproximar-se do real com um saber não é acertar com esse saber, que com esse saber se esteja no certo. Não há saber possível que reabsorva o real, que o reduza e cubra. O real continuará sendo o impossível de saber para o sujeito.

Diria que o a-certo somente se dá no ato, o saber não dá certeza. A certeza do passante, quando se dá nele, é a que o causa em seu desejo de transmissão. Bem diferente de buscar que se o reconheça, a ele, como analista, pois a marca do desejo de saber, ainda que possa levá-la, no passe, ele a desconhece. Não é enunciável e não sairá à luz senão de maneira imprevista, via sua enunciação.

No Cartel 2, vimos que “saber encontrar” a marca singular do analista não é reconhecer que algo no outro é similar em si mesmo e sim que há algo radicalmente diferente de si. Ser da mesma espécie não é ser igualável, não há identificação possível aí. Não é saber encontrar no outro uma diferença absoluta? É certo que a transmissão alcançada de um passe, que o faz autenticável, sempre surpreende.

Tradução de Andréa Brunetto

CARTEL 3

Albert NGUYÊN (França)

Alguns pontos de parada

No término dessa experiência de dois anos no âmbito deste cartel, alguns ensinamentos podem ser extraídos e alguns pontos de parada, que constituem tantas pistas a serem exploradas

⁸ Jacques Lacan. “Nota Italiana”. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: JZEditor, 2003, p. 315.

⁹ N.T. Na tradução da Nota Italiana, edição da Jorge Zahar, está “acessar o real”. Se assim o traduzíssemos aqui, se perderia o sentido que a autora trabalha com o verbo *cedere*.

no futuro, se depreendem dos passes ouvidos, das elaborações dos cartéis e dos avanços epistêmicos oriundos do trabalho de Escola.

As bases sobre as quais o cartel funcionou:

- não é necessário ter terminado sua análise para se apresentar ao passe ou para ser nomeado: distinção do passe e do fim sobre a qual a Escola elaborou.
- o passe se distingue dos momentos de passe, os quais não podem ser sobrepostos estritamente aos momentos cruciais do tratamento.
- a aposta do passe continua sendo a passagem de analisante a analista. Isso não é uma fórmula palavra de ordem, e também não decorre da afirmação vaga que consiste em dizer: algo mudou em minha vida, ou alguma coisa mudou com meus analisantes. A questão do desejo do analista e do ato analítico permanecem sendo as duas bússolas para se orientar quanto ao resultado da análise.
- As elaborações de saber produzidas na Escola: uma interpretação que leve em conta o Real em jogo numa análise, o inconsciente real e o *sinthoma*.
- A passagem da história à *hystória*: como o passante apresenta a transformação de sua relação com a análise, os efeitos analíticos e suas consequências sobre o analisante?
- A transmissão dos passadores: uma observação precisa ser feita: em sua grande maioria, os passadores cumprem seu trabalho com seriedade, todos testemunham de sua implicação no dispositivo, a regra dos dois passadores para cada passe mostrou sua eficácia e sua necessidade. Às vezes, no intervalo entre os testemunhos, pode ser ouvido algo que nenhum dos dois disse explicitamente.

O cartel pôde nomear um AE, sem hesitação, na esteira de um tratamento em que claramente a relação com o Real da passante e o do analista constituíram o cerne da experiência: transformações e estilo estavam ali no momento certo.

Contudo, por diversas vezes os testemunhos apareceram em descompasso com as bases sobre as quais o cartel estabelece sua espera. Várias razões podem ser aí conjecturadas: em particular o momento em que o passante se engaja no procedimento, o que poderíamos chamar de maus usos do procedimento: demanda precipitada, antecipação do fim, saída prematura da análise.

Que algo julgado importante pelo analisante se passe em sua análise não implica necessariamente que ele se apresente ao passe imediatamente (cf. o artigo de Ana Martínez que aponta, com razão, análises que podemos considerar como terminadas, com reais efeitos sobre os sintomas, mas que nem por isso dão lugar à nomeação por razões que ela desenvolveu). Por outro lado, não são tantas as mudanças evocadas, a prova de que a análise teve mais consequências do que esses abalos desencadeiam na vida do analisante e, sobretudo, em sua relação com a psicanálise, com a prática da análise que importam.

Por fim, se a maioria dos testemunhos mostra que os passantes saíram da narração de sua história em proveito da exposição dos momentos cruciais do tratamento, a articulação deles entre si faz aparecer o que se deve chamar precisamente de um déficit. A vontade patente de apreender algo da dimensão da letra e da alíngua como prova do Real ressalta não aquilo que é visado, mas muito mais as modificações pelas quais o fantasma passa ao longo do tratamento, com os remanejamentos correlativos do sintoma: portanto, se pudermos falar de efeitos analíticos com relação à construção do fantasma, sua travessia nem sempre é rastreada e rastreável. Também não ouvimos elaboração convincente da passagem do sintoma et *sinthoma*, e ainda menos as consequências do vislumbre do real sexual. De uma forma bem geral, a questão sexual, apresentada como problemática na entrada da análise, permanece discretamente evocada: resolução, descoberta, efeitos do tratamento, restos das problemáticas de entrada são quase ausentes dos testemunhos ouvidos, quase ausentes da *hystória* subjetiva. O que pensar dos destinos pulsionais?

O cartel, ao longo desses dois anos de funcionamento e vários dentre nós tendo já funcionado no procedimento, espantou-se com a constância desse déficit, sem por isso ter

podido elaborar suas causas. Mas evidentemente os testemunhos parecem seguir a corrente com relação às elaborações teóricas atuais da Escola. Salvo exceção, não foi possível, mesmo no caso em que uma transformação se afirmou, se apreender como se produz a repercussão sobre os pontos essenciais da análise: S(A-barrado), J(A-barrado), transferência à análise.

Algumas questões

A identificação ao sintoma é assim tão simples? Como localizá-la? O que ela muda para o sujeito?

Por que Lacan, depois dessa identificação, chegou a retomar daí a questão da interpretação e, nesse ponto, foi ele levado a propor o poema – cujo Seminário de Escola do ano passado obteve tanto sucesso?

Qual real está em jogo com o poema, se fosse possível resposta ao real religada-a-nada, em outras palavras, não somente o real privado de sentido, suscetível a passar ao saber, ao simbólico?

Como dar conta do encontro do fora do sentido já que no procedimento, trata-se de dar um testemunho que tem sentido? Qual é a relação do sentido com o fora de sentido no final da experiência?

E uma série de outras questões, as quais deve-se justamente dizer que elas entram nisso que chamamos de “as sequências” [*les suites*]:

Quais são os efeitos do esforço doutrinal da Escola sobre o cartel? E sobre os passantes?

O que o passe traz para os passantes? Efeitos do passe sobre os passantes, o desejo de Escola? Efeitos do passe sobre o analisante cuja análise prossegue para além do passe?

O palmo do insabido no final da análise

Não encontramos a tentação de forçar o Real na experiência do passe?

Tudo o que se diz numa análise é simbólico porque é feito de discurso. O que se transmite só pode, portanto, na melhor das hipóteses, indicar uma dimensão de Real a ser deduzida, real inatingível. Parece que há uma dificuldade: por querer mostrar, demonstrar, prender a letra do sintoma como prova do fim pela identificação, pudemos observar que, conseqüentemente, a travessia do fantasma, o próprio fantasma caíam sob o golpe de uma minoração, de uma desvalorização (sabemos que um tempo ao contrário o esforço dos passantes recaía essencialmente sobre a atualização do fantasma, sua construção e sua travessia), e ainda mais sobre as conseqüências.

Ora, a conseqüência primeira da travessia coloca no primeiro plano a Não-relação-sexual, que, precisamente, é o Real com o qual a análise tem de lidar. A questão do Real, do lugar do Real na análise se coloca, e, sem dúvida, também a concepção do Real para o cartel e para os passantes. Há uma concordância geral em dizer que seu modo é impossível. Como se manifesta esse impossível, senão em referencia àquilo que assim o é, verdadeiramente: a vida e a morte, que permanecem irremediavelmente sendo da ordem do insabido?

E, portanto, temos acesso somente àquilo que aí se apresenta como anteparo somente àquilo que se constrói como sintoma. Dos sintomas de entrada ao sintoma do fim, do *sinthoma*-solidão, desse *sinthoma*-exílio, de *sinthoma*-nome, a modalidade de separação com o analista pode transmitir algumas de suas coordenadas: destino da transferência. Seria conveniente, sem dúvida, efetuar um trabalho de Escola importante sobre esse ponto.

Um dado analisante produz, como forma de se despedir, um “até nunca mais” que pontua o fim da análise, ao qual um “deve ser verificado” do analista objeta; um outro permanece no impreciso momento de separação (sobre o que, o que ele se disse, qual afeto?); um outro ainda comunica sua decisão de parar, apresentada como certeza de ter terminado. O que deduzir disso?

Farei a hipótese de que a pluralidade das modalidades de demanda de análise responde no final à experiência da pluralidade dos modos de separação que, no entanto, comportam,

todas, uma dimensão de afeto, uma ressonância de afeto (ódio, respeito, estima, como destinos do amor de transferência) que, aliás, não é obrigatoriamente unívoca, não é imóvel.

O que definitivamente importa não é tanto o afeto (ainda que ele seja útil, oportuno localizá-lo) quanto o que o analisado faz com isso, e o que ele faz com isso não é separado da relação com o Real com a qual ele vai prosseguir sua experiência subjetiva e sua experiência de analista.

E concluir que se a experiência da análise é uma experiência de saber, ela se distingue pelo fato de ser mesmo uma experiência de saber que traz à luz o não saber. O insabido é a chave do fim: a análise termina apenas quando cessa a busca do saber e a busca da verdade. Requer-se ainda que a demanda tenha caído para que o desejo *de* saber encontre seu lugar; o desejo de saber é o nome do insabido, o desejo do analista é o que faz seu lugar no insabido.

O nome da ignorância

Para o passante: desprendido do amor de transferência e da existência do Outro, ele se vê confrontado à sua posição ética: a saber suportar e regular sua conduta a partir do Real sexual (o que Lacan chama de responsabilidade sexual no Seminário “O Sinthoma”), a partir das respostas, das escolhas que o sintoma lhe permite, a saber privilegiar a distinção do Dizer sobre os ditos, a saber que o insabido permanece no comando. O insabido, no fim, enquanto não passa ao saber elaborado, é o nome do qual o analisante padece, é o nome dessa paixão do ser que é a ignorância na entrada, e do qual importa saber se a análise trouxe aí modificações, e quais.

A análise, se ela opera, faz passar de uma ignorância de saída a um insabido que se sabe no fim: “O insabido que sabe”, o insabido que sabe o passante, o que não contravém de forma alguma ao fato de que haja saber sem sujeito. O que o sujeito sabe é que esse saber que lhe escapa é saber de corte e de enodamento: o analista tem na parte, a aposta da análise que se jogam, que deve tomar seu lugar do qual se pode dizer que ele não é o de “comerciante do sentido”, mas muito mais o de “depositário de fora de sentido”, de “cortador de sentidos” ao falso laço imaginário-simbólico.

Os testemunhos de passe nos informam sobre a forma pela qual o falso nó se constituiu no decorrer da história do sujeito, mas é preciso justamente admitir que a nova amarração de fim, que não pode ser feita sem que o Real venha ao seu lugar (o que, neste caso, restabelece o desejo do lugar de onde ele foi expulso, cf. “Les Non Dupes errent”), com seus efeitos sobre o fantasma e, por conseguinte, sobre o objeto *a*, cujo destino deve poder ser ouvido, essa nova amarração só é raramente apreendida pelo cartel. Aí ainda, é preciso destacar o déficit que reside, mais do que na ausência de encontros com o Real, na articulação do encontro ao resto do material da análise. Parece-me que o grande número de não nomeações constitui um indício disso, indício de um déficit que o trabalho de Escola pode, sem dúvida, melhorar.

A passagem do analista à análise

Uma análise, para além dos problemas que ela resolve, traduz o caminho percorrido para atualizar progressivamente a transferência para a análise. Essa transferência se revela simultaneamente na construção, por parte do sujeito, dessa relação com a radicalidade da análise enquanto experiência subjetiva, enquanto o saber analítico se separa dos outros saberes, enquanto o ato analítico disso define não a unicidade, mas a unaridade: *Yad’lum* [Há um] analítico.

Uma análise é também a experiência que consiste a dar-se conta da tarefa que incumbe a qualquer um que se engaja aí diante da subversão sempre em funcionamento que ela produz, para o sujeito certamente, mas também no lugar do laço social, no lugar dos discursos.

Quem pode duvidar que seja necessário uma Escola para desenhar, extrair, afirmar essa em-potência do discurso psicanalítico?

Mas não está aí a questão, mesmo se uma Escola se esforça por isso: em razão da experiência do passe, parece-me essencial que a distância que uma análise realiza no fim e para além do fim, em suas sequências, da transferência sobre o analista à transferência sobre a análise.

Essa distância pode ser registrada, sem dúvida, como conclusão, mas também em momentos precisos do tratamento, com a condição expressa de que o analisante pela psicanálise, pelo inconsciente, tenha sido mordido. Essa mordida entra em ressonância com a forma pela qual a tomada da linguagem o afetou.

Conclusão

Não gostaria que essa evidenciação do que se poderia ler como inflação dos déficits desvalorize a experiência, tão rica em outros aspectos, mas, em contrapartida, fazer valer o que se apresenta como pontos de parada da experiência do passe: parada do destino da transferência, parada da relação com o Real, parada da relação com a psicanálise. Primeiramente, porque as paradas ensinam e que, por outro lado, uma nomeação foi possível, justamente por ter mostrado a validade e o valor do ato analítico, cujas opções “para o fora de sentido”, claras no sentido de indicar o impossível, permitiram o abalo esperado.

Termino com um lembrete que pode funcionar como vetor, bússola:

“A análise é isso. É a resposta a um enigma, e uma resposta, convém inclusive dizê-lo a partir desse exemplo, completamente besta. É justamente por isso que é preciso conservar a corda. Quero dizer corremos o risco de tartamudear, se não soubermos onde a corda termina, ou seja, no nó da não relação sexual”.¹⁷

Tradução de Cícero Oliveira

Ana MARTINEZ WESTERHAUSEN (Espanha)

A propósito das não nomeações

Creio que se pode dizer de um modo geral ou quase geral, que os Cartéis do passe atuais de nossa Escola debatem em maior ou menor grau sobre todos os testemunhos escutados, para além de que resultem nomeados ou não.

A minha experiência é que, em cada passe, no tempo de ouvir os dois passadores, produz-se imediatamente um sentimento próprio em cada membro do Cartel, sobre se o testemunho pode ser uma nomeação ou não. Então necessariamente instalado um segundo tempo, em que se contrasta a própria apreciação com a dos outros membros do Cartel, verifica-se se há ou não concordância da maioria quanto à possibilidade de nomeação ou não. E é nesse segundo tempo, que se desenvolvem as observações e reflexões que fundamentam o sentimento inicial de cada um. Neste ponto, introduzo a observação de que, às vezes, o sentimento de uma possível nomeação varia totalmente de um passador a outro, o que serve para lembrar a importância da função do passador. E eu acrescentaria que, em caso de diferenças substanciais entre os relatados pelos dois passadores, prevalece a transmissão mais crível para os membros do Cartel.

Em nosso Cartel se produziu uma nomeação de AE (a que se publicou no Wunsch 12), então eu acho que o trabalho de Cartel pode continuar agora com reflexões sobre as lições a serem aprendidas com os casos de não-nomeações, ensinamentos relativos não só aos pontos cruciais que são a razão de ser do passe, particularmente a passagem de analisando a analista, que envolve o surgimento do desejo de analista e a eficácia do ato analítico, mas também lições sobre a própria experiência mesma do passe e seu dispositivo, para, assim, ser capaz de cumprir o trabalho previsto por Lacan na “Proposição de 9 de outubro de 1967 ...”: “Inútil indicar que esta proposição implica uma acumulação da experiência, seu apanhado e elaboração, uma organização em série de sua variedade, uma anotação de seus graus (IF-EPFCL Directory, 2010-2012, edição em espanhol, p 316).

¹⁷ Jacques Lacan (1975-1976). *O Seminário – livro 23 – O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p.70.

Tentativa de aproximação ao desejo de analista na experiência do passe

Se no testemunho do passe que foi nomeado por este Cartel, se deu de entrada o sentimento partilhado pela maioria ou por todos os membros do Cartel de que esse passante poderia ser nomeado, em relação aos que não foram nomeados caberia destacar dois tipos de reação imediata. Por um lado, o tipo caracterizado por uma convergência no sentimento imediato de que o testemunho escutado não era suscetível à nomeação de AE, em razão de processos analíticos de curso insuficiente, o que, no entanto, não constituiu um obstáculo para o que tinha sido escutado e que teve interesse para o Cartel a partir de outros pontos de vista da análise e do passe. Mas por outro lado, o Cartel poderia se deparar com testemunhos de acontecimentos analíticos longos e bem estruturados, mas ainda não convincentes para uma nomeação. Eu acho que este segundo tipo de testemunho requer que o Cartel possa dizer algo sobre a experiência de ser convencido por um testemunho de passe, do qual sem dúvida se pode dizer que é um final de análise. E a importância de refletir sobre o que pode ser circunscrita como a “zona de convencimento” do Cartel é fundamental, porque acredito que se refere diretamente ao desejo de analista. O que aponto corresponde ao que Nicole Bousseyroux destaca em seu texto “Marcar o ponto de real” (ver Wunsch 13), quando diz - com base na “Nota italiana” de Jacques Lacan - que o que busca o Cartel do passe é reconhecer a marca da emergência do desejo de analista, marca que corresponde a saber encontrar seus congêneres. E acrescenta no seu desenvolvimento, que Lacan nos orienta sobre essa marca, quando precisa que só pode acontecer por um lado para aqueles cuja experiência analítica tenha chegado ao ponto de confrontação com a causa de seu próprio horror de saber, sempre singular, e por outro tenha sido capaz de fazer algo com isso, “marcar o ponto de real”, quer dizer que implica também a dimensão do ato.

Clínica dos testemunhos

Passarei então a refletir sobre a variedade dos testemunhos que não resultaram em nomeações, apoiando-me em dois dos testemunhos escutados, dois classificados no segundo tipo a que me referi, ou seja, passantes com longos e exaustivos acontecimentos analíticos, que sem dúvida, alcançaram um final.

Em relação ao primeiro destes, indico de entrada que a exposição dos dois passadores coincidiu no fundamental, o que sugere que o testemunho prestado pelo passante foi consistente, pouco aberto a efeitos de mal-entendido ou sem-sentido. Tal testemunho permitia seguir com nitidez, talvez demasiado acentuada, o trabalho analítico, apresentado a partir do sintoma, um sintoma perfeitamente recortado no momento da entrada em análise. Em articulação com o sintoma foram transmitidos no testemunho, de forma pormenorizada e precisa, as coordenadas fantasmáticas e o gozo enodado ao fantasma. Pode apreciar também como o sintoma e o fantasma se jogaram na transferência e como o analisante acabou sem dúvida resolvendo o seu vínculo transferencial por meio de uma separação do Outro-analista, graças ao ganho de saber obtido sobre seu sintoma e fantasma e pela emergência de uma capacidade de suporta-lo que surgiu durante o trabalho analítico. O saber sobre o seu gozo lhe permitiu um reconhecimento e aceitação de seu modo de gozo, mas se pode deduzir do escutado que o analisante optou por não aventurar-se no terreno desconhecido e, portanto, arriscado de uma modificação real do mesmo. Então eu acho que se pode falar de identificação ao sintoma e de um saber fazer com ele, mas sem chegar às últimas consequências possíveis do próprio ser de gozo, o que, por outro lado, não é nenhuma obrigação. O analisante soube autorizar-se a colocar um limite para o seu trabalho analítico e sustentar a sua escolha em relação ao Outro, quer dizer, pôde separar-se. Por outro lado o saber adquirido repercutiu em sua prática analítica. Poder-se-ia dizer que talvez o analisante finalizou reconhecendo-se e autorizando-se a ser quem é.

Por isso, considero que se pode falar de uma análise que tenha chegado ao seu fim, e com a satisfação do lado do sujeito, que chegou a uma mudança de posição subjetiva, o que levou a uma melhora substancial no seu modo de viver.

É suficiente um percurso analítico deste tipo para pronunciar-se por uma nomeação?

Em minha opinião este testemunho ilustra bem sobre os benefícios que uma análise pode levar a um sujeito, tanto em sua vida pessoal, como ganho de saber sobre o funcionamento psíquico de si próprio e dos outros, bem como no nível de sua práxis analítica. Mas atrevo-me a dizer que não pudemos - e falo aqui em nome próprio - captar no escutado aspectos relativos a três níveis de questões: em primeiro lugar a experiência do impossível que envolve o encontro com o real, ou seja, o encontro com o sem-sentido ou *deser*, em segundo lugar um dizer próprio para além dos ditos e, em terceiro lugar uma dimensão aberta a interrogações sobre a experiência analítica e ao ato analítico mesmos.

Em suma, eu acho que se poderia concluir a partir deste testemunho de que se trata de um final de análise em que não pudemos detectar a marca do analista, que isso não passou.

O outro testemunho também tem um longo e exaustivo percurso de análise, sustentado por vários analistas, e também aqui não houve discrepâncias significativas entre as contribuições dos dois passadores. A diferença do testemunho anterior, é que aqui nos encontramos com uma entrada em análise pelo lado do fantasma. O testemunho é também aqui muito concreto, e se podem identificar com precisão os significantes mestres que marcaram a sua vida, a sua articulação com a transferência analítica e como ele conseguiu se desapegar deles. Somos assim confrontados com uma *hystorização* detalhada, que revelou mudanças de alto custo que o sujeito assumiu em sua vida pessoal, como consequência do avanço da descoberta da verdade na sua tarefa analisante. Aqui pude recolher, como no testemunho anterior, o ganho de saber sobre seu inconsciente e seu gozo conquistado pelo analisante, e também os efeitos da separação do Outro e de auto-autorização que dele resultaram.

Também se pode constatar o estreito e intenso vínculo do analisante com a própria psicanálise. Considerarei que, neste caso, nos encontrávamos novamente diante de uma trajetória analítica tinha chegado a um fim de análise, o que não implicou, contudo, que o Cartel fora convencido a decidir por uma nomeação.

O que se pode dizer, neste caso, sobre a afirmação de não convencimento?

Evidentemente, eu só posso falar a partir de minha própria experiência a esse respeito, e o que posso dizer é que, a impressão geral que me causou a história deste testemunho é que nele ressoavam claramente os ganhos obtidos nos vários níveis de experiência analítica, não sem um pagamento correspondente de dor e perdas como eu já disse, mas por outro lado não se ouvia o vazio, a solidão, o silêncio, incluído o desamparo desorientado, que acompanham o encontro com o impossível real, e ao horror de saber. É verdade que a dimensão de enigma apareceu ao final da análise, mas não pareceu que se extraíram suficientemente suas consequências. Nem pudemos escutar um dizer próprio, inédito, entre os ditos expostos.

Como já foi dito muitas vezes em relação à experiência do passe, esta afirmação não supõe que a dimensão que o Cartel não pôde ou não soube escutar no testemunho, não ocorreu na experiência da análise do passante, o que nós dizemos apenas é que nessa transmissão de passe, se houve, não passou, sem poder dizer mais sobre a responsabilidade desse não passe. Mas, como a experiência aconteceu no dispositivo do passe desses dois testemunhos a que me refiro, só posso dizer que entrariam na categoria das análises finalizadas em que não se pôde captar a presença do desejo de analista.

Gostaria de acrescentar, ainda, que nas duas experiências a que me referi, se confirma o que disse Lacan em relação à experiência do passe: “Posso assegurar-lhes, e eu acho que um júri de confirmação, ninguém, nem sequer Lecraire, me desmentirá que o passe foi para alguns uma experiência surpreendente” (Sobre a experiência do passe, Ornicar? 1, Pretel, página 39).

O que então deduzir dos exemplos expostos no que diz respeito ao desejo de analista? Enquanto o desejo do analista não é algo articulável em palavras, como não o é nenhum desejo, só podemos apontar para ele por meio dos efeitos e dos afetos, via que inclui a consideração do ato analítico. Em *Wunsch* 12 nosso Cartel desenvolveu a propósito do caso de nomeação de AE que se produziu entre outros aspectos o ponto da dimensão temporal, que se joga na demanda de passe, o que Albert Nguyễn batizou de “o momento oportuno” (*Wunsch* 12, pp.131-132), o

momento justo, que a mim me pareceu que pode “constituir um índice orientador sobre o ato do analista e isso é algo que o Cartel pode captar” (*Wunsch* 12, p.136). Então nós nos referimos ao “quando” da demanda de passe, como ponta por onde apreender algo do desejo do analista através do ato.

Talvez agora, podemos nos referir ao “por que” e ao “como” da demanda de passe, com o mesmo fim, aproximação do desejo de analista.

Sobre a demanda de passe nos passantes que resultam não nomeados

Que razões invocam os passantes para sustentar sua demanda de passe? Para trabalhar este ponto, vamos continuar com a referência aos dois testemunhos de que vimos falando.

No primeiro caso, a razão exposta para apresentar-se ao passe foi um desejo de transmitir sua experiência, mais concretamente como se produziu o final de análise e o resto da análise. O passante também acreditava que o passe era um modo de relançar a sua relação com a psicanálise.

Enquanto que no segundo caso, teve incidência da constatação dos efeitos da experiência do passe em outros colegas, o que gerou nele entusiasmo e sentimento de compromisso, e junto com o sentimento acrescentou que tinha algo a transmitir, particularmente o vivido na última fase de sua análise.

Parece também necessário ter em conta, na hora de acumular as experiências de passe para refletir a partir delas e extrair seus ensinamentos, a coorte de formações do inconsciente, particularmente sonhos e atos falhos que se produzem antes, durante e depois de dar o testemunho, que se constatam em todos os níveis, do passante, do passador, e inclusive os membros do Cartel do passe (ver textos de Mario Brito e Marcelo Mazzucca em *Wunsch* 12). Também ocorreram (formações do inconsciente) em um dos casos a que me refiro, mas não vou me deter nele por motivos de discricção.

Como tomar estas manifestações do inconsciente relacionadas com a experiência do passe? Supõe-se que não se trataria de interpretá-las, dado que a experiência do passe não é uma continuação da análise, mas considero que podem ser tomados como índices da implicação real do passante no processo de passe, no sentido de que o passo dado de pedir o passe alcança o passante no nível do inconsciente, que eu acredito que é uma garantia de que o testemunho dado surge do não-saber, mais do que de um saber constituído.

Quando um passante diz que quer fazer o passe, porque quer transmitir algo do que lhe aconteceu, são possíveis, pelo menos duas posições subjetivas, não discerníveis entre si pela simples enunciação dessa demanda. Por um lado, pode tratar-se de uma experiência de passe em respeito à qual o passante tenha um sentimento de muita certeza que consegue encontrar um caminho de transmissão singular e consegue fazer-se ouvir pelo Cartel, que só precisa acusar o recebimento. Mas por outro lado pode tratar-se de um desejo de transmitir a própria experiência analítica, sem ter a sensação de certeza prévia, mas no espírito de provar, tentar, que algo passe, deixando nas mãos do Cartel a decisão sobre se houve passe ou não.

Quer dizer que o que faria a diferença entre estes dois métodos seria o sentimento de certeza em relação a haver atravessado o passe na própria experiência analítica. A hipótese que se deduz desta abordagem seria que a certeza de ter atravessado o passe na própria experiência analítica e o êxito em sua transmissão, sancionado pela nomeação de AE, constituiriam outra ponta por onde apreender o desejo de analista.

Então, aqui estão algumas reflexões, frutos da experiência no Cartel do passe, reflexões que sem dúvida continuarão, de uma forma ou de outra.

Tradução de Gracia Azevedo

Patricia DAHAN (França)

O que conduz o cartel a se pronunciar para uma nomeação

Na esteira do que disse Ana Martinez, gostaria de continuar a reflexão sobre os testemunhos que dão conta de uma longa análise e cujos efeitos são incontestáveis. Alguns desses testemunhos permitem concluir a uma nomeação, outros não.

Na medida em que nosso cartel pôde nomear uma A.E., gostaria de tentar circunscrever a nuance entre nomeação e não nomeação. A nuance entre o que pode trazer, como alívio e melhoramentos na vida, uma análise levada bem longe e o efeito de transformação ao qual um passante pode testemunhar.

A diferença parece tênue, um passante pode falar de sua relação com a falta, dos efeitos de separação obtidos graças à sua análise, de sua identificação ao sintoma, mas isso não é suficiente para permitir ao cartel concluir a uma nomeação. O desejo do analista também não pode se confundir com um novo investimento na Escola ou o desejo de ser analista no final da análise. Em minha opinião, o desejo do analista pode ser deduzido da experiência que o passante fez em sua análise do desejo de seu próprio analista, isto é, em que o desejo de seu analista permitiu que para ele tenha havido análise. O que entendo por desejo de seu analista é aquilo que em seu ato, em sua prática, permitiu que tenha havido análise.

Gostaria também de dizer que o cartel não tem critério preestabelecido quando escuta um testemunho: é somente no *a posteriori* [*après coup*] que ele pode dizer o que lhe permitiu estar convencido, ou não do fato de que tenha havido, ou não, eu não diria análise, já que, como Ana Martinez demonstrou bem, incontestavelmente para muitos passantes a análise teve um efeito certo, mas que tenha havido passagem à analista.

É, portanto, no *a posteriori* dessa experiência de dois anos de CIG, que vou me apoiar sobre duas noções da teoria de Lacan para tentar circunscrever o que pode conduzir o cartel a localizar a passagem à analista.

Essas duas noções às quais me refiro são o desejo do analista e a identificação ao sintoma. Mas são noções que não se transmitem diretamente nos testemunhos dos passantes, mas que só podem ser deduzidas, isto é, deduzidas daquilo que conhecemos da teoria de Lacan. “Desejo de analista” e “identificação ao sintoma” são termos de Lacan que não podem ser empregados fora do contexto teórico no qual Lacan os construiu.

É por isso que tenho vontade de dizer que se trata de algo diferente do desejo de identificação propriamente dito, algo diferente do que o que se pode entender por desejo na linguagem corrente ou identificação na teoria psicanalítica em geral.

Utiliza-se frequentemente essas expressões de Lacan: desejo do analista ou identificação ao sintoma; ora, por trás dessas formulas há algo bem preciso na teoria de Lacan, precisões as quais gostaria de retomar.

O desejo do analista, evidentemente, não pode se expressar enquanto tal, ele é a consequência da experiência de sua própria análise. O que implica bem mais do que seu desejo de analista, o passante pode testemunhar da relação analisante/analista e como nesse tratamento o desejo de seu próprio analista, sua forma de operar, teve um efeito de transformação para o analisante. É daquilo que a passante que nomeamos testemunhou quando, como forma de resposta à sua demanda, o analista procedeu de outra forma, por uma não resposta.

Retomo, portanto, a primeira fórmula a qual gostaria de discutir aqui. Quando se fala de desejo do analista é preciso, primeiramente, restituí-lo no contexto em que Lacan o empregou pela primeira vez em “A direção do tratamento”. Ele utiliza essa expressão para opô-la à de contratransferência em sua crítica aos pós-freudianos.

Seu objetivo sendo o de mostrar que a análise não é uma relação intersubjetiva, mas que, em sua prática, o analista deve levar em conta a estrutura do inconsciente para adaptar a ele sua técnica, Lacan salienta, por outro lado, que em sua prática o analista deve sempre estar numa dialética entre teoria e experiência clínica.

O papel do analista não é o de responder à demanda do analisante, mas de fazer emergir aquilo para o que se orienta o desejo do analisante e o destacar do desejo do outro.

Não me parece inútil retomar o texto “A direção do tratamento” para ver como Lacan elaborou o conceito de transferência na análise e a noção de “desejo do analista” apoiando-se na teoria da constituição do sujeito.

Para definir o sujeito, para mostrar como ele se constitui, Lacan faz referência a duas operações a que chama de alienação e separação. O sujeito, a partir do momento em que entra na linguagem, é separado de uma parte de si mesmo na medida em que ele não tem diretamente acesso ao seu inconsciente e ele se depara com a noção de falta. É em cima dessa constatação que Lacan define os dois tempos da constituição do sujeito. Num primeiro tempo, o sujeito aceita um primeiro significante, que vai lhe permitir acessar a estrutura da linguagem. A partir desse momento ele existe como sujeito, mas simultaneamente ele não pode mais apreender a si mesmo, uma parte dele próprio que lhe escapa, é o tempo da alienação.

Num segundo tempo, chamado separação, o sujeito, estando separado do Outro, pode reconhecer o Outro como um outro, a quem ele pode dirigir sua demanda, mas ao preço de admitir uma falta, ao mesmo tempo, em si mesmo e no Outro. O que faz Lacan dizer que a relação entre o sujeito e o outro é um encontro de duas faltas.

É nesse tempo da separação que Lacan se apóia para adaptar aí sua concepção da transferência: reconhecendo o Outro como Outro, o sujeito pode expressar um desejo.

Mas Lacan ressalta que, quando ele exprime seu desejo sob a forma de uma demanda, diante dele, no lugar de encontrar uma resposta que poderia preencher seu desejo, a criança vai encontrar a falta do Outro, falta que, para ela, faz enigma.

É nessa dupla falta, no encontro do desejo do sujeito com o desejo do Outro que há, para o sujeito, algo que cria um profundo mal-estar (*Hilflosigkeit*). O sujeito vai procurar preencher esse mal estar com seu fantasma.

No paralelo entre a relação do sujeito com o Outro e a relação analisante/analista, o que há de específico no contexto da análise é que o analista fez uma análise, e que por isso sabe dar um lugar para sua própria falta.

É nesse sentido que a relação entre analisante e analista é singular, pois o confronto entre o desejo do analista e o desejo do analisante permite ao analisante expressar seu próprio desejo. O analista, por isso, confronta o sujeito à questão: “O que você quer?”.

É, portanto, na forma de conduzir o tratamento que se expressa o desejo do analista, isto é, o que em seu ato tem chances de produzir um efeito de transformação para o analisante.

Retomo a outra fórmula de Lacan, que gostaria de comentar aqui: a identificação ao sintoma. Do que se trata quando falamos de se identificar com o seu sintoma no final da análise?

Para começar, proponho a vocês interrogar essa frase extraída do seminário *L'insu que sait de l'une bévue...*: “Em que consiste esse rastreamento que é a análise? Serpa que seria, ou não, se identificar, se identificar tomando suas garantias, uma espécie de distância, se identificar ao seu sintoma?”.¹⁸ Se lermos atentamente a passagem associada a essa citação, constatamos que o termo identificação empregado por Lacan nesse seminário está mais ligado à noção de identidade que se pode aproximar da singularidade e do estilo próprio a cada um do que à noção de identificação, tal como ela é empregada correntemente, que consiste em tomar emprestado do Outro certos traços distintivos.

¹⁸ Jacques Lacan. *Le Séminaire L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*, inédito, lição de 16/11/1976.

No final da análise, a identificação ao sintoma tomando uma garantia, uma certa distância, como diz Lacan em *L'insu que sait...* consiste em substituir a fusão com o sintoma por um saber fazer com o sintoma.

Lacan confirma essa garantia de distanciamento pela identificação ao sintoma pela definição que dá dessa fórmula. Ele precisa que se identificar com seu sintoma é conhecê-lo, “saber se virar com ele”.

Assim, identificar-se com o sintoma é poder reconhecê-lo, é reconhecer que o temos, não como uma fatalidade, que consistiria a dizer “sou assim e não posso fazer nada”. Lacan precisa: “Conhecer quer dizer saber fazer com seu sintoma, saber se virar com ele, saber manipulá-lo, saber, isso tem algo que corresponde àquilo a que o homem faz com sua imagem, é imaginar a forma pela qual nos viramos com nosso sintoma”.¹⁹

O analisante pode se reconhecer nesse sintoma, ele é nomeado por ele, o que não quer dizer que ele seja esse sintoma, mas que reconhece que o tem para saber lidar com ele.

Assim como para o ideal do casal como fusão, como completude, Lacan opõe um saber lidar [*savoir y faire*] com o outro sexo que leva em conta o impossível da relação entre os sexos, à fusão com o sintoma, Lacan opõe a identificação ao sintoma. O final da análise consiste em substituir a fusão com o sintoma a um saber fazer com o sintoma, saber desembaraçá-lo.

Nas voltas e desvios da análise, que pode ter durado diversos anos, o analisante girou em volta de seu horror de saber. O reconhecimento é acompanhado pela descoberta de algo que estava ali e que não se queria ver, esse sintoma com o qual nos fundimos pode ser distanciado.

A consequência desse distanciamento é um efeito de transformação do qual o passante testemunha e que se percebe na expressão de um estilo, de uma identidade própria.

Para resumir, portanto, quando se fala de desejo do analista, ele deve ser mais aproximado daquilo que se joga no nível do ato clínico, levando em conta a estrutura do inconsciente, do que do desejo do analista. O passante que experiencia efeitos desse ato em sua própria análise está apto a sustentar esse desejo do analista, sabendo em seu ato levar em conta a falta. A identificação ao sintoma é aquilo de que o passante pode testemunhar e que pode ser percebido pelo cartel como um distanciamento de seu sintoma. Na medida em que o passante reconhece que ele tem esse sintoma como aquilo que faz sua identidade ou seu estilo, mas não se funde mais com seu sintoma no nível do gozo.

Duas coisas que o cartel pode discernir no testemunho do passante a partir daquilo que ele transmitiu da experiência de seu tratamento.

Tradução de Cícero Oliveira

Mario BRITO (Venezuela)

O cartel do passe, não é um cartel como os outros

Não sei, de antemão, se vou chamar este escrito de réplica ao trabalho de nosso cartel. Possivelmente vou repetir algo, talvez tentar responder ou afirmar aspectos que têm sido trabalhados sobre a não nomeação, ou talvez possa rebater alguns pontos sobre a função de um cartel do passe; no entanto, o que desejo é confessar uma experiência, uma possibilidade de declarar e reconhecer que o cartel do passe não é um cartel como os outros.

Sabemos que um cartel é um dispositivo de trabalho original proposto por Lacan, no qual participam tanto os que praticam a psicanálise quanto qualquer outro que deseje estudar algo sobre a psicanálise ou que faça referência à psicanálise. Invenção lacaniana que tem efeitos e

¹⁹ *Ibid.*, Lição de 14/12/1976.

move afetos em um grupo, cuja criação abre a possibilidade para que cada membro eleja um traço, um tema que seja em comum com a existência do dito cartel, do qual se obterá um produto singular, um por membro e não coletivo. Além disso, no que diz respeito à sua constituição, pois sabemos que em um cartel as pessoas “se elegem entre si”, motivadas por um projeto comum de trabalho.

Em contrapartida, a própria constituição do CIG, e em seguida a dos cartéis do passe, responde mais a um regulamento institucional e a certos acordos internos no momento de constituir os cartéis; por conseguinte, já a partir do momento da composição, nos vemos com certas diferenças. No meu caso, a experiência inicial de trabalhar com pessoas a quem se conhecia pouco ou quase nada, somando-se a isso os impasses da língua, foi algo difícil a princípio; porém, depois desses primeiros tropeços, o desejo depositado no trabalho do cartel permite superar esses obstáculos e um afeto com matizes de entusiasmo deixa-se insinuar nos encontros.

Por outro lado, sabemos que a criação de um cartel é uma abertura ao novo, é uma ocasião para que cada membro eleja um tema de trabalho que está em conexão com o título do cartel, e o trabalho efetuado pelo cartel não é sinônimo de um produto coletivo ou de um resumo sobre um saber. Trata-se de uma produção singular, um produto de cada um, em função do momento e de sua relação com a psicanálise.

Neste aspecto, ainda que no trabalho do cartel do passe não se descartem as contribuições individuais, algo que, aliás, é esperado, não há dúvida de que o projeto de trabalho em si consiste em um produto de elaboração mais coletiva do que individual, no qual a função do cartel está previamente estabelecida e consiste em verificar que “há analista”, como Lacan comenta na “Nota italiana”.

Neste sentido, os cartéis do passe debatem, discutem e argumentam sobre todos os testemunhos escutados, resultando eles em nomeação ou não, e considero que isto é possível porque o que anima o trabalho do cartel não está vinculado à nomeação, mas àquilo que o cartel sempre espera ser ensinado ao escutar os testemunhos de cada passador. Cada testemunho traz “um traço singular” que acarreta um trabalho de cartel no qual se constrói um saber que implica, além disso, a adesão do grupo.

Escuta-se a partir de uma posição de total ignorância; como na clínica, cada caso é um caso novo e, por isso, o trabalho do cartel do passe, ainda que se rotule sua função como sendo de julgamento, é mais um trabalho de exploração e de investigação. É um espaço de oportunidade para investigar sobre o inconsciente, sobre como se deu essa virada de analisante a analista, os efeitos da análise e o fim de análise. Portanto, considero que o trabalho do Cartel do Passe acarreta a produção de um saber que permite o avanço da psicanálise, graças aos ensinamentos que podem ser extraídos daqueles que transitaram no dispositivo (nomeados ou não).

Particularmente, considero que o trabalho no cartel do passe é uma experiência totalmente incomparável e próxima ao trabalho clínico, embora não se vá ao cartel fazer clínica, pois o que se trata de escutar ali é um relato, que implica uma categoria de escrita sobre as consequências que pôde ter o discurso analítico na vida de cada um dos passantes.

Em relação ao que foi anteriormente mencionado, reconheço que os testemunhos de cada um dos passantes permitiram deixar ver os efeitos que, em cada um, teve a análise, enlaçado a sua história de sofrimento sintomática. Não obstante, ainda que isto não tenha sido suficiente para se pronunciar a uma nomeação, eles permitiram, sim, mostrar um ensino sobre a satisfação que, para cada um, teve a vontade de saber sobre seu inconsciente e seu gozo, assim como os efeitos de separação do Outro, conseguindo alcançar uma mudança de posição subjetiva que lhe permite uma melhora transcendental em sua forma de viver.

Em outro contexto, com relação ao próprio dispositivo do passe, foi possível apreciar que o fato de transitar por ele mesmo não deixa de ser, para o passante, uma vivência que comove, mas também para os passadores e, neste aspecto, com relação aos passadores, foi de meu interesse observar como somente aqueles que estavam nesse momento oportuno, sensíveis

a receber os efeitos do testemunho do passante, foram os que conseguiram fazer passar e transmitir ao que era possível fora dos ditos e sem necessidade de retornasse em forma de escrita.

Por último, acredito que Ana faz constar em seu trabalho algo que diz respeito aos tempos de trabalho em um Cartel do Passe, e é algo que gostaria de compartilhar um pouco mais, a partir do que foi essa experiência.

Em particular, em cada um dos encontros em que se escutaram um ou vários testemunhos, apresentaram-se vários tempos. O primeiro tempo é o de escuta, como ela comenta bem. Cada passador tenta, com o que tem, conseguir transmitir o que recebeu. Nesse tempo, porém, não há um cartel passivo, mas um cartel que escuta ativamente para poder abrir um espaço ao tempo de exploração, no qual se fazem perguntas que nascem do momento e que permitem esclarecer o que foi escutado.

Depois de ter escutado os passadores, vem o momento de investigar sobre o que foi recebido. O cartel debate, notas são relidas, perguntas são feitas. Começa um tempo de compreender, e esse é um tempo intersubjetivo, sem pressas nem precipitações.

Prisioneiros do sofisma, é então que o cartel consegue concluir. Em nosso cartel não houve impasses no momento de concluir; não obstante, permitimo-nos perguntar sobre como transmitir tal conclusão, e passamos muito tempo a construir a resposta e decidir sobre como comunicar a decisão do cartel ao passante.

Na elaboração da resposta do cartel para o passante vejo um tempo precioso, como um trabalho artesanal, porque sua construção, uma por uma, não repetível, singular, permite valorizar a confiança que o passante colocou no dispositivo.

Finalmente, vem um tempo particular, no qual se trabalha sozinho com o que foi recolhido e num lugar diferente daquele do momento de estar no cartel; trabalha-se a partir do ensino recebido e o que ele permite transmitir.

Para concluir, quero dizer que, definitivamente, o Cartel do Passe é uma singularidade, que em si mesmo amarra o clínico, o epistêmico e o político que compõem uma Escola de Psicanálise lacaniana, sendo a única garantia que permite revelar a formação do analista.

Tradução de Cícero Oliveira e Luis Guilherme Coelho Mola

Vocês leram *Wunsch 12*?

Mario BRITO AFONSO (Venezuela)

A formação do analista: o lugar de quem escuta

Nossa edição anterior, *Wunsch 12*, converge em um papel crucial, ponto nevrálgico de nossa Escola e preocupa-se com a formação do analista.

A formação dos psicanalistas é sempre uma questão complicada, que é o cerne da transmissão da psicanálise. A ideia que se tenha dos meios e instrumentos que conduzem a essa formação, resultaram em uma determinada concepção da psicanálise.

Portanto, o trabalho apresentado em nosso Terceiro Encontro Internacional e as intervenções que tiveram lugar na última Jornada da Escola sob o título “A Escola posta à prova do Passe” nos coloca no foco mesmo da Escola e é responder a “O que é uma psicanálise?” E se Lacan responde que: “A psicanálise é a cura que se espera de um psicanalista”; então, O que é um Psicanalista?

No início, Freud se encarregava de reconhecer os analistas e nomeá-los como tais, em função de suas contribuições à prática e à teoria. A formação se organizava em torno das leituras, discussões e os intercâmbios pessoais das práticas clínicas individuais. No entanto, o avanço da psicanálise não podia ficar aí, e o reconhecimento da nova disciplina e a proteção da psicanálise levou a uma progressiva institucionalização que não deixou de remexer e deformar os procedimentos da formação dos aspirantes a analistas.

Tal institucionalização começou a exigir certos critérios nesses aspirantes e os desvios logo se evidenciaram em seu interior. Há uma história da institucionalização da formação dos analistas que se desenvolve em paralelo com a própria história da psicanálise, cujos pormenores não retomarei neste momento; porque o que realmente me interessa é mostrar como em nossa Escola, é um ponto crucial, o reconhecimento da análise do analista como o eixo de sua formação.

Sem dúvida, a formação daquele que ocupa o lugar da escuta em um discurso analítico, é contrário a outras formas de escuta nesse universo variado que podemos chamar de psicoterapias. Em uma psicanálise se busca que o sujeito se veja, se escute, se “a”-perceba. Como disse Samuel Beckett: “Aquele que está se queixando do sapato pode não estar consciente de que seu verdadeiro problema não está no calçado, e sim, nos seus pés e, sobretudo, na sua forma de caminhar”. (Beckett cit. Por Baldiz, 2007).

Na psicanálise, a demanda inicial que apresenta um paciente sempre se encontra com a benevolente abstinência do analista. O paciente se depara com as suas perguntas que não são respondidas diretamente, e cada pergunta conduz a uma nova pergunta ou uma devolução por parte do analista que o convida a “a”-veriguar. O analista escuta de forma cordial, mas não se propõe a compreender a partir das experiências compartilhadas; nem muito menos convida ao diálogo, porque não há diálogo possível no dispositivo analítico, na ausência de uma troca de experiências pessoais.

Procedendo assim, o analista, colocado em um espaço vazio, promove a possibilidade de um trabalho diferente e dá lugar à instauração da transferência. O fracasso da demanda inicial faz com que o sujeito se fale a si mesmo falando-se ao analista, levando-lhe a saber sobre esse outro, que o habita, e ao qual desconhece. Quero compartilhar com vocês uma vinheta clínica deste primeiro tempo das entrevistas preliminares:

Irma é uma mulher que se considera muito intelectual e racional, porém é muito intensa em seus afetos e durante as entrevistas preliminares ela tem um sonho: “Ontem à noite sonhei com você, sonhei que jogávamos em frente a um tablete ou Ipad ou algo assim, era um jogo no qual eu tinha que resolver um quebra-cabeça apertando uma tecla para obter respostas. Você só punha as teclas e quando eu tocava uma tecla aparecia uma resposta “és uma histérica louca”, que eu não queria ver... E mesmo quando você mudou as teclas, sempre me deparava com a mesma resposta”.

Como vimos, diante da demanda do paciente, o analista responde com o convite para que aquilo que lhe perturba, se fale. O analista pode saber de psicanálise e psicopatologia, mas não sabe nada desse paciente; portanto, não parte de uma posição de saber, mas sim de ignorância, fazendo abstração de seu saber, incluindo o colhido em sua experiência clínica, colocando-o à parte, mas não atrás; e operando a partir de outro ponto.

Qual é esse ponto a partir do qual o analista opera? É o desejo de analista ou a função “desejo de analista”, o qual nada tem a ver com o “sujeito analista”, como propôs Lacan.

“Em Freud, o analista representa um sujeito, ainda que o reconheça alienado ao lugar em que a transferência o coloca. Em Lacan, cada vez mais sua formulação irá no sentido de uma função, esvaziada da persona do analista, até o ponto de designa-la com um x. Mais ainda, até chegar a concebe-lo como puro resto de um discurso sob transferência”. (Dicker, 2011).

Lacan não tem dúvidas de que o analista “... está tão menos seguro de seu ato, quanto que nele está mais interessado em ser”... “e o que é certo é que os sentimentos do analista só têm um lugar possível nesse jogo, o do morto; e se se revive, o jogo prossegue sem que se saiba quem o conduz”; conseqüentemente, “faria melhor optando pela falta a ser que, por ser”.

Portanto, as coordenadas que o analista será capaz de alcançar para operar no dispositivo analítico são as de “... ocupar o lugar que lhe corresponde, definido como aquele que deve oferecer, vazio, ao desejo do paciente...” Então, o analista há de ocupar o lugar do Sujeito Suposto Saber e isto só é possível se se coloca em posição de semblante de objeto, objeto causa de desejo nessa experiência, encarnando o objeto “a”, suporte do fantasma do analisante.

Como um analista pode se prestar a colocar-se nesse lugar vazio, como semblante de objeto “a”, para dar lugar ao desejo do analisante? Novamente, tal pergunta nos leva à formação do analista.

Para chegar ao lugar de analista, é necessário mais que formação profissional ou estudos teóricos. A formação do analista implica o trabalho que aquele que escuta realizou com o inconsciente durante sua análise.

Na Escola proposta por Lacan, o analista só poderá ser o resultado de uma análise, nunca sua condição, e por esse motivo, o dispositivo de seu reconhecimento só pode ser estabelecido no final. Esta objeção de Lacan incide em particular sobre os mecanismos de seleção dos candidatos a analista praticada pela IPA, e sobre os critérios segundo os quais eles são admitidos na análise “didática”, critérios que têm variado ao longo do tempo.

Lacan afirma que toda análise em si é didática, e vemos que em nossa escola, a formação dos analistas se baseia em um tripé constituído por: a análise pessoal, a formação teórica e o controle ou supervisão dos casos. O que ocorre geralmente em todas as Escolas Psicanalíticas.

No entanto, o que distingue a nossa Escola das outras escolas de psicanálise, é que o analista não está na entrada, e sim na saída e, se houver tal reconhecimento, será no final.

Aqui a importância do Passe e a transmissão; porque o passe é um dispositivo que se encarrega de investigar sobre o inconsciente, a passagem de um analisante a analista e o fim de análise.

A Escola com a prova do passe e de cada um dos que participam do dispositivo, torna a psicanálise em algo vivo, como coloca Albert NGuyen. A transmissão desse saber permite a formação do saber psicanalítico, de uma escola de psicanálise e o avanço da psicanálise; portanto, o futuro da psicanálise se sustenta na formação dos analistas e na ética da psicanálise.

Neste sentido, a “formação do analista” conota a percepção da descoberta do inconsciente e da invenção da psicanálise por Freud. Fica claro que as colocações feitas no Wunsch 12 nos levam a refletir sobre as condições de formação para que haja analista; apesar de sabermos que só há analista a partir de uma análise, ao mesmo tempo, se não há analista, não há análise; por isso, o sentido subjetivo da expressão “Formação do Analista”, nos leva à Formação, onde o par analisante- analista é causa.

Concluindo, o futuro da psicanálise está na interrogação permanente sobre o desejo de analista, o analisante permanente depois da análise, que permite esta abertura ao novo e possibilitará o ensino; assim este acontecimento requer um tempo interminável e a formação do analista não é algo que possamos contabilizar no tempo cronológico, porque o inconsciente não trabalha neste tempo. “O saber psicanalítico só avança através da transmissão, e mostra em ato que o mais além do pai é possível, porque a atemporalidade é do inconsciente, e não da teoria, muito menos do seu saber fazer com isso aí, de sua arte”. (José Azar, *Actualidad y porvenir del psicoanálisis*, 2006).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZAR, J. (2006).- “Actualidad y porvenir del Psicoanálisis”. En www.lacanoamerica2007.org, fecha de recuperación, el 09/04/2010
- BALDIZ, Manuel (2007).- *El Psicoanálisis y las Psicoterapias*. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid: España.
- BRITO, M (2011).- “Un recorrido: Antes, durante y después del pase” Trabajo presentado en las Jornadas de Escuela de los Foros del Campo Lacaniano. Madrid, España.
- DICKER, S (2011).- “El deseo del Analista” *Revista Virtualia*. Buenos Aires: Argentina. Recuperado el 12/10/2012.
- FREUD, S. (1913).- “Iniciación al tratamiento” *Obras Completas de Freud*. Buenos Aires: Editorial Amorrortur.
- FREUD, S. (1918).- “Nuevos Caminos en la terapia psicoanalítica” *Obras Completas de Freud*. Buenos Aires: Editorial Amorrortur.
- LACAN, J. (1956): “Situación del Psicoanálisis y la formación del psicoanalista”- *Escritos 1*. Siglo XXI Editores. Buenos Aires. Argentina. 2da. Edición (2008)
- LACAN, J. (1958): “La dirección de la cura y los principios de su poder”- *Escritos 1*. Siglo XXI Editores. Buenos Aires. Argentina. 2da. Edición (2008)
- LACAN, J. (1964): “El Trieb de Freud y del Deseo del Psicoanalista”- *Escritos 2*. Siglo XXI Editores. Buenos Aires. Argentina. 2da. Edición (2008)
- LACAN, J. (1964): *Seminario Libro 11, Los Cuatro Conceptos Fundamentales del Psicoanálisis*. Editorial Paidós. Buenos Aires: Argentina (2002)

Tradução de Gracia Azevedo

Fulvio MARONE (Itália)

A experiência do passe

Em primeiro lugar, o título, em que o “do”, do genitivo, não tem uma função objetiva, mas, acima de tudo, subjetiva. Não é “a experiência de fazer o passe”, mas, antes: que tipo de experiência é a do passe? Que forma, que categoria? A pergunta pode parecer bizarra, ou ingênua, mas a mola propulsora do questionamento foi, para mim, a leitura do artigo de David Bernard “D’expérience(s)”¹. Ali, o autor se interroga sobre a questão da experiência, entre Freud e Lacan. Há muitas experiências, diz ele, a começar por aquelas chamadas experiências da vida: a experiência do gozo, a experiência da falta no Outro, a experiência da alíngua e da linguagem; a

¹ David Bernard. “D’expérience(s)” In: *Wunsch 12*, pp. 21-23.

experiência enigmática da psicose e da realidade sexual na neurose, a experiência do ser falante, a experiência de separação; a experiência analítica e a experiência de uma análise, enfim, que evidentemente não é a mesma coisa. David Bernard faz considerações muito interessantes sobre as relações entre experiência e corpo, mas não é disso que vou tratar em minha curta réplica.

O autor, antes, parte em seu artigo de uma afirmação de Freud, contida em seu prefácio ao livro de August Aichhorn “Juventude abandonada”², no qual Freud escreve, nas últimas linhas do texto, que tem o direito de exercer a análise aquele que aprendeu a análise “*durch Erfahrung an der eigenen Person*”:³ pela experiência feita sobre sua própria pessoa. A partir disso, David Bernard desenvolve seu argumento, seguindo o fio da influência “das expressões de nossa língua “comum” sobre o conceito de experiência. E é este fio condutor que eu gostaria de seguir, partindo também desta frase de Freud. Em alemão, há duas palavras para dar conta de nossa palavra “experiência”: *Erfahrung* et *Erlebnis*. *Erlebnis* é uma palavra composta a partir do verbo *leben*, que significa simplesmente “viver”. *Erlebnis* é a experiência que se tem, a experiência que se vive, singular e interior. *Erfahrung* é composta a partir do verbo *fahren*, que significa “ir, circular, viajar”, e designa a experiência que se faz, a experiência em geral: como a define o *Vocabulário da filosofia* de Lalande – que Lacan consultava muito, e que, através de um trocadilho, está na origem de alíngua⁴ – “O fato de experimentar alguma coisa, na medida em que este fato é considerado não apenas como um fenômeno transitório, mas como algo que amplia e enriquece o pensamento”⁵. A *Erlebnis* se focaliza sobre o evento; a *Erfahrung*, sobre a conhecimento que se obtém disso, e que não se pode obter apenas pelos livros.

Freud fala então, em seus textos, de *ärztliche Erfahrung*, *klinische Erfahrung*, *psychotherapeutische Erfahrung*, *analytische Erfahrung*: experiência médica, clínica, psicoterapêutica, analítica. Ele escreve: *nach meiner Erfahrung, die Erfahrung lehrt, unsere Erfahrung zeigt uns*: de acordo com minha experiência, a experiência ensina, nossa experiência nos mostra. Porém, ele diz: *bedeutsames Erlebnis, merkwürdiges Erlebnis, traumatisches Erlebnis, unerträgliches Erlebnis, unheimliches Erlebnis, erschütterndes Erlebnis*: experiência significativa, notável, traumática, insuportável, inquietante, perturbadora. A *Standard Edition* de James Strachey escolheu traduzir por *experiência* os dois termos, no que foi seguida pela maioria das outras línguas. As *Ceuvres complètes* de Jean Laplanche, ao contrário, acrescentaram de modo obstinado o adjetivo “vivido” à experiência, na tradução de *Erlebnis*, sem conseguir – em minha opinião – dar conta do desafio dessa diferença entre os termos.

Freud, naturalmente, não fala do passe. Porém, Lacan falou muito, e dedicou à experiência do passe sua intervenção na seção de trabalho sobre o passe no Congresso da Escola freudiana de Paris em La Grande Motte, em 3 de novembro de 1973.⁶ A experiência do passe, diz Lacan, é uma experiência em curso, experiência que ele produziu sob o modo da proposição. Ele propôs, em 9 de outubro de 1967, algo muito diferente de tudo o que o precedia: tratava-se de saber por que alguém corre o risco louco de tornar-se, em sua posição de discurso, objeto/dejeto para o outro. Era uma experiência radicalmente nova, mesmo em relação à novidade da análise na ordem dos discursos: uma experiência inesquecível para aqueles que participam dela. Lacan se apoia aqui em um célebre fragmento de Heráclito, *ta de panta oiakizei keraunos*, que se traduz geralmente “o relâmpago (o fogo) governa o universo”, mas que ele declara intraduzível. Lacan, contudo, extrai disso o suporte para uma afirmação que ele havia ouvido de algum dos participantes na jornada de trabalho: o passe é algo como o raio. Tal como um raio pode fazê-lo, o passe traz uma outra luz àquele que a ele se oferece, ele coloca em relevo uma certa parte obscura de sua análise: é por isso que ele pode ser definido “uma experiência absolutamente perturbadora” (*erschütterndes Erlebnis*, Freud teria dito). Porém, não há somente

² Sigmund Freud. “Préface à *Jeunesse à l'abandon*” In : *Ceuvres complètes*, XVII, PUF, pp. 161-163.

³ Sigmund Freud. “Geleitwort zu “*Verwahrloste Jugend*” In: *Gesammelte Werke*, XIV, Fischer, S. 567.

⁴ Jacques Lacan. *Je parle aux murs*. Paris: Seuil, p. 18.

⁵ André Lalande. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, PUF, pp. 321.

⁶ Jacques Lacan. “Sur la passe”, *Lettres de l'École freudienne*, 1975, 15, pp. 185-193.

isso na experiência “daqueles que aí participam”. Da análise, continua Lacan, se depreende uma experiência que implica a conquista de um saber, o saber inconsciente. Depois de uma experiência analítica – o que Freud chamaria de *analytische Erfahrung* – o sujeito pode ter aprendido por que truque isso se produz. Porém, se o analisando apenas aprendeu a apertar os botões necessários para que isso se abra no inconsciente, ele não aprendeu grande coisa, pouco importa o que seu analista crê. Não é esta experiência, diz Lacan, que é didática, que ensina algo. Isso não impede uma psicanálise de ser didática, ele continua, porém o didático da coisa reside alhures: na transmissão da outra experiência – ele deixa entender, ou eu entendo assim – a experiência vivida por aqueles que se expõem a isso, que se oferecem a isso.

Dizer algo sobre esse desejo inédito, que dá continuidade ao desejo de Freud e que Lacan chamou de “desejo do analista” foi o desafio de Lacan, sua (diz)solução dos dois grandes problemas que a análise freudiana havia deixado em suspenso: (a experiência do) fim de uma análise e a transmissão do saber (da experiência) analítico. Sua proposição – que transforma a experiência cumulativa da análise didática da IPA na experiência/raio do passe – nasce no seio da revolução que leva Lacan a inverter o sentido, a direção da pesquisa epistemológica tradicional. Ali onde havia a demanda sobre a cientificidade da psicanálise, ele pagou à ciência na mesma moeda, replicando-lhe: o que é uma ciência que inclui a psicanálise?⁷ Lacan fez isso no momento de sua excomunicação, quando foi deslegitimado a falar da experiência analítica por aqueles que eram seus fiadores, e ele se autorizou de si mesmo a falar de outra experiência: da experiência singular de uma análise. Se a psicanálise não é uma ciência, a questão não é procurar torná-la científica, mas trabalhar seu lugar de exclusão interna em relação à ciência, valorizando sua própria experiência. Portanto, se a ciência não pode fundar a psicanálise, é talvez a psicanálise que terá êxito em fornecer um suplemento à ciência, dizendo algo sobre o desejo do cientista.

Não ceder sobre sua experiência é a fórmula que David Bernard nos propõe no fim de seu artigo. Eu a leio sobre os dois eixos que procurei seguir: não ceder à seriação da experiência da análise, nos transformando em ratos no labirinto, que aprenderam a apertar os botões exatos;⁸ porém, também, não ceder à tentação de afogar a experiência analítica no mar do inefável. Porque o importante, Lacan dizia, é que isso se passa.

Tradução de Jairo Gerbase

Natacha VELLUT (França)

Impasses e passe do passador

O Colegido de Animação e de Orientação da Escola (CAOE) me propôs escrever um texto como réplica à *Wunsch* 12. Escolhi dar testemunho de minha função de passador, que me levou, entre dezembro de 2011 e setembro de 2012, a escutar e transmitir o testemunho de três passantes. Essa função de passador se articula segundo três tempos diferentes: a designação, a escuta dos testemunhos e a transmissão diante dos cartéis. Insistirei aqui nesse segundo tempo muito singular que constitui a escuta dos testemunhos dos passantes.

Essa experiência foi uma verdadeira travessia, que me levou de um ponto a outro e que me afetou. Ela não teria sido possível sem minha analista que me designou, sem “meus” três passantes que me ensinaram (voltarei ao prazer um pouco ridículo de escrever “meus” passantes), sem os dois cartéis que me escutaram e, creio eu, me ouviram. Que todos sejam agradecidos.

⁷ Jacques Lacan. *Séminaire XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Seuil.

⁸ Jacques Lacan. *Séminaire 20: Encore*, Seuil, pp. 127-129.

A designação do passador

Minha analista me preveniu sobre minha designação. Esta informação não relançou as voltas e desvios da interpretação do inconsciente-linguagem, voltas e desvios que constituem o longo trabalho da análise. Ela não foi vivida como uma “promoção” ou uma “sanção”,⁹ como uma gratificação ou como um imperativo. Foi uma informação de pura “cortesia”.¹⁰ Podia topar com “um encargo”¹¹, um passante poderia me chamar. Quando isso aconteceu, muitos meses depois, eu respondi sim com um certo entusiasmo, com a sensação de estar me engajando numa aventura inédita.

Entre essa designação e a primeira ligação do primeiro passante, precipitação lógica obriga a isso, terminei minha análise. Isso colocava em causa uma “boa” temporalidade para me designar como passador? A temporalidade entre o fim da análise e a decisão do passe é interrogada, questionada. Um passante se engajaria muito cedo ou muito tarde no passe?¹² Qual tempo seria necessário entre o fim de análise e a decisão do passe?¹³ Essas interrogações são as mesmas para a designação do passador? No caso do passante, a inexistência de uma regra válida para todos, é finalmente apontada. Um dos “meus” passantes que, aliás, foi nomeado, decidiu fazer o passe seis anos depois do fim de sua análise. Quanto a mim, escutei os passantes já não estando em análise. Eu estava só, sem Outro. O passe é a autenticação da separação com o Outro, e eu estava nesse “momento oportuno”, para retomar os termos de Albert N’Guyên,¹⁴ para ser ensinada.

Sem desenvolver mais precisamente esse outros dois elementos neste texto, informação do passador e temporalidade requisitada com relação ao fim da análise, eu os assinalo aqui para desvalorizar a noção de critérios estabelecidos na designação do passador, critérios sempre susceptíveis de alimentar os ideais ou os imperativos superegoicos.

O testemunho dos passantes

Existem poucos testemunhos sobre o recolhimento dos testemunhos dos passantes pelo passador. Parece-me, entretanto, que se trata do âmago do dispositivo, “o olho do ciclone” para tomar a metáfora proposta por Colette Soler, da zona de “turbulência”¹⁵ atravessada pelo passador.

Nós empregamos os termos de procedimento, de dispositivo, de funcionamento, para qualificar o passe. Um outro termo pouco valorizado no nosso campo me vem à mente, o de “enquadre”, para sublinhar aí a ausência manifesta. O tempo do testemunho dos passantes é o menos “enquadrado” pelo dispositivo. Não há regularidade das sessões. Não há número, duração, lugar fixados, nem mesmo sugeridos para os encontros entre passante e passador. O passador não está nem na posição de analista, nem em posição de analisante, ele não é nem júri e nem juiz¹⁶. Ele não tem posição precisa no discurso analítico no qual, entretanto, é convidado a entrar pelo passante. De onde fala o passador? De onde eu poderia questionar o passante? Como um “congêner” conversando com um par? Entretanto, passador e passante não são equivalentes. O passante decide, o passador consente. O passante está um passo a frente do passador.¹⁷ O passante testemunha, o passador recolhe o testemunho. O passador se depara com algo sem ordenação, sem cuidados, no discurso analítico. Simples testemunha, ele não teria que ser ativo no processo, o que sua designação e a expressão de “placa sensível”, utilizada para

⁹ Jacques Lacan (1967). *Communiqué du jury d'agrément à tous les membres de l'Ecole* In: *Wunsch* 11, nov. 2011, p.70.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ *Ibid.*

¹² Ver o texto de Albert N’Guyên. “Des bonnes surprises” In: *Wunsch* 12, junho 2012, pp.78-83.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ *Ibid.*, p.79.

¹⁵ Colette Soler. “Le passeur” In: *Wunsch* 12, junho de 2012, p. 3.

¹⁶ Jacques Lacan. *Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista de Escola* (1967), in *Wunsch* 11, nov. 2011, p.68.

¹⁷ Ver o texto de Marc Straus. “La vérité à la barre!” In: *Wunsch* 11, nov. 2011, pp. 22-25.

descrever sua função, podem sugerir. Entretanto, o passador está lá, presente, ativo, numa situação que eu qualificaria como altamente desconfortável. A ideia de que o passador deve saber interrogar, me interroga. Minhas intervenções ou questões durante o testemunho dos passantes não eram tranquilas. Uma passante recusou a noção de “gozo” que eu lhe propunha para qualificar uma conduta da infância; um outro, apreciou pouco uma questão sobre eventuais limites na sua prática de analista. Um terceiro julgou sem interesse uma questão sobre a idade de seus pais num momento chave de sua existência. Certos termos teóricos utilizados pelos passantes, como “pedaços do inconsciente real”, “corporização”, “pai no Um”, pareceram a mim como clichês, aplicadas aos ditos, e não decorrentes de um dizer, de uma “tagarelice para os passadores” diria talvez Lacan.¹⁸ Procurei, então, saber mais sobre isso, por vezes sem sucesso. O passante pode interrogar o passador, e fiquei bem sem graça com um passante que me sugeriu de falar de tudo aquilo no divã, divã que eu não frequentava mais. Questões como “você tem questões?”, “está claro para você?” tinham como efeito imediato me deixar sem voz. Não estava claro para mim, mas, devia eu dizer ou me virar? Optei pela segunda alternativa. Durante esses testemunhos eu era como um passageiro que embarca num avião do qual ele não conhece nem o piloto, nem o trajeto, nem o destino, muito embora ele espere que o avião chegue a seu destino, uma saída que faça do passante analista. As condições atmosféricas da viagem, as quais ele pressente que não lhe serão poupadas, não lhe são previsíveis. O avião está desprovido de qualquer aeromoça ou comissário de bordo, que poderiam tornar a viagem mais confortável com o auxílio de acessórios do “enquadramento”: nem almofada para a nuca, nem petiscos, com a escolha doce ou salgado, nem máscara para os olhos, nem tampão de orelha... Entretanto, eu tomei esse avião, apoiada num desejo de saber que ultrapassa o horror pressentido.

Quanto mais eu utilizo essa metáfora do avião, mais eu a aprecio. *Avions*, aviões, é o verbo *avoir* em francês, ter/estar, conjugado na primeira pessoa do plural. O passador e o passante estão sem o Outro, certo, mas não estão sem o outro e nem sem a Escola. *Avions* é o verbo ter/estar conjugado no imperfeito [éramos/tínhamos], um nome masculino, “sistema de formas temporais cuja função essencial nas línguas indo-europeias era de enunciar uma ação em vias de se realizar no passado e concebida como não concluída”.¹⁹ O passe é um ato e seu fim deixa um gosto de inacabado, pois ele relança um desejo de saber e revela um insabido.

Mais do que saber interrogar, parece-me que a função do passador é de não reduzir a velocidade, frear, desviar a trajetória do passante. “A única coisa importante é o passante”.²⁰ O passador está numa espera, numa espera ativa. Ele se sustenta de uma “espera particular. Ele se prende a escutar algo de uma demonstração, nos limites do saber, da passagem à analista”.²¹ Dou aqui um contraexemplo. Durante um testemunho, eu estava de tal forma angustiada pela situação que tive que suspender o testemunho tentando cair fora. Durante o que me pareceram três longos minutos, eu procurei o garçom com o olhar – nós estávamos num café – depois, chamei o garçom, em seguida, pedi novamente uma bebida (eu estava sofrendo visivelmente com a falta de uma aeromoça...). Esse espaço de tempo foi-me necessário para não mais escutar o passante e me compor. Esta pequena cena pode parecer completamente anódina, mas estava evidente para mim que, então, eu tinha procurado interromper, ou pelo menos, suspender o dispositivo do passe. Evidentemente esta pequena cena não é de forma alguma da mesma ordem como aquela de um passante sufocado pela angústia e que pede para postergar a data de nosso encontro. Trata-se, então da “precipitação de um monte de coisas”,²² algo que necessitava acelerar os encontros. O avião tem um piloto que se ignora piloto, o passante. O passante é dotado de um saber que não é sabido, mas que opera. O passante é decidido, se precipita com rapidez, convida

¹⁸ Jacques Lacan. *Discours à l'École Freudienne de Paris* (1969) In : *Wunsch* 11, novembro de 2011, p.70.

¹⁹ Definição do dicionário *Nouveau Petit Robert*, junho de 2000.

²⁰ Jacques Lacan. “Intervention conclusive aux assises d l'E.F.P. à Deauville” (1978) In: *Wunsch* 11, novembro de 2011, p. 76

²¹Rosa Escapa. “La dit-mension” du passeur” In: *Wunsch* 11, novembro de 2011, p. 8.

²² Jacques Lacan. *A l'école belge de psychanalyse* (1972) In: *Wunsch* 11, novembro de 2011, p. 73.

o passador a embarcar. O passador pode ser sacudido, assoprado, maltratado. A metáfora do avião convoca o ar, o vento, o sopro, tudo o que pode levá-lo embora. Ele pode temer o desligamento, confrontado com a queda do sentido, o advento do fora do sentido. Ele aceita, sob condições que ele não sabe formular, que o avião seja propulsionado pelo bem dizer, o encontro tecido pelo discurso analítico, que a materialidade/*moterialidade* desse meio de transporte compartilhado com o passante sejam a alíngua e o insabido que sabe.²³

O passador é o passe, mas o passe cabe ao passante. Donde, creio eu, esse pequeno prazer ridículo, mas um nadinha delicioso, de me reapropriar, neste texto, de “meus passantes”...

O depois do testemunho

Depois de cada testemunho, com maior ou menor intensidade, eu senti uma certa vertigem. Vertigem diante da “extraordinária redução”²⁴, associada à densidade da presença desse “alguém” que é o passante, presença que convoca corpo e afetos. A extraordinária redução é a redução significativa que, de um longo percurso analítico extraiu os significantes-chave, recolhidos em um ou dois enunciados que fizeram o destino e o rastreamento de partes da alíngua que fazem fixação real do gozo fora de sentido. A vertigem já está aqui com relação a um saber assegurado, articulado a um insabido irreduzível. Mas vertigem também diante desse “alguém” que tocou sua “diferença absoluta”.²⁵ Não se trata do sujeito da cadeia significativa, embora sejam de fato significantes que o comprimem. Não se trata do “ser que se esquivava, embora a destituição subjetiva “não é ela que faz o desser, ser antes singularmente e forte”.²⁶ Seria o caso de uma pessoa no sentido em que “é isso a personalidade”: é a maneira como cada um subsiste face a este objeto *a*,²⁷ mesmo se o objeto *a* é percebido em sua consistência de vazio? O passador encontra junto ao passante o real do “Há o Um” [*Y’a d’l’un*], “O Um sozinho do falasser, impossível de ser reduzido”²⁸.”

O passe é esse dispositivo que revela o vazio da despersonalização, o desser, mas que confronta um “alguém”, não qualquer um, “alguém” que tenha escolhido entrar, de se engajar e engajar outros no discurso analítico, um discurso, entretanto, “opcional”, como sublinha Colette Soler.²⁹

Essa consistência desse “alguém”, essa densidade do encontro, acoplados a esse quase nada da elaboração significativa levada até o fim, quase nada que faça destino, mas não se pode dizer o todo, isso me pareceram vertiginosos.

Sonhos de passe do passador

Na noite anterior ao testemunho diante de um dos cartéis, eu fiz o seguinte sonho. “Nós (meu marido e eu) saímos em viagem, estamos contentes. Na manhã da partida não reparamos no tempo que passa. O avião parte às 10h10. Chega um momento em que temos medo de perdê-lo, nós nos precipitamos. Chegando ao aeroporto somos informados de que podemos tomar o avião, o Senhor e Senhora Beaufort (!) haviam desistido. Mas nós não poderemos viajar juntos, nós estaremos separados. Aceitamos com alívio.”

No dia que antecede a transmissão de um outro passe eu sinto uma súbita preocupação. Será que guardei minhas anotações? Será que eu não as perdi? Naquela noite eu sonho que tenho os olhos colados, eu não posso ver, portanto, não posso ler. De manhã eu acordo com um enunciado na cabeça, simples e claro: “eu nada sei”.

²³ Colette Soler. *La fin, les fins*, in Wunsch 12, junho de 2012, p. 40/

²⁴ A expressão é de Albert N’Guyèn In : “Des Bonnes surprises” In: Wunsch 12, junho de 2012, p. 79.

²⁵ Jacques Lacan. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

²⁶ Jacques Lacan. « Discours à l’EFP » (1969) In : *Scilicet* 2-3. Paris : Seuil, 1970, p.21.

²⁷ Jacques Lacan. *Conférence à l’Université de Milan de 12 mai 1972. Du discours Psychanalytique*.

²⁸ Colette Soler. *Les affects lacaniens*. Paris, PUF, 2011, p. 125.

²⁹ Colette Soler. “Le temps long” In: Wunsch 11, novembro 2011, 9.4.

Esses dois sonhos, esses dois tempos de antes da transmissão do testemunho do passe são muito diferentes. Eles me afetaram de forma diferente.

O primeiro sonho tem uma textura que eu diria ser mais freudiana. É sonho a ser decifrado, sonho que produz sentido, é sonho-realização de desejo, sonho que conta uma pequena história. Partimos em viagem e eu não estou só. Nós estamos contentes, a satisfação está aí. Nós não prestamos atenção ao tempo, vivemos a espera antes da partida com uma certa despreocupação ou leveza. Era meu desejo viver assim a espera, antes da transmissão diante do cartel do passe. O avião parte às 10h10, isto é, na hora dos ditos, na hora de “dizer o dito” [*dit le dit*]. Nós corremos o risco de perdê-lo, mas o senhor e a senhora Beaufort desistiram. O imperativo superegoico se ausenta, deixa o lugar, nos dá lugar. Não se trata de ser belo e forte. Nós poderemos viajar mas estaremos separados O real separa, ele não faz laço, e é de um certo real que o cartel espera a manifestação. Nós aceitamos com alívio. É um sonho que se banha nos afetos positivos.

O segundo sonho tem uma textura mais lacaniana. É um sonho com o insabido, da angústia, do inconsciente real. “O real não é feito para ser conhecido”,³⁰ e eu nada sei. É um sonho que presentifica a queda do sentido, o fim da verdade, a opacidade do gozo (os olhos colados) e o impasse do saber. É um sonho-índice como propõe Marcelo Mazzuca, índice “de uma posição ou decisão adotada frente ao real”.³¹

São dois sonhos muito diferentes, e as duas saídas, da transmissão do passador e da elaboração do cartel foram diferentes. No primeiro caso, o cartel não nomeou o passante Analista da Escola, no segundo caso, sim. O primeiro sonho convoca mais o reconhecimento, o bem dizer, a satisfação, enquanto que o segundo confronta a um advento de real, um real insabido, mas provado, do qual pude testemunhar diante do cartel do passe. Devia eu sentir esse “nada” para que ele tivesse lugar no testemunho do passante?

Tradução de Elisabeth Saporiti

³⁰ *Ibid.*

³¹ Colette Soler. *Les affects lacaniens*, op. cit., p. 138.

Próximos eventos

VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA IF-EPFCL
Os paradoxos do desejo
Paris, de 26 a 28 de julho de 2014

IV ENCONTRO DA ESCOLA
O que se espera do passe?
Paris, julho de 2014.

Sumário

Editorial

por Dominique Fingermann 02

Ecoss do III Encontro Internacional da Escola

A Escola à prova do passe

Debate e segunda mesa-redonda de 9 de dezembro de 2011, sob a rubrica
A aposta do A.M.E. e suas consequências, transcrito por Albert Nguyên (França) 03

A análise: fins e consequências

Sol Aparicio (França), *Eu sou, seguindo o vestígio do Outro* 05

Luis Izcovich (França), *A verdadeira viagem* 07

Anita Izcovich (França), *Quando o indemonstrável faz prova* 12

Patricia Dahan (França), *O fim pelo sentido, fora de sentido* 16

Stéphanie Gilet Le Bon (França), *O caso de 9 de outubro* 20

Susan Schwartz (Austrália), *Momentos de separação* 25

Antonio Quinet (Brasil) *Sinthoma e semblante* 28

Sonia Alberti (Brasil), *Do A.M.E. : passe para além do dispositivo* 32

Michel Bousseyroux (França), 35

Resposta de Analista : VII Encontro da IF-EPFCL

Sonia Alberti (Brasil), *Um encontro no Brasil* 40

Marc Strauss (França), *O que responde o analista?* 42

Contributions des AE

Vicky Estevez (França), *A não resposta* 45

Lydie Grandet (França), *Ousar ser analista* 47

Trabalhos dos cartéis do passe

CARTEL 1

Dominique Fingermann (Brasil), *Uma carta nem sempre chega ao destino* 51

CARTEL 2

Nicole Bousseyroux (França), *Marcar o ponto de real* 54

Carmen Gallano (Espanha), *Marca de aventura* 56

CARTEL 3

Albert Nguyên (França), *Alguns pontos de parada* 58

Ana Martínez (Espanha), *A propósito das não nomeações* 62

Patricia Dahan (França), *O que conduz o cartel a se pronunciar* 66

Mario Brito (Venezuela), *O cartel do passe não é um cartel como os demais* 68

Você leu *Wunsch* 12?

Mario Brito, AE (Venezuela), *A formação do analista: o lugar daquele que escuta* 71

Fulvio Marone, AME (Itália), *A experiência do passe* 73

Natacha Vellut, passadora (França), *Impasses e passe do passador* 75

Próximos eventos

80

VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA IF-EPFCL

IV ENCONTRO DA ESCOLA

Wunsch 13 foi editado pelo CAOE 2010-2012

composto por :

Dominique FINGERMAN

Ana MARTINEZ

Patricia MUÑOZ

Albert NGUYÊN

Diagramação

Cícero OLIVEIRA

Agradecemos especialmente aos tradutores que tornaram possível a publicação deste boletim nas línguas de nossa comunidade (ainda não em inglês, por ora).

São eles:

Gracia AZEVEDO – Bittori BRAVO – Andrea BRUNETTO – Annalisa BUCCIOL – Valérie CAPDEPONT – Luis Guilherme COELHO MOLA – Andrea DELL’UOMO – Nathalie DOLLEZ – Vicky ESTEVEZ – Andréa FERNANDES – Dominique FINGERMAN – Cristina GAZZETTA – Jairo GERBASE – Roberta GIACCHÈ – Patrizia GILLI – Paola GIORDANO – Lydie GRANDET – Luciana GUARESCHI – Antonia IMPARATO – Maria Teresa MAIOCCHI – Fulvio MARONE – Carmine MARRAZZO – Ana MARTÍNEZ – Clara Cecilia MESA – Giorgio MEZZACAPO – Sonia MAGALHÃES – Paola MALQUORI – Diego MAUTINO – Ângela MUCIDA – Patricia MUÑOZ – Glaucia NAGEM – Albert NGUYEN – Bernard NOMINE – Cícero OLIVEIRA – Xabier OÑATIVIA – Maria Domenica PADULA – Graça PAMPLONA – Matilde PELEGRÍ – Montse PERA – Silvana PERICH – Mikel PLAZAOLA – Vera POLLO – Conrado RAMOS – Suzana RAMOS – Gustavo RESTIVO – Elisabeth SAPORITI – Ricardo ROJAS – Paulo RONA – Marina SEVERINI – Lia SILVEIRA – Fernando SILVÉRIO ALVES – Celeste SORANNA – Flavia TAGLIAFIERRO – Gaetano TANCREDI – Angélica TEIXEIRA – Elisabete THAMER – Francesca VELLUZZI – Rita VOGELAAR – Tereko ZABALLA

Revisão dos textos em francês

Dominique FINGERMAN

Cícero OLIVEIRA

